

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em História



Dissertação

O lugar da mulher nas páginas de *O Cruzeiro*: O caso de *Elegância e Beleza* e *Da Mulher para a mulher* na década de 1960.

Paula de Oliveira Vieira

Pelotas, 2014

Paula de Oliveira Vieira

O lugar da mulher nas páginas de *O Cruzeiro*:

O caso de *Elegância e Beleza* e *Da Mulher para a mulher* na década de 1960

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Pelotas, 2014

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes (Orientador)
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

.....
Profa. Dra. Rejane Barreto Jardim
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

.....
Profa. Dra. Ana Maria Colling
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

.....
Profa. Dra. Flávia Maria Silva Rieth
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

V657I Vieira, Paula de Oliveira

O lugar da mulher nas páginas de O Cruzeiro : o caso de elegância e beleza e da mulher para a mulher na década de 1960 / Paula de Oliveira Vieira ; Aristeu Elisandro Machado Lopes, orientador. — Pelotas, 2014.

132 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2014.

1. História. 2. História social. 3. Gênero. 4. O Cruzeiro. 5. Elegância. I. Lopes, Aristeu Elisandro Machado, orient. II. Título.

CDD : 306.09

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Agradecimentos:

Muitas pessoas foram importantes, com apoio, carinho e compreensão para a realização deste trabalho, e todos merecem, da mesma forma, meu sincero agradecimento por fazerem parte comigo desta jornada chamada mestrado.

A minha mãe, Ângela Cristina Vieira, e meu irmão, Elwis Vieira, pelo carinho, apoio e estímulo em todas as horas. Ao meu parceiro de jornada e meu amor, José Eduardo Lovatel Matias, por não me deixar ver o tempo passar sem me movimentar. Sempre com afeto e amor, vocês me mantiveram forte em toda a jornada, meu agradecimento cheio de amor.

Aos amigos das horas mais anônimas e dos momentos mais simples, meu agradecimento por encher meus dias de momentos felizes, pelas ricas manhãs regadas a chimarrão e boas conversas e as noites de boa comida, momentos únicos que sempre agiam como um bálsamo para amenizar meu cansaço e desânimo.

Ao Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes, pela orientação, dedicação e disponibilidade.

À Profa. Dra. Márcia Janete Espig, pela ajuda inestimável em várias etapas desse caminho.

À Profa. Dra. Rejane Barreto Jardim, por me acompanhar em uma etapa desse caminho.

A Tiane Lovatel, pela acolhida carinhosa em sua casa na etapa de pesquisa.

A todos, o meu sincero agradecimento por fazerem parte da minha vida.

Que a vida é mesmo

Coisa muito frágil

Uma bobagem

Uma irrelevância

Diante da eternidade

Do amor de quem se ama

(Nando Reis)

*Em memória do meu pai, Paulo Renato
Vieira.*

Resumo:

O *Cruzeiro* era uma revista de variedades, abrangia vários assuntos da sociedade brasileira. O foco desta dissertação são as páginas dedicadas às mulheres. Sendo assim, as seções analisadas foram *Elegância e Beleza* e *Da Mulher para a mulher*. Em *Elegância e Beleza* as mulheres deveriam cuidar de sua saúde e aparência para não perderem a feminilidade, característica muito defendida pela revista. A mulher deveria obedecer a certos padrões de beleza, um dos mais enaltecidos era a magreza. Para ser bela, a mulher tem de ser magra: a estética que mais aparece como um referencial de beleza, além da juventude. Desse modo são representados padrões de beleza feminina, como uma mulher deve ser e como proceder para atingir um padrão de beleza aceito e desejado. A segunda seção trabalhada, *Da Mulher para a mulher*, funcionava como um suposto correio sentimental, no qual mulheres e homens escreviam para a seção relatando seus problemas emocionais e afetivos. A seção funcionava como uma reguladora da vida feminina, regulava como as mulheres deveriam ser e agir em sociedade, reforçando um papel estereotipado e machista de que a mulher é inferior ao homem.

Palavras-chave: História, Gênero, *O Cruzeiro*, *Elegância e Beleza*, *Da Mulher para a mulher*.

Abstract:

O *Cruzeiro* It was a magazine of varieties, covering various subjects of Brazilian society. The focus of this dissertation are the pages devoted to womens, therefore the sections *Elegância e Beleza* and *Da Mulher para a mulher*, were analyzed. In *Elegância e Beleza*, women should take care of your health and appearance to avoid losing femininity, a characteristic arduously defended by the magazine. The woman should meet certain standards of beauty, one of the most exalted is thinness. To be beautiful the woman has to be thin. The aesthetic that appears more as a benchmark for beauty is the youth. Standards of female beauty are represented, how a woman should be and how to achieve a standard of beauty accepted and desired. The second section, *Da Mulher para a mulher*, worked like a sentimental post, where women and men wrote to the section reporting their emotional and affective problems. The section functioned like a regulator of female life, regulating how women should be and act in society, reinforcing a stereotypical and sexist role that women are inferior to men.

Keywords: History, Gender, *O Cruzeiro*, *Elegância e Beleza*, *Da Mulher para a mulher*.

Lista de Figuras

Figura 1 - Mulher de Toalha.....	37
Figura 2 - Mulheres na praia.....	38
Figura 3 - Mulheres sorrindo.....	40
Figura 4 - Mulher usando um produto de beleza.....	45
Figura 5 - Propaganda de cosméticos.....	46
Figura 6 - Propaganda de <i>Soutien</i>	47
Figura 7 - Casal de namorados.....	78
Figura 8 - O casal e os dois filhos.....	79
Figura 9 - A noiva em preparação para o casamento.....	92
Figura 10 - Dona de casa.....	95
Figura 11 - Família.....	99

Sumário:

Introdução.....	9
1. <i>Elegância e Beleza</i> : um manual para a perfeição física feminina.....	19
1.1. <i>O Cruzeiro</i> de Assis Chateaubriand.....	19
1.2. Os espaços para a mulher dentro de <i>O Cruzeiro</i>	25
1.3. <i>Elegância e Beleza</i>	30
2. <i>Da Mulher para a mulher</i> : um correio sentimental.....	52
2.1. Como deve ser uma mulher para a seção <i>Da Mulher para a mulher</i> : A “feminilidade” em alta, aliada às regras de comportamento.....	55
2.2. A preocupação de todas as mulheres: O Amor.....	68
3. O fechamento de um ciclo: para atingir o auge da realização feminina.....	81
3.1. Sexualidade, para que fim? Uma discussão em <i>O Cruzeiro</i>	81
3.2. Matrimônio, a consagração de um ciclo da vida feminina: Uma profissão de Amor.....	92
3.3. O último pilar da consagração feminina: a sagrada maternidade.....	106
Conclusão.....	121
Referências.....	126
Fontes.....	132

Introdução

O objetivo desta dissertação de mestrado é trabalhar com a questão: como as mulheres e os padrões de feminilidade eram representados dentro de *O Cruzeiro*, na década 1960. O período escolhido para a análise não foi algo pensado por acaso, a década em questão é a última década completa de publicações desse periódico. *O Cruzeiro* mantém suas tiragens até 1975 (CUNHA, 2009). Porém, foi escolhida a década 1960, pela ausência de pesquisas que se debrucem sobre esse período, constituindo-se em um recorte fértil para pesquisa.

As pesquisas sobre *O Cruzeiro* são vastas, contudo os pesquisadores se concentraram a partir da década de 1940 até meados de 1960, o que corresponde ao período de auge desse periódico, conforme diversos autores (COSTA, 1992; CUNHA, 2009; FERREIRA, 2008). Há também um número significativo de trabalhos que se dedicaram aos primeiros anos de publicação da revista no final da década de 1930. Mas a década aqui em questão continua sendo negligenciada pela maioria das pesquisas históricas sobre imprensa.

Existem duas pesquisas importantes, a tese de Ana Maria Mauad (1990) e a dissertação de Carla Bassanezi Pinsky (1996). Nenhuma se aventura na década de 1960, no caso da pesquisadora Ana Maria Mauad, como explicação, apenas é argumentada uma mudança de linha editorial e de recorte de pesquisa, o que em outros textos da autora, aparece como início do período de declínio devido a “problemas de gerenciamento e políticos” (2008, p.8).

Em 1954, com a cobertura do suicídio de Getúlio Vargas, a revista atingiu suas maiores tiragens, mais de 700.000 exemplares (CUNHA, 2009; MAUAD, 1990). Segundo Carla Bassanezi e Leslye Ursini a revista constava em “Primeiro lugar entre as revistas no IBOPE durante toda a década de 1950” (1995, p.243). Em meados da década de 1960 começa a observar dificuldades no mercado editorial, quando passa a sofrer concorrência maior de outras revistas que se modernizaram, e também, acaba perdendo parte do *glamour* para a televisão.

Como dito, existe uma carência de pesquisas que abarquem a década de 1960. Sobre a revista *O Cruzeiro*, Bassanezi e Mauad pesquisam esse periódico até 1964. Mas, além disso, não existe nenhuma outra pesquisa de fôlego como uma tese ou dissertação que ultrapasse 1964. As pesquisas de Mauad (2005) se concentram mais no aspecto foto-jornalístico que *O Cruzeiro* tinha, o que, no início da década de 1930, era um grande diferencial, comparando com outras revistas do mesmo período, os quais não possuíam um caráter ilustrativo com tanta força. Há uma quantidade significativa de trabalhos acadêmicos que analisam esse periódico. No entanto, a maioria das pesquisas dá ênfase às imagens que *O Cruzeiro* trazia em suas páginas, havendo uma carência em pesquisas que estudem os textos nas publicações desse periódico.

Pesquisas preocupadas com as relações de gênero e história das mulheres e que se utilizam de fontes como revistas e jornais são muito frequentes e bem exploradas. O caso de *O Cruzeiro* não é diferente, existe uma imensa quantidade de pesquisas sobre gênero e história das mulheres utilizando esse periódico como fonte para analisar diversos aspectos dentro do universo das relações de gênero. Um dos objetos de maior interesse das pesquisas são as mulheres em suas relações sociais. Destacam-se estudos sobre a maternidade, como a figura materna era representada em propagandas que comercializavam produtos para a infância, como o discurso médico esteve ligado à importância de cuidados maternos entre outros (FERREIRA, 2008). Existe também uma concentração de trabalhos que exploram a concepção de feminino dentro das propagandas de produtos de beleza no periódico (RIBEIRO 2009).

Para exemplificar, têm-se as pesquisas que se dedicam ao estudo de seções da revista como é o caso de Bassanezi e Ursini, que fizeram uma análise sobre uma das mais famosas seções de *O Cruzeiro*, intitulada *Garotas*. As autoras analisam como a seção reproduzia um estereótipo de juventude feminina branca, de classe média do Brasil, mulheres jovens que desfrutavam de uma maior liberdade social, mas que ainda estavam sujeitas a uma hierarquia masculina. Existem pesquisas ligadas às relações matrimoniais de como o casamento era visto pelo periódico em questão, como eram difundidos os valores de felicidade conjugal, como as mulheres deveriam se portar para que o seu casamento fosse pleno e feliz (BASSANEZI, 1996).

Muitos trabalhos abordam a questão de gênero dando maior ênfase às mulheres, explorando questões ligadas à representação do corpo feminino, trabalhando com as fotografias, explorando esse caráter tão ilustrativo, o texto imagético que *O Cruzeiro* possuía. Analisavam como o corpo feminino foi sendo constituído ao longo dos anos pelos discursos presentes em suas páginas (FRANCISCHETT, 2007).

O Cruzeiro foi um pioneiro no uso das fotorreportagens, elevando as imagens à igualdade de importância com o texto escrito. Esta dissertação, mesmo enfatizando os textos escritos, não irá descartar a importância das imagens em um periódico que foi o precursor do uso de fotografias em suas matérias. Possuindo um caráter extremamente ilustrativo, não pode ser ignorada a presença importante da análise das imagens referentes às mulheres, para se entender o todo do texto produzido¹.

Além disso, os estudos sobre imprensa se constituem em um campo fértil para a historiografia, raro são os trabalhos que não usam pelo menos, uma ou mais de suas fontes com a imprensa, sendo ela jornais ou revistas. E cresce o uso de estudos de periódicos como fonte primária e como objeto de análise para a elaboração do trabalho, que é o caso específico desta pesquisa. Em colóquios, encontros de história e em outros momentos de discussões acadêmicas, crescem os espaços de debate sobre o uso da imprensa e sua importância como fonte histórica, os cuidados que se deve ter no manuseio e análise dessas fontes.

Citando Tania Regina de Luca, a preocupação dos estudos de imprensa vai além de se “escrever a História da imprensa, mais mobilizar para a escrita da História por meio da imprensa” (DE LUCA, 2010, p. 111). Hoje, o uso dos periódicos como fonte está difundido, não existindo barreiras no uso desses como fonte para a pesquisa histórica. Sabe-se que toda fonte histórica deve passar pelo mesmo grau de criticidade por parte do historiador.

A imprensa, como qualquer outra fonte histórica, tem e deve ser analisada de forma crítica, pois qualquer fonte deve ser analisada com um olhar criterioso, porque nada é imparcial e neutro. Não é diferente com os trabalhos com revistas e jornais, ambos são produções de seu tempo, foram produzidos com um ideal imbricado de

¹ As imagens se constituem um campo de análise extremamente prolífero e importante nos estudos de História, sendo que somente a imagem pode se constituir em elemento de análise ou objeto de análise.

ideologias, como qualquer outra fonte que um historiador ou qualquer outro pesquisador utilize.

O olhar crítico não deve ser uma característica somente dos historiadores que trabalham com imprensa, mas deve ser uma preocupação primordial com o manuseio de qualquer outra fonte. No entanto, é evidente que, ao trabalhar com um periódico, no caso desta dissertação, com a revista *O Cruzeiro*, as preocupações podem ser um pouco distinta, não pelo olhar crítico, mas pela ampliação do leque de observações acerca da publicação. Tais como a que grupo de pessoas interessam as abordagens de temas sobre o cotidiano de mulheres e homens? E com a difusão de ideias, quais regras que devem ser aprendidas?

Nomear um critério metodológico para o uso das fontes periódicas é um trabalho infinito, visto que cada historiador possui a sua metodologia para o trato com suas fontes, independente de serem periódicas ou não, e a variedade de abordagens e a multiplicidade de fontes são tão amplas que cada pesquisador faz o seu interrogatório da maneira mais conveniente ao seu projeto. Porém, alguns critérios devem ser ressaltados para o melhor funcionamento e eficiência da pesquisa nessa área. “Encontrar as fontes e constituir uma longa e representativa série, caracterizar o grupo responsável pelas publicações. identificar o grupo a quem se destinava, identificar os principais colaboradores” (DE LUCA, 2010, p. 111). Esses são alguns requisitos aconselhados para o trato com fontes periódicas.

Esses são alguns dos cuidados que um historiador que trabalha com periódicos deve ter para o bom funcionamento de sua pesquisa. Para historiadores que trabalham com fontes impressas, há também uma preocupação que não pode ser esquecida, muito menos ignorada. Não devemos esquecer que a mídia, neste caso, a revista *O Cruzeiro*, é um investimento empresarial. Como tal, está a serviço de alguém ou de um grupo de pessoas com um interesse em comum, objetivando, com esse investimento, um lucro financeiro. Assim, é necessário ter sempre em mente que o discurso contido no periódico é criação de alguém e que o objetivo primordial de uma empresa é conquistar e manter um público, sendo esse modelo de imprensa empresarial citado acima um acontecimento do século XX. Antes da década de 1930, o que havia era uma imprensa mais “artesanal”, servindo a um interesse pessoal ou de um grupo, às vezes, político. Mas não, com um formato de um conglomerado empresarial visando a um lucro e a uma rentabilidade imediata.

Outros critérios para a elaboração desta dissertação foram analisados como a disposição das informações dentro de *O Cruzeiro*. A revista era dividida em vários blocos ou seções, tratava de cinema, política, esportes, por vezes, de temas religiosos e mantinha um espaço cativo para abordar temas referentes ao cotidiano de seus leitores, possuía colunas onde mantinha colunistas importantes, como Raquel de Queiroz, que escrevia sempre a coluna da última página. Também, era repleta de propagandas sobre os mais variados produtos e serviços, guardava o lugar para o humor, como no espaço dedicado ao tão famoso Amigo da Onça e as charges de Carlos Estevão. Todavia, o que será analisado profundamente nesta dissertação de mestrado é o espaço dedicado ao chamado público feminino dentro da revista.

Esses chamados espaços femininos ou, como denominava o índice da própria revista, *Para a mulher*, merece destaque, pois se caracteriza como um diferencial para a época, já que esse espaço reservado para as mulheres foi uma preocupação inédita de *O Cruzeiro*. Segundo Tania Regina de Luca, *O Cruzeiro* era considerada uma revista de “variedades” (2010, p. 121). Abrangia vários temas, desde o cotidiano até assuntos políticos, também possuía um grande espaço dedicado às propagandas de bens e serviços. Entre as propagandas de produtos, é visível o grande número de produtos ligados à higiene e beleza feminina.

Um caráter relevante refere-se às pessoas que escreviam esse chamado espaço para o feminino. Diferente de colunistas importantes, como a já citada acima Raquel de Queiroz, que vai abordar diversos temas em sua coluna, os espaços para o feminino não terão o mesmo cuidado em possuir nomes de destaque. *Garotas*, outra coluna importante da revista vai contar com a assinatura de Alceu Penna, na parte ilustrativa que, com o sucesso de suas *Garotas* vai se tornar um nome conhecido e influente no cenário da moda nacional (PINSKY, 1995). Já no que concerne aos textos da seção *Garotas*, havia vários nomes. Entre os mais conhecidos, que constituíram um longo período escrevendo para a revista, estão Edgar Alencar e Maria Luiza Castelo Branco; esporadicamente, essa seção recebeu textos de Millôr Fernandes (PINSKY, 1995).

A seção *Elegância e Beleza* possuía a assinatura permanente de Elza Marzullo, diferentemente da seção *Da Mulher para a mulher*, que era assinada por um pseudônimo, Maria Teresa. Marzullo existiu e foi uma das colaboradoras da revista, escrevendo *Elegância e Beleza* até o final da seção. Em relação à *Da*

Mulher para a mulher, a assinatura de Maria Teresa consiste em um pseudônimo, pois não há como saber se a coluna era escrita por uma pessoa ou por um grupo.

O uso da imprensa nos estudos de gênero vem sendo trabalhado de forma muito construtiva nesse campo de estudos para a historiografia, buscando representar as mulheres como agentes sociais e culturais de seu tempo. A escolha de *O Cruzeiro* não foi fortuita ou por acaso, essa publicação abrangeu grande parte do século XX e, como já mencionado, possui uma imensa gama de trabalhos que exploram diferentes períodos de suas publicações e diferentes temas. Mas o que revela a relevância do periódico para a construção desta dissertação é o seu inegável ineditismo em incluir, em seu índice, um espaço dedicado à mulher, além de representar a figura feminina em diversas formas dentro do semanário.

O que chama atenção em *O Cruzeiro* é a diversidade de conteúdos dentro de suas páginas sobre as mulheres. E a maneira como a figura feminina é explorada tanto nas fotografias das capas, quanto em matérias dentro da própria revista. A mulher também é muito usada nas propagandas de bens de consumo, como produtos de higiene, beleza e nos eletrodomésticos. Enaltecendo a imagem das mulheres ligadas aos bens de consumo, não desconsiderando que outras publicações semelhantes e de períodos posteriores usassem o mesmo recurso visual, mas em um Brasil em período de modernização, na década de 1960, *O Cruzeiro* é um veículo midiático que divulga as novas tecnologias para o lar, o maior número de bens de consumo aliado a uma representação feminina, demonstrando uma preocupação e abrindo espaço publicitário para uma indústria em expansão (FRANCISCHETT, 2007).

Os estudos das mulheres e de gênero devem, cada vez mais, explorar as fontes periódicas, uma vez que representam um espaço no qual o feminino ganha maior visibilidade social. A representação de figuras femininas aparece com grande força nas revistas, e *O Cruzeiro* é um exemplo forte disso, já que são raras as capas dessa revista que não apresentam a imagem de uma mulher. As mulheres são representadas mesmo fora do seu espaço específico e enunciado no índice, elas aparecem em notas de humor de maneira ridicularizada e de outras maneiras, representadas como um ideal de beleza a ser copiado, assim como ligadas aos bens de consumo. Dessa forma, *O Cruzeiro* também ditava a moda das ruas das cidades. A beleza feminina era muito destacada nas publicações desse periódico.

O periódico ainda é considerado muito importante para as pesquisas de gênero, pois, ao mesmo tempo em que é uma publicação que revela a figura feminina para o meio social, também defende valores morais muito caros para a visibilidade da mulher como um ser social independente da figura masculina. Por outro lado, a revista revela a mulher em suas imagens, porém ela a encarcera em um ciclo de dependência ao homem. Defendendo e divulgando a subjugação feminina ao mundo patriarcal, o que será trabalhado nos próximos capítulos.

Portanto, *O Cruzeiro* foi uma das primeiras revistas brasileiras a destinar espaços específicos às mulheres, algo até então, pouco visto na imprensa nacional. Esse foi um dos fatores que instigaram o interesse desta pesquisa em perceber o tratamento destinado às mulheres em um período em que elas se tornaram mais públicas. E, também, passaram a descobrir mais o corpo, uma vez que *O Cruzeiro* mostra a sensualidade feminina em suas imagens, que em alguns momentos entram em contradição com alguns de seus textos que ressaltam o recato.

É sabido que uma revista é composta de várias mentes e várias mãos, por isso a década estudada é imensamente interessante para as publicações, enquanto as matérias sobre moda acompanham tendências internacionais, revelando cada vez mais o corpo feminino. Alguns textos sobre feminilidade não acompanham esse raciocínio de maior liberdade. E, para teorizar este trabalho, o conceito de representação defendido por Roger Chartier é o mais propício.

O referencial teórico deste trabalho gira, principalmente, em torno da noção de representação. No sentido daquela utilizada por Roger Chartier no âmbito da Nova História Cultural, que surge a partir de 1980. Segundo Chartier, a história cultural tem a função de “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p.16-17). Nesse aspecto a noção de representação tem papel fundamental, pois não se constitui em uma cópia absoluta do real, mas em uma construção que se edifica a partir de práticas, discursos e estratégias.

Para Roger Chartier, as representações de um mundo social são determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Nesse caso, as representações femininas, na revista *O Cruzeiro*, podem ser forjadas pelos interesses do grupo de idealizadores desse periódico, colocando a mulher em uma categoria idealizada e utilizando recursos, visuais e textuais, para promover um sentimento realmente relacionado ao que está exposto no periódico. Como Ana

Maria Mauad afirma, *O Cruzeiro* tinha o intuito de ser um espelho fiel e real da sociedade (MAUAD; LOPES, 2012). Espelho esse que poderia criar imagens distorcidas da realidade, forjando a sua própria ideia de real.

No caso de *O Cruzeiro*, procuro analisar qual realidade que a revista deseja criar para seus leitores, em que “lutas de representações” (CHARTIER, 1990, p.17) o periódico se insere. Como essa revista representa as mulheres, em que lugar social ela as insere. De que forma a visibilidade feminina se dá, que é tão presente em imagens de capa de *O Cruzeiro*, como ela é colocada nos textos e nas matérias ligadas às mulheres.

Este trabalho também pretende usar, como amparo teórico, a obra de Elisabeth Badinter em seu conhecido livro *Um Amor Conquistado: O mito do amor materno*, de 1985. Nesse livro Badinter desfaz a ideia de que as mulheres possuem uma natureza maternal, de amor e cuidados com os filhos. A autora explora as relações de sociedades patriarcais, fazendo um levantamento de como a sociedade foi exigindo das mulheres mais cuidados com seus filhos. De como valores vão sendo construídos, e as relações sociais, modificando-se.

Explora que o amor materno não foi algo natural, e sim construído socialmente, passando assim a se valorizar a infância e a figura materna aliada à condição de protetora. Badinter trabalha a fundo as construções e criações de um chamado instinto maternal, revelado como algo socialmente construído, representado como natural da existência feminina (BADINTER, 1985). Essa obra é fundamental para a construção desta dissertação. Isso porque, *O Cruzeiro* irá defender, por muito tempo o instinto materno e o amor materno como inerentes às mulheres.

Não poderiam faltar para a construção desta dissertação as obras de Joan Scott, que, pode ser considerada uma das pioneiras do gênero elencado como uma nova categoria de análise. Foi ela uma das primeiras pesquisadoras que se preocuparam em teorizar a categoria gênero, para que seu emprego não fosse confundido erroneamente como sinônimo na história das mulheres. Essa autora aponta as questões de gênero como um caminho de análise relevante para compreender as relações de poder entre masculino e feminino (SCOOT, 1990).

Ao utilizar a análise de gênero em uma pesquisa para construir um campo de estudo, busca-se desnaturalizar diferenças entre homens e mulheres, porque as relações entre ambos não é algo que possa ser considerado parte do âmbito natural,

e sim uma rede complexa de interações socialmente construídas. Esses são alguns dos eixos teóricos que guiarão este trabalho, os demais aparecerão conforme a pesquisa necessitar.

Foram pesquisadas as edições de *O Cruzeiro* no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa. Os textos e imagens que esta dissertação apresentarão foram reproduzidos através de fotografias. Por tal motivo, sofreram alterações nos tamanhos das imagens originais e tiveram os textos transcritos na íntegra, ou e parcialmente, nos casos em que não foi necessário transcrever a fonte totalmente.

Este trabalho divide-se em três capítulos. O primeiro abordará um dos espaços dedicados ao público feminino, *Elegância e Beleza*, um espaço em *O Cruzeiro* que funcionava como um manual para as leitoras, sobre os cuidados com o corpo. O segundo capítulo da dissertação será dedicado à análise das representações femininas, posteriormente, aos cuidados com a beleza, à preocupação com o Amor e, também, às regras comportamentais ditadas para as mulheres, aprofundando várias questões referentes a esses aspectos defendidos por *O Cruzeiro*. Nesse momento será analisada a seção *Da Mulher para a Mulher*, que funcionava dentro da revista como um consultório sentimental.

Por último, será analisada, no terceiro capítulo, a questão do casamento e da maternidade dentro da revista, formando, assim, um tripé para a formação e criação da mulher ideal. Aquela que se preocupa com o corpo e a estética, para a manutenção e ou obtenção do tão sonhado casamento, para, por fim, consagrar a mais perfeita das intenções feminina, a maternidade. Esses três capítulos examinam grande parte desse espaço para o feminino.

A análise das duas seções são julgadas as mais importantes para a conjuntura dos estudos de gênero neste trabalho, pois se trata da ideia de uma perfeição feminina e um lugar específico para as mulheres, do mesmo modo como *O Cruzeiro* vai ser um grande difusor dos famosos concursos de beleza espalhados pelo Brasil e o mundo, revelando as mulheres mais belas para seu público. Essas duas seções da revista assemelham-se os concursos de beleza, que coroam e colocam as faixas nas mais belas. As duas seções de *O Cruzeiro* tentam, fazer o mesmo com suas leitoras. Com *Elegância e Beleza* vinculam-se as mulheres aos padrões de beleza defendidos pela revista, e *Da Mulher para a mulher* coroam-se as mulheres com o matrimônio e a maternidade.

Com esses três capítulos, é visível que não é possível abraçar o todo da revista, que era uma publicação extensa, variando de 110 páginas a 140 páginas. Mas o intuito desta dissertação é focar-se nos textos pedagógicos que *O Cruzeiro* difundia. Em *Elegância e Beleza*, encampando padrões de beleza, em *Da Mulher para a Mulher* defendendo e reforçando estereótipos femininos de submissão ao masculino.

1. Elegância e Beleza: um manual para a perfeição física feminina

1.1. O *Cruzeiro* de Assis Chateaubriand

Escrever sobre a revista *O Cruzeiro* e não ressaltar a importância da empresa *Diários Associados* para a formação desse periódico é um erro. Isso porque, muitos colunistas dessa revista também trabalhavam para os *Diários Associados*, que correspondia a um colossal aglomerado de empresas de Assis Chateaubriand, ao qual *O Cruzeiro* estava integrado. Essa empresa da comunicação era constituída por 34 jornais, 38 emissoras de rádio, uma editora de livros e 16 emissoras de televisão (FRANCISCHETT, 2007).

O Cruzeiro foi a menina dos olhos, a publicação que despendia maior atenção de Assis Chateaubriand, e foi o periódico que mais recebeu destaque dentro dos *Diários Associados*. Ao contrário do que muito se tem veiculado, a identificação de *O Cruzeiro* sempre ligada a Chateaubriand, é errada. O projeto inicial desse novo e inovador periódico não surgiu das mãos desse empresário. Ele comprou o periódico de Carlos Malheiro Dias antes mesmo de ser lançado no mercado nacional. Malheiro idealizou a revista, mas por fatores financeiros, vendeu-a em 1927 para o então empresário em ascensão Assis Chateaubriand. No início da década de 1920, Chateaubriand era dono de apenas um jornal, nos anos de 1930 já estava no comando dos *Diários Associados*, um verdadeiro império da mídia.

A nova publicação foi idealizada como uma revista semanal com uma roupagem diferente das demais então em circulação, apostando em um caráter mais ilustrativo, com abrangência em todo o Brasil, ao menos nas capitais. O surgimento da revista *O Cruzeiro* é considerado por vários pesquisadores como uma revolução no caráter ilustrativo das revistas, como um precursor da fotorreportagem. Seu

primeiro número é lançado em 1928, a revista ainda não possuía, no título “O”, que foi acrescentado em 1929. Seu lançamento e divulgação tiveram ajuda financeira de Getúlio Vargas, amigo de Chateaubriand. O *Cruzeiro* se diferenciava das demais publicações pelo seu caráter misto, ou seja, abrangia, em seu interior, temas que iam do cotidiano a assuntos políticos internacionais (FRANCISCHETT, 2007).

Essa revista trouxe para si o título de uma ideia nova no cenário editorial brasileiro. Na década de 1930, O *Cruzeiro* vive o momento de sua consolidação editorial entre as demais publicações da época. Um dos fatores para essa consolidação rápida foi o suporte impresso usando cores, fugindo do tradicional preto e branco usado, na época pela maioria dos semanários (NETO, 1998). Esse artifício das cores deu considerável destaque para O *Cruzeiro*, em um mundo onde os impressos eram em preto e branco. O uso das cores no periódico é mais destacado, pois será um recurso muito usado no trato com as imagens, principalmente, com as fotografias.

A revista pode ser dividida didaticamente em diversos períodos cuja trajetória sofreu algumas modificações estruturais e textuais. A primeira fase é caracterizada pelo ano de 1928, esse tempo curto é marcado ainda pela permanência de padrões estéticos do século XIX. E as fotografias são cedidas por leitores e alguns colaboradores. O formato das imagens sempre permaneceu grande, dando uma maior valorização ao conteúdo gráfico (FRANCISCHETT, 2007).

A segunda fase pode ser caracterizada a partir de 1930, nesse período, O *Cruzeiro* publicava um enorme volume de fotos, mas não possuía ainda uma organização, visto que essas imagens não obedeciam a uma narrativa. Fotos de artistas do cinema internacional eram usadas nas capas da revista, e matérias eram escritas com base em imagens que, muitas vezes, poderiam não obedecer ao real (NETO, 1998). As fotografias, nessa etapa eram usadas de forma indiscriminada e de maneira meramente ilustrativa, não tendo grande importância no todo.

O período que se inicia em 1940 é uma fase de consideráveis modificações nos padrões editoriais, como a entrada da fotorreportagem (MAUD, 1990). O periódico passa a dar mais importância aos acontecimentos nacionais, fazendo matérias sobre indústrias, escrevendo sobre a fauna e a flora, ressaltando os recursos naturais da nação. A fotorreportagem teve seu alvorecer na década de

1940 e perdurou até 1960, e foi ela a responsável pelo grande destaque da revista. As fotorreportagens também são a principal motivação de diversas pesquisas acadêmicas que, conseqüentemente, trabalham com esse periódico a partir da década de 1940. Outros dois fatores relacionados a este período também são importantes: um expressivo aumento nos índices de alfabetização nas populações urbanas e o aumento do poder aquisitivo associado ao processo de industrialização (NETO, 1998; RIBEIRO, 2009).

Foi nessa última fase que várias seções tematizadas para o público foram inauguradas, como os espaços para as mulheres, um diferencial perante as demais publicações da época. *O Cruzeiro* foi uma revista diversificada, mas teve espaços distintos para mulheres e homens. É também visível a grande quantidade de propagandas de bens de consumo que inundam as páginas do periódico, moldando os interesses do público leitor para uma dita cultura de massa, no qual a urbanização tornava cada vez maior a necessidade de inundar a população com bens. Esse período marca a fotografia na revista, acompanhando as matérias, as ilustrações e os textos humorísticos (COSTA, 1992).

O uso da fotografia foi de grande relevância na construção e na longevidade de *O Cruzeiro*, elevou o jornalismo brasileiro a outro patamar e modificou as relações de fotógrafos e jornalistas, criando uma distinção cada vez mais clara entre essas duas profissões. Tendo em vista a importância que a fotorreportagem adquiriu no cenário midiático, é plausível que as décadas de auge dessa técnica correspondam ao período em que se concentra a maior parte dos trabalhos acadêmicos sobre *O Cruzeiro*. Assim, relegaram-se os últimos quinze anos de publicações, entre 1960 e 1975, a um número menor de trabalhos sobre esse periódico.

Na fotorreportagem, a imagem é entendida como um registro único do acontecimento ou, mesmo, o componente de uma série de outras imagens, compondo um corpo uniforme destinado a contar uma história, criar uma narrativa. Dependendo da escolha dos editores, a fotorreportagem poderia assumir um caráter desassociado do texto escrito, podendo ser interpretada sozinha. Na maioria das vezes, o texto não é parte central da matéria sendo um complemento para ilustrar o que a fotografia diz. Esse novo estilo retira a fotografia, a imagem, de um cenário

onde ela é um complemento ou um ilustrativo para o texto escrito e a eleva a um nível no qual a imagem é mais importante do que as palavras (MAUAD; LOPES, 2012).

A última fase de *O Cruzeiro*, de 1960 a 1975, corresponde aos anos finais da publicação. Um período de decadência no qual a revista não apresenta inovações no uso de recursos gráficos e, conseqüentemente, seu padrão tão inovador já estava sendo largamente copiado por publicações similares. É também a fase em que *O Cruzeiro* vai ter concorrência direta com outras revistas, como a *Manchete* que surge em 1954, obedecendo aos mesmos padrões de *O Cruzeiro*, com o formato maior e as fotografias, também, ocupando o primeiro plano. No final da década de 1960 surge outra concorrente de peso a revista *Veja*.

Além da concorrência com outros periódicos, as revistas ilustradas já disputavam território, nos anos 1950, com os sistemas de televisão. Esse novo tipo de entretenimento de imagens em movimento retira certo *glamour* das publicações de fotorreportagem. É possível considerar que todos esses fatores colaboraram para o declínio de *O Cruzeiro*, os novos periódicos e os novos sistemas midiáticos, como o surgimento da televisão, mesmo que ainda tímido. No entanto, a década de 1960 é um período de grande efervescência cultural e também, de grandes modificações políticas no cenário nacional e internacional, tornando o estudo desse período final de *O Cruzeiro* muito importante e promissor para a historiografia.

O Cruzeiro sofreu várias mudanças editoriais ao longo de sua existência, para melhorar tanto a sua característica estética e visual, como para se modernizar. No início da década de 1940, a revista busca influência de publicações norte-americanas, a fim de se consolidar no mercado editorial brasileiro. Para José Antônio Vasconcelos, a sociedade norte-americana utilizava meios publicitários e midiáticos como ferramentas para implantar, no consciente coletivo, uma imagem de mulher que se satisfazia com uma vida doméstica, em um sistema de dominação patriarcal. Sutilmente fazia referência àquela que não se encaixava nesse padrão como uma “neurótica” (VASCONCELOS, 2004). *O Cruzeiro* vai usar dessas mesmas ferramentas, por décadas, na sociedade brasileira, reforçando a ideia de que a mulher é a rainha do lar, portanto, seu lugar é em casa.

Para melhor entender como essa influência dos periódicos estrangeiros se deu em *O Cruzeiro*, é importante ressaltar alguns aspectos, como as fotografias. Na década de 1930, as fotografias, como já citado, ganharam destaque e o texto escrito, considerado até então a parte primordial do jornalismo, começa a dividir espaço com as imagens fotográficas, no caso específico de *O Cruzeiro*. As revistas ilustradas brasileiras receberam forte influência dos periódicos norte-americanos, e o caráter ilustrativo foi uma das tecnologias visuais impressas absorvidas.

O Cruzeiro deve bastante de sua inspiração e de suas características à revista norte-americana *Life*. A partir de 1940, ocorreu um grande espelhamento, várias características da revista estrangeira foram incorporadas ao periódico brasileiro. O grande destaque nesse espelhamento com a *Life* é o fotojornalismo. O padrão estético das publicações muda, a revista ganha novo formato e um tamanho maior. A fotografia assume um papel de grande destaque, ela, como a testemunha dos fatos. “O cruzamento entre imagem fotográfica e a história se dá a partir do estatuto técnico das fotografias e seus dos fatos” (MAUAD; LOPES, 2012).

Outra semelhança com as publicações norte-americanas está relacionada à busca de *O Cruzeiro* pela noção ou ideal de ser um espelho do real, ou seja, sempre reproduzindo a verdade (MAUD; LOPES, 2012). Isso quer dizer que o que está publicado na revista é tido, pelos seus redatores, fotógrafos e idealizadores, como a verdade absoluta dos fatos. Essa ideia de ser um espelho da realidade do que acontece na sociedade foi também extraída dos periódicos americanos *Life* e *Look*, que reforçavam esse mesmo pensamento. *O Cruzeiro*, desde a década de 1930, diferenciou-se das demais publicações nacionais, já que demonstrava um caráter mais cosmopolita, um periódico para a classe média da sociedade.

Entretanto, a influência dessas publicações só surge na revista *O Cruzeiro* a partir da década de 1940, quando há uma modificação na linha de edições da revista. Essa modificação, além da já citada introdução e destaque das imagens, pode ser caracterizada pela criação de diversas colunas e matérias dirigidas ao público específico das mulheres. Com a criação de espaços que tratavam de beleza feminina e moda. Espaços, antes inexistentes dentro da revista. *O Cruzeiro* se caracterizou por ser uma revista que tangenciava vários assuntos desde o cotidiano até problemas de ordem política do País.

Foi também na década de 1940, e novamente se amparando em influências estrangeiras, que assuntos relacionados ao cotidiano de mulheres e homens ganharam mais destaque nas colunas.

A maior parte das pesquisas sobre *O Cruzeiro* enfatizam com veemência e exploram as imagens e as fotorreportagens, por serem consideradas o grande destaque desse periódico. Os resultados da pesquisa que apresento nessa dissertação não foram omissos com a questão das fotografias, pois *O Cruzeiro* é uma das primeiras revistas a explorar, com bastante força, a beleza feminina. Entretanto, questões relacionadas ao texto escrito têm sido negligenciadas, e esse será um dos focos principais sobre os quais esta dissertação pretende se debruçar.

As mensagens contidas nos textos da revista *O Cruzeiro* copiam os mesmos padrões das revistas *Life* e *Look*, em um mundo pós Segunda Guerra Mundial. Essas publicações dizem que já é hora de as mulheres voltarem para dentro de suas casas. Será esse pensamento de retirar a mulher do espaço público que vai se intensificar na década de 1940 com a criação de espaços de debate dentro de *O Cruzeiro*, os quais irão afirmar e reafirmar que o lugar do feminino é dentro de casa. A revista defenderá, então, uma tríade feminina ao longo de duas décadas: dona de casa, esposa e mãe (VASCONCELOS, 2004). Na década contemplada pela pesquisa realizada para esta dissertação, esses espaços já estão perdendo força, e muitos começam um processo de dissolução.

Com esse pensamento das publicações norte-americanas de que foi preciso o trabalho feminino em tempos de guerra, já que os homens estavam lutando nas trincheiras, as mulheres deveriam ocupar os espaços públicos deixados por eles. Mas, em tempos de paz, com o regresso masculino ao mercado de trabalho, a mão de obra feminina não é mais solicitada. *Life*, *Look* e *Time* são periódicos que defenderam essas ideias, e *O Cruzeiro* a partir de meados da década de 1940, irá se apropriar desse mesmo pensamento.

Desse modo esse periódico enaltece, em seus textos e fotografias que as mulheres não devem competir no mercado de trabalho com os homens. Além disso, defendendo uma ideia de vocação feminina para os trabalhos domésticos, e engrandecendo a figura da maternidade. E, com base nessa ótica patriarcal, *O Cruzeiro* vai se fundamentar.

1.2. Os espaços para a mulher dentro de *O Cruzeiro*

O Cruzeiro não é somente pioneiro no uso das fotografias como plano central da matéria. Seu diferencial também reside na preocupação, desde seu primeiro exemplar, em se considerar uma revista moderna e de variedades para toda a família. Todavia, mesmo se considerando um periódico que pudesse ser lido por todos mantinha a representação feminina como uma constante.

Como Tania Regina De Luca afirma, a imprensa destinada ao público feminino, nesse caso bem específico, não é um tipo de produção jornalística movida pelo fato “novidadeiro”(DE LUCA, 2012, p. 448), ou seja, não por notícias do dia ou da semana anterior, mas, sim, pelo “velho”.

Além disso, para esse público as questões ligadas à particularidade da vida doméstica e do lar, e preocupações físicas e estéticas são uma constante dentro das seções ditas para as mulheres. Publicações que, ao primeiro olhar, podem parecer frívolas para uma análise, mas que se mostram frutíferas para discutir as relações de gênero e o papel que os meios midiáticos destinam às mulheres na sociedade. As marcas características desse empreendimento midiático são os meios de linguagem, cujo tom coloquial está muito presente, colocando aquele que escreve como um alguém muito próximo e íntimo daquele que lê. Como se a matéria fosse escrita particularmente para aquela ou aquele que tem a revista nas mãos.

Por meio de fotografias, imagens e matérias, a revista enaltecia a figura feminina, a beleza da mulher. É raro não encontrar uma capa do periódico que não explore a imagem da mulher, fosse mostrando o rosto ou o corpo inteiro. Elas surgem totalmente cobertas ou com roupas mais ousadas e sensuais. Ao longo de todas as publicações, a figura feminina é uma constante nas capas do periódico. Não julgamos que esse recurso de explorar a beleza feminina nas capas era só para atrair o público feminino, mas sim para atrair o público masculino, também. Com

diversas reportagens internas sobre praia e concursos de beleza que tinham, como foco as mulheres, mas, igualmente, poderiam agradar aos homens.

Esse fato se constitui num ponto importante, passível de ser analisado, pois uma revista que se diz para todos, tem, no entanto, uma grande atenção com o feminino. Além de diversas discussões, dos mais variados temas, desde política, cinema e, até mesmo, matérias internacionais. O *Cruzeiro* tinha um espaço forte e representativo para as mulheres brasileiras, tanto nos lugares específicos para a mulher, como é apresentado no próprio índice da revista, quanto em outros dentro da publicação, onde as mulheres também são representadas. Assim como nas partes dedicadas ao humor.

Nas páginas de humor, a mulher é representada de forma caricata, muitas vezes sendo aquele tipo de mulherão e em outras ocasiões, sendo uma bruxa perversa. Há também, nesse espaço de humor, a representação da juventude feminina com a seção *Garotas*. Mesmo no índice, essa seção é colocada junto com as demais que trabalhavam com o humor. Na estruturação da revista, ela estava na grande maioria das vezes, ora antecedendo, ora sucedendo aos espaços para a mulher dedicados pela revista.

O conteúdo que *Garotas* traz está mais ligado a um manual de normas para as moças da sociedade brasileira do que algo inteiramente humorístico. Já em alguns momentos, humor, mas a seção é mais um espaço onde se escrevem crônicas sobre o cotidiano das jovens de classe média do Brasil, do que um espaço humorístico apenas. Muito além do humor, ditava moda e comportamento considerados aceitáveis socialmente.

Fazendo parte desse local dedicado ao público feminino, tem notas como de culinária, de moda e de tendências europeias, que não serão trabalhados minuciosamente nesta dissertação, pois consideramos que esses espaços, especialmente o de culinária, não se configuram, neste momento, como um campo frutífero para a proposta da pesquisa que agora se apresenta.

O que vai ser analisado com mais profundidade, neste primeiro capítulo, relaciona-se aos espaços que *O Cruzeiro* elenca como sendo para o feminino, o que

vamos chamar, aqui, para melhor classificá-las, como seções. Essas seções são *Elegância e Beleza, Da Mulher para a Mulher*.

Para a análise ser mais frutífera, algumas considerações devem ser feitas, como uma breve referência sobre a década de 1960. Esta, de caráter introdutório, tendo em vista que aprofundamentos sobre o período histórico escolhido como recorte temporal desta dissertação serão feitos no decorrer dos capítulos, quando se fizer coerente e necessário. Contudo, neste momento, algumas considerações se fazem relevantes para a apresentação do objeto de estudo.

A década de 1960 mostrou-se, sob diversos aspectos, peculiar e fascinante, muitas mudanças ocorreram nos cenários político, cultural e intelectual do País. No Brasil, os anos de 1960 representaram, entre outros fatos marcantes, o afloramento do movimento feminista. A mulher cidadã, membro atuante da sociedade, no Brasil, de certa forma, começava a nascer a partir daquele momento.

Na década de 1960, surgem, no Brasil e também em diversos países latino-americanos, a repressão e o sofrimento decorrentes da ascensão dos regimes ditatoriais. Para a imprensa, em especial, será o início de um período de censura, quando a mídia não irá gozar de liberdade de expressão. Principalmente jornais foram os mais combatidos pelos órgãos de censura do governo.²

Nessa mesma década, marcada por rupturas, eclode, já no seu final, em solo brasileiro, o movimento feminista. É de extrema importância ressaltar que, mesmo em uma década de grandes mudanças sociais e conturbadas relações políticas, as mulheres irão se empenhar em uma luta de poder, para redefinir seu lugar na sociedade, seu papel como cidadãs.

Em meio a tantos conflitos, as mulheres saíram à luta por seus direitos. A repressão e a violência provenientes do regime ditatorial foram alvos desse movimento, que voltava a eclodir com força no seio da sociedade. Mas as lutas das mulheres não se restringiram. Elas lutaram pela democracia, como muitas fizeram, pegando em armas contra o regime militar. Mas também lutaram para colocar a

² Essas questões podem ser vistas em: FICO, Carlos. João Goulart e a operação Brodher Sam. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. E, também em: SMITH, Anne Marie. Um acordo forçado. O consentimento da imprensa à censura no Brasil. Rio de Janeiro. FGV, 2000.

mulher no mercado de trabalho e na sociedade, num sentido mais amplo, em condições de igualdade social e política com os homens.

A década de 1960 significa uma ruptura com uma ideia de sociedade no qual a mulher deveria ser a rainha do lar e o homem, o provedor da família. A própria noção de família começa a ser redefinida. A ideia de família com um pai, uma mãe e os filhos legítimos da união do casamento começa a sofrer modificações. O divórcio aparece como uma medida para colocar fim a uma união. Os filhos da antiga e os da nova união surgem quebrando com a ideia de uma família nos moldes citados acima. Isso apesar de o divórcio ter sido regulamentado no Brasil em 26 de dezembro de 1977, pelo Decreto de lei número 6.515 (SENNA, 2006).

Na seção *Da Mulher para a mulher*, a palavra já rondava as crônicas. Havia na seção o uso recorrente da palavra *desquite*, que permitia aos cônjuges se separarem, mas não contrair nova união matrimonial.

Mesmo com tantas modificações sociais e culturais, a revista *O Cruzeiro* permaneceu no cenário de publicações nacionais, ainda tentando, por vários anos, dizer e cooptar as mulheres que o seu lugar é dentro de casa, enunciando valores arcaicos para essa nova sociedade. No momento em que o País passava por modificações sociais, *O Cruzeiro* ainda tenta reafirmar um papel de subordinação da mulher perante o homem.

A proposta de análise desta dissertação consiste no uso de uma lupa chamada análise de gênero, para observar *O Cruzeiro*, inspirado pelas conclusões de Joan Scott, autora que aponta as questões de gênero como um grande caminho de análise para compreender as relações de poder entre masculino e feminino, muito além de uma história das mulheres. Com isso, Scott diz que gênero é uma categoria que designa um saber, que também é poder e que através disso constrói significados para as diferenças sexuais, físicas e corporais de mulheres e homens (SCOTT, 1990).

O termo gênero faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno e definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens (SCOTT, 1990, p.85).

Este trabalho, porém, não descarta as contribuições da história das mulheres. Embora correndo o risco de se tornar uma iniciativa simplista de colocar as mulheres como agentes atuantes no mundo patriarcal, essa história do feminino é uma iniciativa tímida de dar visibilidade às mulheres em uma historiografia que não se preocupava com tal aspecto.

Uma das precursoras dessa visibilidade feminina na historiografia foi Michelle Perrot, em seu conhecido livro “*História das Mulheres no Ocidente*”. Trazendo discussões teóricas de gênero, Perrot tem sua importância e deve ser valorizada. Ela faz um esforço dando os primeiros passos para quebrar com uma ideia de mundo masculino, patriarcal. (DUBY; PERROT, 1991).

Como já foi afirmado aqui, para tratar de maneira mais específica, para nortear este trabalho, também consideramos importante a noção de Roger Chartier sobre representação, no âmbito da Nova História Cultural. Segundo o autor, a história cultural tem a função de

(...) identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, dada a ler. Neste aspecto a noção de representação tem papel fundamental, pois não se constitui em uma cópia absoluta do real, mas uma construção que se edifica a partir de práticas, discursos e estratégias (CHARTIER, 1990, p.16).

A noção de representação será utilizada ao longo deste trabalho como descreve Chartier, “a noção de representação não nos afasta nem do real nem do social. Ajuda os historiadores a se desfazerem da ‘ideia muito magra do real’”(CHARTIER, 2010, p.51). Ao longo da análise das fontes, *O Cruzeiro* reproduz uma representação feminina como um padrão universal de uma perfeição física e moral a ser seguido e copiado pelas mulheres da sociedade brasileira.

Além dessas contribuições, ao longo da construção e da escrita deste trabalho, colocamo-nos, como diz Durval Muniz de Albuquerque Júnior, como um navegador da terceira margem: “O historiador tem a tarefa de construir com sua narrativa uma canoa que possa mediar, fazer tocar as margens do passado e do futuro”(ALBUQUERQUE, 2007, p.33). O próximo tópico deste capítulo abordará a

seção *Elegância e Beleza*, que trabalhava temas referentes à estética feminina. E, nos capítulos seguintes será trabalhada a seção *Da Mulher para a mulher*, a qual funcionava como um guia sentimental para os problemas ditos femininos.

1.3. Elegância e Beleza

Elegância e Beleza é um dos espaços descritos por *O Cruzeiro*, dedicados ao público feminino da revista. Nesse espaço, é escrito e mostrado como as mulheres deveriam cuidar de sua saúde e aparência para não perderem a feminilidade. Característica muito defendida pela revista, a mulher deveria obedecer a certos padrões de beleza, um dos mais enaltecidos é a magreza. Uma mulher para ser bela tem que ser magra. Essa é a estética que mais aparece como um referencial de beleza e a juventude.

Todas as mulheres devem ter a preocupação de se manter belas e jovens o máximo que conseguirem. A beleza da juventude e a aparência jovial são constantes na representação feminina dentro do espaço dedicado a *Elegância e Beleza*. Nesse espaço, não ocorre a preocupação com a beleza masculina, ela nem é mencionada. São representados padrões de beleza feminina de como uma mulher deve ser e proceder para atingir um padrão de beleza aceito e desejado. E, como dito acima, a mesma preocupação com o homem não aparece nesse espaço. São poucas ou raras as propagandas que trazem a beleza masculina como ponto central. Referências à beleza masculina ou aos cuidados masculinos com a aparência são encontrados dentro de *O Cruzeiro* somente em propagandas de anunciantes.

A seção *Elegância e Beleza* é assinada por Elza Marzullo, diferente de outros espaços dedicados ao feminino, que eram escritos por pseudônimos. Marzullo existiu e foi uma colaboradora de *O Cruzeiro*. Seu nome aparece na assinatura da

seção *Elegância e Beleza* e no índice da revista, como umas das colaboradoras, não aparecendo sua assinatura em nenhuma outra seção da revista.

Como já mencionado, a beleza e a juventude formam um tema central de discussões e preocupações dentro dessa seção. Mas a juventude feminina é defendida e priorizada como algo muito importante para uma mulher, sendo que, para o homem, não é mencionada nem a beleza, nem a jovialidade. Mas outros valores trabalhados em espaços diferentes são defendidos para o homem, tais como bravura e heroísmo, nada ligado à aparência física masculina. As mulheres é que serão representadas por atributos estéticos e morais.

Outro aspecto presente na seção *Elegância e Beleza* é a preocupação com o corpo feminino, com a forma magra. Na década de 1960, essas características serão exploradas intensamente pela revistas. Características de que, para ser bela, tem de ser magra. Fica mais evidente a preocupação com o tamanho da silhueta feminina, sempre defendendo que a mulher deve se submeter a dietas para manter-se estar em forma física. Muitas vezes não há uma preocupação com a saúde, mas sim com a estética física.

O corpo feminino é o alvo principal de *Elegância e Beleza*, exercícios são mostrados para instruir as mulheres no sentido de que não é necessário sair de suas casas para realizar atividades físicas que as mantenham com o corpo e o rosto sempre o mais jovial possível, e o mais feminino possível. Por características femininas, entende-se silhueta marcada, ou seja, uma cintura bem definida, sem excessos de gordura, seios fartos – mas não exagerados – e quadris com um formato mais avantajado.

Em *Elegância e Beleza*, eram defendidos e propagados padrões estéticos para as mulheres sempre estarem belas e elegantes, enfatizando-se que a beleza feminina consiste na jovialidade, na beleza e no frescor da juventude. É aparência magra, sem nada fora do lugar, dizendo que a mulher é uma rainha do lar e uma rainha que deve ser sempre o mais jovem possível. Segundo Hoff:

A mídia, enquanto dispositivo de poder a serviço de uma comunicação baseada nas fórmulas de mercado, atualiza constantemente as práticas coercitivas que atuam explicitamente sobre a materialidade do corpo. As subjetividades disciplinadas, preparadas para servir de modo voluntário, levam os corpos a suplícios de forma tão cruel quanto as da Idade Média. Trata-se de um suplício voluntário. O corpo mensagem, como corpo da comunicação, mutila-se, modifica-se, transforma-se e estetiza-se para servir

como aporte de mercadorias/produtos e de conceitos/ideias. (HOFF, 2005, p. 32).

No final do século XIX e início do século XX, o corpo gordo começa a ceder espaço ao chamado corpo violão ou ampulheta. Dessa maneira, ainda mantendo, como nos séculos anteriores, a generosidade das formas. Um corpo feminino bem marcado era alcançado com a cintura fina, com o uso dos espartilhos, seios fartos e os quadris maiores.

Nos décadas de 1920 e 1930, o discurso higienista começa a ficar em alta na sociedade. O combate às doenças e epidemias criou um cuidado maior com o corpo (ANDRADA, 2003). Com ênfase maior aos corpos femininos, destaca-se a imagem de uma mulher saudável que poderá manter sua família saudável, também. O discurso higienista buscava melhorar a sociedade, cuidando da saúde individual e coletiva. Com isso, a preocupação com os corpos gerou, na mídia, uma preocupação em reproduzir e produzir representações sobre o que é belo, ou não.

A representação das mulheres jovens e magras dentro da seção *Elegância e Beleza* é um modo de produzir e reproduzir significados culturais de que o belo é ser magro e que o gordo é algo feio e desajustado dentro da sociedade. Através de uma linguagem que exerce poder, trabalhando no viés cultural, um ideal de perfeição que deveria ser alcançado se construía. É dentro dessas relações de poder que os grupos sociais representados ganham significados em uma rede midiática que reproduz e produz um significado do que deve ser aceito e do que deve ser modificado ou rejeitado.

Os corpos são entendidos como uma construção social. Nos séculos anteriores, a gordura era sinônimo de saúde e beleza. A partir da segunda do século XX, a beleza e a saúde estão associadas à magreza, sendo considerada saudável e controlada, enquanto o gordo é visto como não saudável e descontrolado.

Nessa época, a magreza é associada a um ideal de beleza a ser atingido, em *O Cruzeiro* principalmente pelas mulheres, elas é que devem ser magras. Representações são construídas em dados contextos históricos, criando práticas de significação do que é belo e do que é feio.

A gordura era combatida, e medidas para combatê-la eram difundidas em *O Cruzeiro*, como dietas e exercícios físicos. Assim como a gordura podia ser combatida a “feitura” também poderia ser corrigida. As propagandas de cosméticos

de beleza ganham força e destaque nesse período. Os cremes e tratamentos para a pele enchem as páginas da revista, advogando a ideia de que a beleza é algo que pode e deve ser alcançado com esforço, dedicação e certo prazer.

É também na década de 1960 que aparece o modelo de mulher Twiggy (SANT'ANNA, 2012), uma modelo que inaugurou o aparecimento das modelos quase esqueléticas que reforçavam a magreza como sinônimo de perfeição. A imagem de uma mulher pequena, magrinha, com rosto jovem, quase uma boneca, olhos bem marcados pela maquiagem, com aparência infantil, simbolizando fragilidade. Um novo corpo feminino, sem formas arredondadas e sem os seios fartos.

Elegância e Beleza trata dos modelos e padrões de beleza que devem ser seguidos pela sociedade, enaltecendo algumas características do que é belo e feminino para as mulheres da década de 1960. Diferente do que se configura como um novo padrão de beleza feminina, os estereótipos magros e sem curvas acentuadas no corpo, a seção de *O Cruzeiro* permanecerá enaltecendo a imagem da mulher com o chamado vulgarmente corpo de violão.

Como já mencionado acima, *Elegância e Beleza* vai tratar de temas tratam sobre o corpo feminino, a pele, a aparência física, os cabelos tudo que envolva um ideal de beleza que deve ser alcançado. Contudo, a preocupação com o peso feminino, com os corpos magros, é uma obsessão sempre presente. A seção, na maioria das vezes, sugere que as mulheres vigiem seus corpos e procurem adequá-los a um padrão social de beleza reproduzido nos meios midiáticos.

Em um trecho extraído da revista, é possível notar a preocupação com o corpo, presente na chamada da seção:

Elegância e Beleza, O verão se aproxima e com ele a moda que nos impõe vestidos sem manga ou com alças, saias mais amplas e profundos decotes nas costas. Procure examinar-se em um espelho grande e verifique está fisicamente preparada para o verão. Em caso contrário, anote em um caderninho todos os seu pontos fracos e procure eliminá-lo segundo esse programa que lhe permitirá manter uma linha física de acordo com as exigências da moda de verão.³

Nesse pequeno trecho, podem ser analisados vários pontos importantes. O primeiro é que, para a seção, a moda de se vestir dita as regras de como o corpo deve ser, pregando um corpo feminino sem excessos de peso, o que não

³ O CRUZEIRO, Ano XXXV, número 1, 13 de outubro de 1962.

obedeceria a um estilo de vida e aparência aceitável. Além disso, julga as supostas imperfeições físicas – neste caso o que a revista julga como imperfeições – um defeito que deve e pode ser corrigido pelas mulheres, as quais devem examinar seus corpos atentamente, procurando “falhas” e “imperfeições”, que deverão ser reparadas para que elas estejam aptas à nova estação do ano, que exige um novo corpo físico. Assim, as “falhas” do corpo bonito são combatidas, colocando os indivíduos em luta contra o que não é socialmente aceitável como belo.

Há menos de um século, apesar do calor tropical, os homens vestiam fraque, colete, colarinho duro, polainas e as “santas” mulheres cobriam-se até o pescoço. Hoje, as anatomias mostradas parecem confirmar a ideia de que vivemos um período de afrouxamento moral nunca visto antes. No entanto, um olhar mais cuidadoso sobre essa “redescoberta” do corpo permite que se enxerguem não apenas os indícios de um arrefecimento dos códigos da obscenidade e da decência, mas, antes, os signos de uma nova moralidade, que, sob a aparente libertação física e sexual, prega a conformidade a determinado padrão estético, convencionalmente chamado de “boa forma” (GOLDENBERG; RAMOS, 2002, p. 24-25).

Outro ponto relevante dentro da seção é a lógica da revista para prender o público leitor e tentar dar continuidade às vendas do periódico. Com o programa que *O Cruzeiro* vai trazer ao longo do mês de outubro, toda semana surge uma nova dica de exercícios físicos para manter o corpo em forma. Isso não é condensado em uma única publicação, sendo dividido em várias publicações para levar o público a seguir consumindo a revista.

Com a chamada “Verão vem aí parte I”⁴ de *Elegância e Beleza*, as mulheres recebem instruções de como exercitar as costas e a região da nuca e pescoço para poderem usar os vestidos e roupas com decotes mais cavados. A preocupação com o peso, ou excesso dele, continua marcando presença, representando magreza como um atributo a ser alcançado.

Já na, segunda chamada, a parte II, o cuidado está centrado nos braços, nas mãos e nos dedos.

Quando os braços são muito gordos em relação ao corpo, uma massagem local deve ser feita, com as mãos (...) e não se contente somente com a massagem: pratique também algum exercício para evitar que os músculos se mostrem flácidos depois da perda do estofamento de gordura.⁵

⁴ Idem.

⁵ O CRUZEIRO, Ano XXXV, número 2, 20 de outubro de 1962.

O próximo item se refere a dois exercícios para eliminar peso nas mãos e os dedos.

Não há braços bonitos se as mãos são rudes e os pulsos nodosos ou excessivamente gordos. Sim e muito importante ter unhas sempre bem tratadas, mas isso não consegue mascarar mãos e punhos mal formados.⁶

Nesse pequeno trecho, é possível notar a preocupação com os mínimos detalhes, o corpo feminino precisa ser harmônico e gracioso. São usadas palavras fortes para enfatizar as chamadas imperfeições, como mãos rudes (algo negativo que deve ser combatido) e mãos e punhos mal formados, como se fugir a essas regras fosse á representação de uma anomalia a ser corrigida.

No último capítulo dos exercícios de verão, a seção traz a preocupação com as pernas femininas, fazendo o que foi elucidado nos fragmentos acima: a preocupação em manter as pernas com músculos firmes e magras. Por fim, o último comentário feito pela seção às mulheres é que os cuidados mesmo não sendo considerados necessários por elas têm de serem feitos “Chegamos ao último capítulo desse programa de verão. Procure segui-lo com entusiasmo e constância, mesmo que considere satisfatórias as suas condições físicas.”⁷

Esse trecho deixa em evidência que as mulheres devem estar sempre descontentes com sua aparência física, sempre tentando buscar uma perfeição idealizada pelos meios midiáticos, como a socialmente aceita por todos. Não foi colocado aqui na íntegra todas as passagens de *O Cruzeiro*, pois consideramos desnecessário, porque os comentários eram sobre como proceder aos exercícios físicos. Sendo assim, o extraído da fonte foi o primordial para amparar a análise de como as representações sociais vão sendo construídas.

Nesses trechos, observa-se como o corpo feminino é trabalhado por *O Cruzeiro*. Um corpo analisado, esquadrihado, cortado separadamente, uma matéria que pode ser moldada e reparada em blocos. Isso, porque cada parte do todo necessita de uma intervenção específica para se modelar a um padrão social aceito e difundido pela revista, do que é o aceitável e o belo. Cria-se, assim, um padrão de beleza universal que deve ser atingido e conquistado, mesmo com um tom pessoal, como se a revista se dirigisse específica e exclusivamente à leitora que a tem em

⁶ O CRUZEIRO, Ano XXXV, número 3, 27 de outubro de 1962.

⁷ Idem.

mãos. O texto pedagógico ignora, muitas vezes, as características individuais de cada mulher.

O corpo, antes escondido pelas roupas, agora é incentivado a se revelar, mas, para isso, é preciso uma série de cuidados sobre como esse corpo se revela. A imagem *A mulher de toalha*, exibida abaixo, é o único nu parcial encontrado na seção *Elegância e Beleza* na década pesquisada. E a imagem evidencia a preocupação que as mulheres deveriam ter com seus corpos agora que eles podem e devem estar na vitrine.

Devido à mais nova moral, a da “boa forma”, a exposição do corpo, em nossos dias, não exige dos indivíduos apenas o controle de suas pulsões, mas também o (auto)controle de suas aparências físicas. O decoro, que antes parecia limitar-se à não exposição do corpo nu, se concentra, agora, na observância das regras de sua exposição (GOLDENBERG, 2002, p. 25).

Esse corpo escondido, agora, releva também que obedecer a regras de exposição. Se antes essas regras giravam no tamanho da barra da saia ou do vestido, agora se encontram no cuidado com que tipo de pernas as mulheres vão expor. Até que ponto a questão da liberdade em se vestir e se desvestir é uma liberdade concreta? Se antes as roupas eram controladas e vigiadas para não se revelar muito do corpo feminino, agora a diminuição do tamanho das roupas também é um regulador desse corpo. Pode expor-se, mas sob critérios de exposição. Para *Elegância e Beleza*, não é todo corpo que pode se expor, esse corpo a se revelar necessita estar de acordo com as normas representativas defendidas na revista. Representações que a revista produz e reproduz como o certo para as mulheres: a busca desse corpo perfeito e idealizado,

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p. 17).

Outro fator interessante em se ressaltar nessa imagem da mulher segurando uma toalha, desnudando, na primeira foto, as costas e uma perna estando na segunda imagem, a qual revela um seminu frontal, mostrando um seio, a barriga, uma parte dos quadris e a outra perna. É possível que a escolha da revista, por esse nu, tenha sido dada porque a seção se encontrava no meio da revista entre matérias ditas para os homens. A imagem que traz uma matéria sobre os cuidados do corpo

para com um mal que atingia as mulheres, a celulite, revela uma foto de mulher bonita, para que as mulheres, o público alvo da seção, invejassem e buscassem a mesma beleza. Contudo, a seção, como já dito, ficava no meio da revista, próximo a matérias para o público masculino, fazendo, com isso, que o objeto de desejo das mulheres por aquele padrão de beleza, também, atingisse outro público como um objeto de desejo.



Figura 1: Mulher de toalha.

Fonte: O CRUZEIRO, Ano XXXIII, número 15, 21 de janeiro de 1961.

Acervo: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Regular o corpo, vestido ou nu, é um dos enfoques que *Elegância e Beleza* tem. Sendo *O Cruzeiro* uma revista para todo o país, é inegável que, como sua sede era no Rio de Janeiro e seus escritores também moravam na cidade, as suas publicações tivessem uma escrita mais imbricada com aquele local. Em *Elegância e Beleza*, isso fica mais explícito nas chamadas que a seção tinha para o verão. A preocupação com o corpo desnudo nos biquínis, nas praias, como demonstra a imagem abaixo.

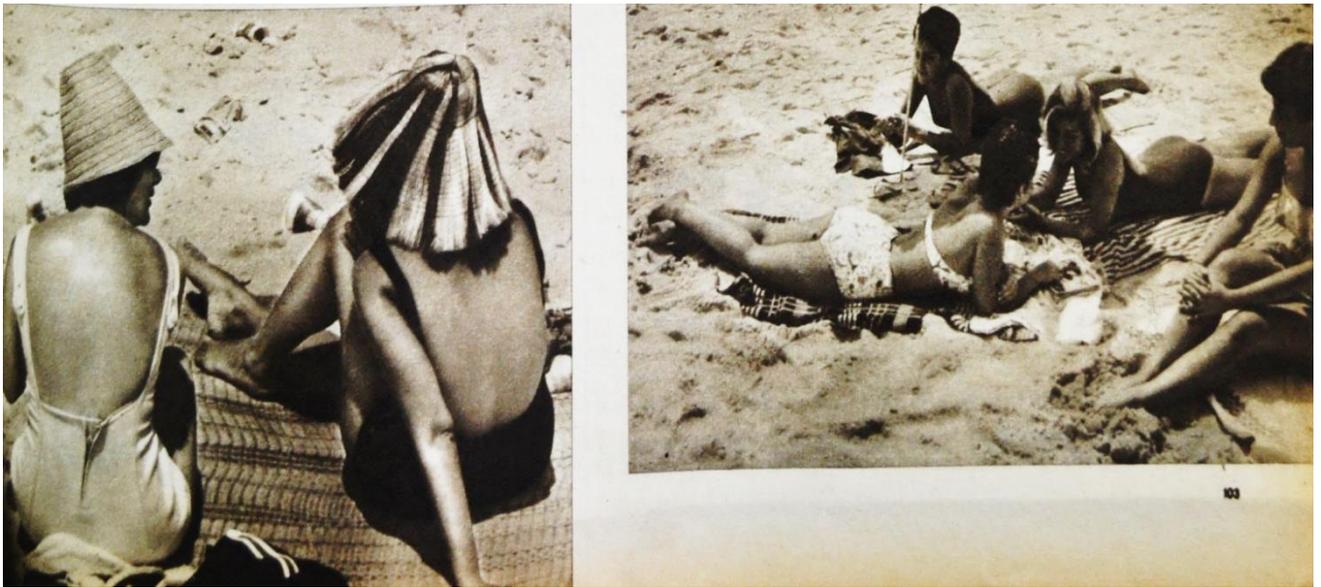


Figura 2: Mulheres na praia.

Fonte: O CRUZEIRO, Ano XXXIV, número 6, 18 de novembro de 1961.

Acervo: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Volta-se a ideia de uma regulamentação dos corpos para a exposição de um condicionamento físico para conseguir a tão desejada “boa forma”, a fim de desfrutar dos prazeres à beira mar, sem os olhares críticos e repreensivos das outras pessoas. Seguindo o manual de regras de Elza Marzullo, cria-se a ideia de que todos podem e devem possuir o mesmo padrão físico de beleza. Como escreve Roger Chartier:

pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social, traduzem as posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse (CHARTIER, 1990, p. 19).

Aliado a essa representação de sociedade como um regulador, o corpo, nesse caso de *Elegância e Beleza*, somente o corpo feminino, passa por esse crivo crítico e por essa remodelagem, a fim de se tornar socialmente aceito pelos padrões elencados pela revista como o certo Goldenberg⁸ escreve que:

Pode-se dizer que, sob a moral da “boa forma”, um corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugas, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gordura, flacidez) é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido (GOLDENBERG; RAMOS, 2002, p. 29).

O verão, com suas praias e piscinas, onde o corpo mesmo desnudo tinha de estar decentemente vestido, trazia outras preocupações para as leitoras de *Elegância e Beleza*, o tom de pele. O branco claríssimo, tão desejado e buscado, no início do século XX, como um padrão de beleza e um sinônimo de *status* social, agora nas praias e nas páginas de *O Cruzeiro*, é rebatido como o não belo.

È realmente desagradável e constrangedor, para uma mulher, ter que exibir na praia uma epiderme pálida, branquíssima, que a faz destacar-se das demais já devidamente tostadas. (...) O mais bonito, o mais perfeito, o verdadeiro bronzeado é mesmo aquele que lhe dá o sol luminoso e ardente do verão. Mas, aqui também terá que ter engenho e arte, se tomado em doses maciças o sol lhe mimoseará a pele com um tom pesado, “sujo”. O tão apreciado tostado-biscoito, só se obtém por meio de uma exposição equilibrada calculada por um total de poucos minutos divididos pelo corpo todo.⁹

Essa cor do verão, como se diz na revista, “tostado-biscoito”, difere da cor negra e da cor branca, sugere uma cor intermediária, que essa, sim, é a cor correta. A cor da saúde é também a do *status* social. Isso porque, para ter esse bronzeado invejável e desejável, é preciso ter tempo livre e ocioso para tostar-se a beira mar. Como diz Farias, “Morenidade parece ser uma espécie de palavra de ordem na cidade, a conquista da cor considerada a perfeição do corpo” (2002, p.264).

Além da regulamentação do corpo, a preocupação com a gordura é uma constante em *Elegância e Beleza*, a preocupação em combater o que é gordo, em fazer com que se tome forma conforme os padrões de beleza, era presença constante nos discursos de representação. “Você pode recondicionar seu corpo, o

⁸ Goldenberg, escreve sobre o corpo na década de 1990, se encaixa perfeitamente nos padrões de estética que *O Cruzeiro* defendia e propagava.

⁹ O CRUZEIRO, Ano XXXIV, número 6, 18 de novembro de 1961.

que significa lutar para obter medidas ideais e também não envelhecer esteticamente e espiritualmente.”¹⁰

Essa frase foi extraída de uma matéria da referida seção cuja pergunta central era “Gorda ou Magra?”¹¹ Com a frase abaixo da pergunta, as leitoras já poderiam supor a resposta “certa”. A matéria vai trazer dicas de como enganar a mente antes do corpo, trazendo dicas para emagrecer, não apresentando nenhuma preocupação com a saúde, e sim com a estética. Além de a matéria enaltecer a figura da mulher magra, o título central Gorda ou Magra? não traz a representação em imagens de uma mulher gorda, e sim reforça o ideal de beleza, revelando imagens de mulheres magras como a beleza que se deseja alcançar. Há também a presença do corpo como um objeto que, com disciplina e controle, pode e deve sofrer alterações para um encaixe perfeito no tipo de imagem de mulher que a revista constrói.

Pela imagem *Mulheres Sorrindo*, extraída da revista junto à chamada “Gorda ou Magra?” temos representados corpos de mulheres magras. Pela imagem, pode-se ter uma ideia de qual deve ser o biótipo desejado pelas leitoras de *O Cruzeiro*: mulheres magras, elevando a magreza à elegância feminina.



Figura 3: Mulheres sorrindo.

Fonte: O CRUZEIRO, Ano XXXV, número 8, 1 de dezembro de 1962.
Acervo: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

¹⁰ O CRUZEIRO, Ano XXXV, número 8, 1 de dezembro de 1962.

¹¹ Idem.

Diferente de outros meios midiáticos que trazem o modelo de beleza feminina muito magra, *O Cruzeiro* vai defender a magreza, mas não em excesso, e sim, na medida em que as mulheres ainda mantenham as famosas curvas de um corpo curvilíneo. Em *Elegância e Beleza*, não aparecem imagens e fotografias de mulheres extremamente magras associadas a algo saudável. No entanto, o excesso de peso ou as chamadas gordurinhas localizadas são condenados como um mal a ser corrigido.

Elimine os acúmulos de gordura: A movimentação de todos os músculos é indispensável quando se quer considerar uma figura esbelta, de contornos perfeitos, ou eliminar o acúmulo de gordura em determinadas partes do corpo. Essa série de exercícios é destinada a dois casos. Pratique a diariamente, não esquecendo um só exercício, se deseja resultados positivos.¹²

A preocupação com o corpo é uma constante, chegando ao ponto de se falar em doença quando se fala de excesso de peso, ou os males causados esteticamente por ele. No caso de *Elegância e Beleza*, são ressaltados somente os aspectos estéticos como uma doença de um corpo desregrado.

Flacidez uma doença moderna.
Exatamente como uma doença, pois deixou de ser privilégio das maduras e começou a atacar também as jovens, a flacidez das pernas e, especialmente da parte inferior das coxas, propaga-se sempre mais, e tende a generalizar-se, porque é doença de quem não caminha e não faz exercícios ginásticos para movimentar um grupo de músculos que, tendo sido feito para um intenso e contínuo trabalho, não podem conservar-se firmes e elásticos com o pouquíssimo que lhes é exigido.¹³

A seção escreve que as mulheres possuem mais liberdade de mostrar o corpo, retirando seus corpos do escuro, deixando de ser vistos somente por elas mesmas ou pelos maridos, passando a ser revelados ao público nas praias, piscinas e em diversos locais. Com isso, a mídia começou a exigir mais controle por parte das mulheres, sob suas formas. A impossibilidade de dominá-lo é considerada um fracasso. Como escreve Miriam Goldenberg e Marcelo Silva Farias:

A gordura surge como inimiga número um da “boa forma”, quase uma doença, especialmente para aqueles que buscam ostentar um corpo “sarado”, ícone da “cultura da malhação”. Nesta cultura, que classifica, hierarquiza e

¹² O CRUZEIRO, Ano XXXVI, número 2, 19 de outubro de 1963.

¹³ O CRUZEIRO, Ano XXXVI, número 17, 1 de fevereiro de 1964.

julga a partir de uma forma física, não basta não ser gordo(a) – é preciso constituir um corpo firme, musculoso e tônico, livre de qualquer marca de relaxamento e moleza. (Lipovetsky, 2000). A gordura, a flacidez ou a moleza são tomadas como símbolo tangível da indisciplina, do desleixo, da preguiça, da falta de certa virtude, isto é, da falta de investimento do indivíduo em si mesmo (2002, p. 31).

Além das chamadas preocupações com a forma do corpo feminino, a seção também traz a presente preocupação com os cuidados da pele, principalmente, a facial. Em uma década na qual o mercado brasileiro recebe uma enxurrada de propagandas sobre cosméticos e cremes embelezadores, *O Cruzeiro* terá uma seção que irá enaltecer o uso desses produtos de beleza, para manter a aparência sempre jovial.

Elegância e Beleza fez diversas matérias ressaltando a importância dos cosméticos para a jovialidade da pele da mulher. Muitas vezes, as matérias da seção não fazem referência à manutenção da beleza feminina por meio de cremes e trazem outras preocupações com um chamado universo do feminino. Mesmo não fazendo divulgação de nenhuma marca de cosmético, é comum a seção ocupar meia página, e a outra parte da página ser ocupada por alguma propaganda comercial que busca vender algum produto, tanto pode ser um cosmético quanto um bem de consumo, ao qual o texto da seção, em alguns casos, faz alguma espécie de referência. Para Palacios isso significa que,

no campo linguístico, há todo um leque de adjetivações que reforçam o ideal de um ser jovem e da instauração deste ideal, como uma forma recomendada a todos aqueles que se encontram na fase adulta ou para além dela. Neste aspecto, a língua retrata ao mesmo tempo em que também instaura e reforça, um padrão sociocultural (PALACIOS, 2006, p. 2).

Em muitos casos, *Elegância e Beleza* usava o espaço dentro da revista para responder a dúvidas das leitoras. As cartas com as supostas dúvidas nunca eram expostas na seção, apenas, algumas vezes pequenos trechos. Respostas que, pelo seu conteúdo, podem vislumbrar de que se tratava a correspondência. Embora acreditando que as cartas possam ser uma criação da própria revista, a análise das chamadas respostas para as leitoras é muito frutífera, pois, nessas respostas, fica evidenciada a preocupação que *Elegância e Beleza* tem em difundir esse mundo dos cosméticos que está emergindo na década de 1960.

Elegância e Beleza, perguntas e respostas. A primeira resposta destina-se a esclarecer a leitora que considera a aquisição de produtos embelezadores um dinheiro jogado fora. E explica: “lendo os anúncios de produtos de beleza ou livretos publicados pelos seus fabricantes, constato

que a grande maioria dos cremes e loções tem como elemento principal substâncias naturais já usadas pelas nossas bisavós! Ora se podemos ter pepino, limão, melancia, leite, morango, etc etc ao **natural**- é muito mais vantajoso para nossa bolsa- para que comprar tais produtos lançados como novíssimos e que, na realidade, nada mais são que as referidas substâncias acondicionadas em belos potes e frascos?”

Sim, prezada leitora, nos modernos produtos de beleza encontramos aquelas mesmas substâncias naturais que sempre foram usadas e reconhecidas como benéfica à pele. Mas entre o “natural” e o “fabricado” há esta grande diferença: a substância natural, aplicada em seu rosto puro, beneficia a pele superficialmente, nunca em profundidade. Isto porque aos cremes e loções, preparados em modernos e bem aparelhados laboratórios, são acrescentados elementos para ativar fixar e dar grande poder de penetração à substância básica. Eis um exemplo: se o efeito da aplicação da polpa de pepino se faz sentir por algumas horas somente, o efeito do creme à base de pepino tem duração muito mais prolongada porque durante a manipulação em laboratório adicionaram –lhe elementos que o tornam atuante durante muito mais tempo e o fazem penetrar até as camadas mais profundas da pele. Não queremos com isso negar os benefícios das substância natural, mas, devendo ser preparada em pequena dose no momento que vai ser usada, nem sempre há a indispensável constância no seu emprego, se é aplicada um dia, e esquecida por dois ou três dias, o que não se dá com o creme ou loção que exige somente o trabalho de aplicá-lo.¹⁴

Fazendo a análise do trecho de uma suposta resposta de uma leitora da revista, fica evidente a preocupação demonstrada pela seção *Elegância e Beleza* em destacar a relevância dos cosméticos para o seu público leitor. Quando se enaltecem os laboratórios, os cosméticos, chamados de modernos e bem preparados, são divulgados por um meio midiático, não como uma marca a ser consumida, mas sim como um novo estilo de vida que está emergindo no mercado brasileiro. Não bastam agora, para se manter bela, as receitas caseiras do tempo da vovó, agora é necessário estar atento às modificações sociais e consumistas, a partir dessas novas realidades das quais a sociedade toma conhecimento.

Com a praticidade da vida moderna, não é mais necessário perder horas do dia preparando cremes caseiros, agora basta ir à farmácia e comprá-los, como a seção enuncia, o único trabalho será o de aplicá-lo. *Elegância e Beleza* está atenta a esse novo mercado de consumo, e *O Cruzeiro*, como um veículo midiático, usa das propagandas para se manter e utiliza os espaços erroneamente considerados neutros da revista para difundir, cada vez mais, a vontade de vender novos produtos.

Ao estimular e incentivar o uso dos cosméticos pelas mulheres na seção, percebe-se uma tentativa de transformar esses produtos em itens de primeira

¹⁴ O CRUZEIRO, Ano XXXVI, número 12, 28 de dezembro de 1963. Grifo no original.

necessidade, como algo que deva ser consumido diariamente. Aos produtos de beleza são atribuídos valores simbólicos de indispensabilidade, associando o chamado processo de nutrição da pele ao mesmo grau de importância que o alimento tem para o corpo.

Mesmo o espaço sendo usado para a divulgação de novos produtos emergentes no mercado consumista, a seção não perde seu caráter de ser uma modeladora de uma suposta feminilidade defendida pela revista com traços corporais e físicos bem distintos. A mulher é representada por *O Cruzeiro* como um ser com características corpóreas bem marcadas.

Bela Bela da cabeça aos pés. Da cabeça aos pés ou dos pés à cabeça você tem a obrigação de ser bem cuidada. Não inveje as mulheres que à primeira vista lhe parecem fisicamente perfeitas. Acredite mais depressa que elas conhecem truques e sabem se cuidar. Está aí um segredo de quase polichinelo, pois todos os lados vemos diariamente, que da medicina as institutos de beleza surgem novas e maravilhosas descobertas. Para manter a nossa aparência na melhor forma. Por que então não o seguir?
15

A década de 1960 foi o período em que a beleza, principalmente da mulher, ganhou destaque e mais atenção tanto nacional como internacionalmente. Nessa década, ocorreram os primeiros congressos internacionais sobre cosmética, o que gerou um número considerável de modificações na qualidade dos produtos cosméticos, como nos meios de mídia que necessário para anunciá-los. Foi o período em que a dermatologia começou a fazer parte atuante na indústria cosmética (SANT'ANNA, 2012). *O Cruzeiro* difundia, em suas páginas de anunciantes, os novos produtos cosméticos tanto para mulheres quanto para homens, tais como sabonetes cremosos, cremes de barbear, loções para o corpo, entre muitos outros. No entanto, *Elegância e Beleza* não serve como um espaço de propaganda para determinada marca ou produto, ela vai muito além, age como uma divulgadora desses produtos e dos benefícios de usá-los enquanto, na folha ao lado, existe uma propaganda incentivando a compra de determinado produto de beleza. Isso pode ser verificado no trecho a seguir:

Você pode economizar nos produtos de beleza
Não cometa o erro de renunciar ao cuidados da beleza com produtos adequados, alegando razão de ordem econômica, nem cometa o erro ainda

¹⁵O CRUZEIRO, Ano XXXVII, número 49, 11 de setembro de 1965.

mais grave, de preferir os que custam menos. Adquirir somente produtos de boa marca; são mais caros, é verdade, mas os únicos que, por serem mais enérgicos e mais eficazes, podem ser usados em quantidades mínimas, e portanto, duram mais. E se você aprender a usá-los com parcimônia, acabará por se convencer de que gastando mais estará fazendo economia.¹⁶

Elegância e Beleza fala da importância dos cosméticos para a beleza e jovialidade da pele feminina, agora as mulheres são responsabilizadas por seu envelhecimento, vista que existe, no mercado de consumo uma avalanche de bens para tal finalidade. A essa mulher é imposta a ideia de que ela possui liberdade para fazer o que deseja com seu corpo, em relação a cuidados, mas, na verdade, o que se percebe é uma padronização de seus corpos pela mídia, cujo alcance passa a ser alvo de desejo por grande parte das mulheres.



Figura 4: Mulher usando um produto de beleza.

Fonte: O CRUZEIRO, Ano XXXIV, número 16, 27 de janeiro de 1962.

Acervo: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

“Para a pele permanecer jovem e fresca é necessário liberá-la todas as noites da maquilagem do dia. Para isso use creme, loção ou mesmo sabonete.”¹⁷. Essa

¹⁶ O CRUZEIRO, Ano XXXII, número 39, 9 de julho de 1960.

¹⁷ O CRUZEIRO, Ano XXXIV, número 16, 27 de janeiro de 1962.

frase se encontra na revista abaixo da imagem 4 *Mulher usando um produto de beleza*, dando algumas dicas para suas leitoras de como cuidar da pele, usando cremes, prendendo os cabelos, para que esses não entrem em contato com o produto utilizado no rosto. Assim, o texto, aliado à imagem, ilustra as preocupações que a seção tem em defender o uso dos cosméticos pelas mulheres brasileiras. Essa seção agia como um manual para gerir e guiar a vida de suas leitoras, como fica evidenciado no trecho a seguir.

Envelhecimento normal da pele como já dissemos começa aos 45 anos, mas o combate as rugas deve começar cedo. A mocinha que aprende e bota em prática as principais normas higiênicas para manter a pele perfeitamente limpa e com saúde receberá, na idade madura, os benefícios dessa defesa preventiva contra as rugas. Seu programa não incluirá tônicos nem cremes, mas terá como base uma boa limpeza diária com água e sabão neutro, principalmente à noite, para que a pele possa respirar durante o sono. Dos vinte aos vinte cinco anos pensará em limpar a pele com cremes e loções detergentes, adequados para a manhã e a noite. Depois dos vinte e cinco anos, além da respiração proporcionada pela limpeza diária e perfeita, usará um creme nutritivo de tipo leve e um creme hidratante para que a pele conserve seu grau de umidade ainda elevado a essa idade. As 35 anos eliminará o uso do sabão (se não tem pele oleosa), mas o tratamento será o mesmo se o aspecto da pele ainda é jovem.¹⁸

PARA A BELEZA DE SUA PELE



Ardena Tônico para a pele
Ardena Creme de Limpeza

Para limpar... Molhe uma compressa de algodão em água fria, esprema-a e embale-a no "Ardena Tônico para a Pele". Coloque na compressa um pouco de "Ardena Creme de Limpeza" se sua pele for seca e normal, ou "Brando Creme de Limpeza" se for oleosa. Passe-a sobre o rosto e colo. Retire o excesso de creme com toalha de papel.



Creme Laranja
Ardena Tônico para a pele

Para suavizar... (Cúria Secca ou Casada) Espalhe o "Ardena Creme Laranja" sobre o colo, pescoço e rosto com as pontas dos dedos, de pancadinhas de baixo para cima. Retire o excesso de creme com uma toalhinha de papel, deixando somente uma fina camada durante toda a noite. Para manhã, retire-a e aplique "Ardena Tônico para Pele".



Ardena Creme Veiva

Para suavizar... (Cúria normal e jovem) Use o "Ardena Creme Veiva". Depois de limpar e tonificar sua cúria, aplique uma camada do "Ardena Creme Veiva" sobre o colo, pescoço e rosto. Para as mãos flexíveis, e com as pontas dos dedos de pequenas pancadinhas, com movimentos de baixo para cima. Retire o excesso de creme com uma toalhinha de papel.



Ardena Tônico para a pele

Para tonificar... use o "Ardena Tônico para Pele". Após a limpeza da cúria, umedeça um pedaço de algodão em água fria, esprema-o e embale-o em "Ardena Tônico para a Pele". Bata vivamente sobre o colo, pescoço e rosto, durante 2 a 4 minutos, sempre com movimentos de baixo para cima. Entenda o queixo para frente e continue batendo nos cantos dos lábios.



Ardena Especial Adstringente

Para Tonificar e Condensar de Rosto... Depois de limpar e tonificar sua cúria como já foi explicado anteriormente, umedeça uma compressa de algodão com "Ardena Especial Adstringente" e bata rapidamente em redor do rosto e colo, durante 2 a 4 minutos. Descanse alguns momentos, e faça então seu maquiagem.



Ardena Creme Máscara Veiva

Depois de um dia de trabalho... Aplique uma camada de "Creme Máscara Veiva" no colo, pescoço e rosto. Deixe o creme durante 15 minutos, evitando, em todo esse tempo, movimentos com os músculos do rosto. Retire o "Ardena Creme Máscara Veiva" com algodão umedecido em água fria. Retire-o novamente seu rosto com o "Ardena Tônico para a Pele" e faça seu maquiagem.

Elizabeth Arden
RIO DE JANEIRO LONDON NEW YORK PARIS

Para uma consulta gratuita de Assistentes Pessoais de Elizabeth Arden, nas principais perfumarias.
Record 7000

Figura 5: Propaganda de cosméticos.

Fonte: O CRUZEIRO, Ano XXXIII, número 51, 30 de setembro de 1961.

Acervo: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

¹⁸ O CRUZEIRO, Ano XXXV, número 32, 18 de maio de 1963.

A imagem de propaganda, muitas vezes, ilustrava a página da seção, quando essa não trazia nenhuma imagem aleatória. As propagandas de *Elegância e Beleza*, na maioria das vezes, eram didáticas assim como seus textos, ensinando como as mulheres deveriam aplicar os produtos de beleza para um resultado mais eficaz. Ao ilustrar, ensina as leitoras a como aplicar os produtos cosméticos em sua pele, que tipo elas deveriam adquirir e como manuseá-los de forma adequada.

A seção, como citado acima, não trazia, em seus textos referências, a marcas, mas, fora do espaço dedicado à seção, muitas vezes na mesma página da revista, trazia anunciantes de produtos, que, em algumas ocasiões, faziam referências a alguma parte do texto de *Elegância e Beleza*.



Figura 6: Propaganda de soutien.

Fonte: O CRUZEIRO, Ano XXXIII, número 40, 15 de julho de 1961.
Acervo: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

A *Propaganda de soutien* acima, de uma determinada marca, é um caso de anunciante de produtos que está ao lado de uma matéria de *Elegância e Beleza* que destaca a relevância do uso de um bom soutien para a perfeição do busto.

Há opiniões contrárias sobre a eficácia da ginástica: uns afirmam que é danosa ao busto, outros que o desenvolve e lhe dá firmeza. Ambas estão certas: a ginástica e o esporte violento se, praticados sem "sutien" enfraquecem as fibras do busto e as deformam.¹⁹

Como é possível observar na análise desse trecho de *Elegância e Beleza*, a seção funcionava como um manual onde Marzullo guiava as leitoras em todas as fases da vida para que os cuidados com a beleza nunca fossem ignorados ou esquecidos. Em todos os anos analisados da seção, essa postura de escrever como uma espécie de manual esteve presente. Também há uma preocupação, por parte da revista, salientando sempre a higiene das mulheres. Mesmo defendendo o uso dos produtos cosméticos, a seção salienta constantemente os cuidados com a higiene pessoal. Pela análise feita das fontes, a seção era escrita primordialmente para as mulheres adultas, guiando, muitas vezes, a leitora a se preocupar não somente consigo, mas também com os filhos. O marido, nesse caso não aparece como uma preocupação da esposa.

Marzullo, mais que uma simples colunista de *Elegância e Beleza*, apresentava-se como uma amiga da leitora de *O Cruzeiro*. Em seus textos, evidencia a presença do tom de familiaridade e intimidade com o público leitor. Como diz Tania De Luca,

carregar as marcas da emoção e da afetividade pode atuar como um importante elo no processo de transmissão da informação, mas também de convencimento e mesmo imposição, apoiados em enunciados prescritivos e normativos, que ordenam o que fazer e como fazer (LUCA, 2012, p. 448).

“*Elegância e Beleza*, ajude seu filho a ser fisicamente perfeito”²⁰. Essa é uma das chamadas encontradas na seção, indicações para as mães permanecerem atentas aos cuidados com os filhos.

As várias partes do corpo devem permanecer e agir coordenadas com a precisão e correção, sem que umas sejam avaliadas em prejuízo das outras(...) Você que é mãe, que tem o cuidado de alimentar bem o seu filho

¹⁹ O CRUZEIRO, Ano XXXIII, número 40, 15 de julho de 1961.

²⁰ O CRUZEIRO, Ano XXXVI, número 5, 9 de novembro de 1963.

para que ele se conserve em boa saúde, dê-lhe também a possibilidade de ter um físico perfeito, ajudando a conquistar e conservar uma postura correta. Vigie e corrija, se for necessário, a atitude da criança em sua fase de desenvolvimento.²¹

A seção enaltece os cuidados e as vigilâncias que as mães devem exercer sobre os corpos dos filhos, para que a perfeição do corpo físico seja conquistada desde a infância e para que na vida adulta, o corpo esteja educado para seguir os padrões que *Elegância e Beleza* defende. Além da preocupação com os corpos das crianças, a seção incentivava a mulher a se vigiar e cuidar, além do seu corpo, também da sua postura física diante da sociedade.

Gestos e atitudes

Não basta fazer tratamento, regime, ginástica e massagem para conservar a beleza, a elegância e a esbeltez, se a isso não se alia a arte de saber controlar gestos e atitudes tornando – os adequados e equilibrados. Pelos gestos exteriorizamos nossos impulsos mais íntimos; pelas atitudes traímos o que vai dentro de nós, revelando nossa verdadeira educação e, segundo os psicólogos, até nosso caráter. Analise, portanto, seus movimentos e corrija. Não pense: nasci sem graça, não sei como agir em presença de estranhos. Ninguém traz do berço esse conjunto de atrativos que, completando a beleza física, constroem a beleza impalpável, imorredoura, que é encanto pessoal. Assim como você aprendeu a andar, a ler, a escrever, aprenderá também a ter segurança de gestos e harmonia de atitudes que farão de você uma mulher de classe. Gestos e atitudes que educados e bem coordenados representam os retoques finais com que você completará o quadro maravilhoso que é a sua aparência externa.²²

O cuidado e vigilância que a mãe deve ter com a filha, para educá-la a ser uma mulher bela:

Ensine a sua filhinha o caminho da beleza

Ensinando a sua filha, esses pontos básicos, que deve torná-los fáceis e divertidos. Em vez de castigá-la se o pescoço as orelhas e as mãos, não estiverem cuidadosamente limpas, deve tornar o banho diário um prazer.²³

A seção traz matérias nas quais a mãe tem o dever e a responsabilidade de ensinar às suas filhas, na maioria das vezes, as meninas, os cuidados com a higiene, para que essa se torne mais do que um hábito, e sim um prazer, porque os cosméticos remeteriam a uma nova lógica, a de um prazer. Não somente esse trecho mais em diversas passagens na seção, há uma obrigação com a beleza. Essa chamada obrigação, porém, é carregada de uma representação de que se cuidar embelezar-se é um prazer, fazendo com que a tarefa de se embelezar

²¹ Idem.

²² O CRUZEIRO, Ano XXXV, número 41, 20 de julho de 1963.

²³ O CRUZEIRO, Ano XXXII, número 51, 1 de outubro de 1960.

assuma contornos de uma suavidade. Ou seja, o dever se ser bela vai além de uma obrigação, torna-se irresistível e está atrelado a uma relação de bem-estar, e não de esforço demasiado.

Essa beleza também está intimamente relacionada com a limpeza e higiene. Não só do próprio corpo, mas do corpo dos filhos e filhas, é também uma higiene que abrange o lar, pois todos os corpos e a casa deveriam estar limpos, e essas preocupações cabiam à figura feminina.

Elegância e Beleza atuava no meio midiático como um manual de beleza feminina, onde era ensinado para as mulheres como manter a linha do corpo, com dietas, exercícios e cremes embelezadores. Porém, não foi percebida, na análise das fontes, uma exaltação à beleza extrema, que vai ser difundida, na década de 1960, por vários meios midiáticos. *O Cruzeiro* mantém uma postura através de sua colunista e colaboradora Elza Marzullo, a qual incentivava as suas leitoras a educar os seus corpos para uma vida social. No entanto, sua postura de educação do corpo não estimulava a magreza extrema, que posteriormente será vista nas passarelas de moda das décadas seguintes e da atualidade. A educação corporal ainda atendia a um padrão de beleza defendido e difundido na década anterior, a de uma mulher com uma silhueta acentuada, com marcas de feminilidade bem acentuadas.²⁴

O Cruzeiro, na seção *Elegância e Beleza* da década de 1960, não vai defender um ideal de beleza feminina muito magra e, em certos pontos, vai combater a magreza excessiva com algo mal visto, que poderia ser um sinal de saúde frágil. Os modelos de mulheres magras sem as chamadas curvas não serão representados dentro de *Elegância e Beleza*, entendendo a mídia como uma instituição influente e com poder de desconstrução e construção de experiências de si e do outro. A mídia, nesse caso *O Cruzeiro*, funcionava como um mecanismo que se diz espelhar a realidade ou o real. Mas, assim, determina e divulga modos de ser e agir dos sujeitos, muitas vezes, construindo uma realidade.

O Cruzeiro tenta manter um estereótipo de mulher agregado a outros padrões de beleza analisados no decorrer da construção deste texto. Desse modo, essa revista mantém uma representação de realidade que lhe convém, ignorando outras

²⁴ Chamamos marcas de feminilidade o que a própria seção considerava como feminilidade corporal. Um corpo de mulher com curvas, quadris largos seios fartos e silhueta bem marcada, aliado com traços delicados e joviais no rosto.

representações de realidade difundidas em outros meios midiáticos, como é o exemplo da revista *Claudia*

:

A revista *Claudia*, também da editora Abril, representa o espírito da década de 1960 em relação à mulher. A solução da antítese rainha/escrava acontecerá quando ela se transformar em mulher contente, que além de suas próprias riquezas, também conta com um lar, marido e filho (BUIOTON, 2009, p.113).

Essa seção, assim como várias outras de *O Cruzeiro*, tem seu final na metade da década de 1960. Como as demais seções que se encerram no mesmo período. Não foi exposto para o público leitor o motivo do fim de *Elegância e Beleza*. Em certo momento, ela simplesmente desaparece das páginas de *O Cruzeiro*, assim como sua escritora, Elza Marzullo. A partir do mês de setembro de 1965, *Elegância e Beleza* não foi mais publicada nas páginas da revista. Em seu lugar, antes destinado para o feminino, entram em cena outros artigos, como aqueles que tratam de decoração.

O Cruzeiro, em *Elegância e Beleza*, representa uma mulher ideal, socialmente aceita, e usa de um tom imperativo em seus textos pedagógicos para enfatizar sempre a constante busca pela perfeição a beleza enaltecida nas páginas da revista.

Nos textos de *Elegância e Beleza* existe um mundo no qual as mulheres são colocadas com uma gama de pertencimentos do que é aceito, bonito, certo, entre outros valores. Essa seção cristaliza, em seus manuais de conduta, o que é uma mulher e como a feminilidade deve ser exercida. Cabe também ressaltar que, quando se trabalha com a imprensa, é possível considerar que as leitoras e os leitores não são meros receptores passivos, que aceitam e praticam o dilúvio de regras e manuais expostos dia após dia nas páginas do periódico. Enaltecemos esse ponto em minha escrita para evidenciar a decadência da revista em uma década de grandes mudanças nas estruturas sociais, na qual o movimento das mulheres assume força e fôlego. Contudo, é inegável e não deve ser ignorado o poder de persuasão dos meios midiáticos sobre as camadas da população, ou seja, o poder de sugerir e intervir em comportamentos sociais.

No capítulo seguinte, será analisada a seção *Da Mulher para a mulher*, que abordava temas diferentes de *Elegância e Beleza*, mas também seguia na mesma linha de dizer às mulheres como elas deveriam agir. *Da Mulher para a mulher* irá assemelhar-se a um consultório sentimental.

2. Da Mulher para a mulher: Um correio sentimental

A seção de *O Cruzeiro* a ser analisada e trabalhada neste capítulo é *Da Mulher para a mulher*. Como o próprio título do capítulo deixa explícito, essa seção é diferente de *Elegância e Beleza*, tem caráter de um correio sentimental, na qual as cartas das leitoras e leitores eram respondidas. *Da Mulher para a mulher* era um espaço descrito para o público feminino, onde, além das correspondências, havia textos instrutivos para as mulheres sobre diversos setores da vida particular e, em raras exceções, sobre a vida pública de suas leitoras.

A seção funcionava como uma espécie de consultório sentimental, com base nas cartas e nos questionamentos feitos pelas leitoras(es). Assim, constituídas as respostas que, ao mesmo tempo em que sanavam aqueles questionamentos, defendiam um posicionamento social e político. Ou seja, era um espaço dentro do periódico para levantar questões sobre diversos aspectos da vida pessoal dos indivíduos, como diz Cunha:

A seção *Da mulher para a mulher* caracterizada como um consultório sentimental para as mulheres, a qual se valia de uma linguagem direta e pessoal, recebia esporadicamente correspondências enviadas por homens, quebrando com o caráter do público leitor, mas expandindo/difundindo o discurso moralizante concernente aos comportamentos da relação homem/mulher. As cartas enviadas pelos leitores permitem analisar que ao mesmo tempo em que a seção educava mulheres não só também auxiliava homens no trato com suas 'pequenas', como a compor estereotípicos femininos. Assim, esta seção de cartas torna-se um local privilegiado de produção e circulação de saberes e significados em relação à mulher, ao homem e às relações homens/mulheres (já que a heterossexualidade é naturalizada e a homossexualidade é inexistente nas páginas do periódico) (CUNHA,2009,p.5).

Da Mulher para a mulher, como já dito, é de caráter feminino, isso não quer dizer que esse espaço não estava aberto para homens, já que aparecem, em muitos textos, temas dirigidos aos homens. Eram abordados assuntos do cotidiano das pessoas que liam *O Cruzeiro*. Essa seção respondia às cartas de leitores que escreviam para a revista, fazendo questionamentos de caráter particular. Algumas correspondências eram assinadas, outras não, algumas continham o endereço do remetente e outras não apresentavam nenhuma informação sobre o leitor correspondente. No período analisado nesta dissertação, nenhuma carta foi exposta na íntegra em *Da Mulher para a mulher*.

Apenas o que a seção disponibilizava eram pequenos fragmentos das correspondências, como uma breve frase. A partir dela, era elaborada a resposta que enunciava de que se tratava a carta. A grande maioria das cartas eram assinadas por mulheres, as poucas cartas que eram assinadas por homens sempre faziam referência ao comportamento feminino, pedindo um posicionamento da seção. Mesmo as correspondências que não possuíam assinatura, percebe-se para quem eram respondidas, pois as respostas sempre, nesses casos, começavam com “minha amiga ou meu amigo”.

Outro aspecto de grande importância na seção *Da Mulher para a Mulher* eram os textos didáticos, educativos, para instruir as mulheres e os homens sobre como deveriam agir quanto às questões de âmbito privado, quanto aos temas particulares de seus leitores. Os textos vinham carregados de conselhos e, muitas vezes, contavam uma historinha dita verídica, para ilustrar e ou reforçar a ideia que se desejava passar.

Esses textos, na maioria dos casos, eram a parte central da seção, tirando, muitas vezes, a atenção das correspondências, visto que os textos ocupavam a maior parte da página dedicada à seção. Em muitos momentos, a importância do texto se fez maior que a das correspondências. Por tal motivo, as cartas não eram expostas na íntegra, e sim em pequenos fragmentos, que na grande maioria, tinham respostas curtas e objetivas.

Da Mulher para a Mulher surge em *O Cruzeiro* na década de 1940, no período em que a revista dava um salto em relação a sua nova estrutura e se modernizava, como já explicado no capítulo anterior. É nesse contexto de mudança que nasce um

espaço dentro da revista dedicado a assuntos de feminilidade. A seção, que ganhava as ruas toda semana, teve duração de mais de duas décadas, conhecendo seu final em 1963.

Mesmo assim, é um final um tanto quanto contraditório, pois a seção mudará de nome e passará a se chamar *Cartas do leitor* e, a partir desse momento, perdendo o espaço importante onde se configuravam os textos de caráter instrutivo e sentimental para as mulheres. E, perdendo a sua característica principal, de ser destinada ao público feminino, perde também o lugar que *Da Mulher para a mulher* tinha no índice da revista, como espaço dedicado ao público feminino. Por esses motivos, *Cartas do leitor* não será analisado nesta dissertação. *Cartas do leitor* irá trazer, na sua grande maioria, respostas de correspondências de homens sobre temas ligados a esporte e sugestões sobre pautas que poderiam ser contempladas pela revista. Em todo o período analisado, foram encontradas dentro de *Cartas do leitor*, duas referências à seção *Da mulher para a mulher*: uma respondendo que *Da Mulher para a mulher* agora estava fundida em *Cartas do leitor*, e a segunda, respondendo a uma dúvida de moda.

Da Mulher para a mulher foi escrita ao longo do tempo por várias pessoas. Na década sobre a qual esta dissertação se debruça, a escritora da seção se intitulava Maria Tereza, sendo que esse nome não aparece na ficha técnica da revista e em nenhum lugar onde ficam especificados todos os nomes dos responsáveis pelas matérias. Surge a hipótese de que Maria Teresa seja um pseudônimo.

Com isso, fica o seguinte questionamento: Maria Teresa poderia ser um homem escrevendo para mulheres, ou Maria Teresa poderia ser várias pessoas que escreviam e respondiam às correspondências em conjunto. As próprias correspondências constituem uma pergunta em aberto, elas existiram? Ou foram um dispositivo criado pela revista, para atrair o público leitor e, também, uma maneira de se tornar mais íntima das suas leitoras. Assim como uma amiga que escreve e orienta sobre a vida. Criava-se com isso, um elo diferente daquele de *Elegância e Beleza*, no qual um manual de regras era exposto, mesmo que em um tom amistoso. *Da Mulher para a mulher* vai além, é como uma conversa íntima com o público e suas fiéis leitoras. Esses são dois questionamentos que esta pesquisa ainda não conseguiu sanar e, talvez, uma questão que fique em aberto.

Da Mulher para a mulher junto com *Elegância e Beleza* selam, dentro do periódico, um espaço didático para as mulheres, de como as leitoras de *O Cruzeiro* deveriam ser, ou tentar ser física e esteticamente e de como deveriam ser e se portar em relação aos seus sentimentos e condutas morais. Essas duas seções, juntas, formam um conjunto de regras e comportamentos que aprisionam as mulheres em estereótipos do que deve ser exercido pelo feminino e do que cabe ao masculino ser e fazer.

Este capítulo abordará a análise sobre a seção *Da Mulher para a mulher* referente a alguns dos temas aos quais a seção se dedica: as regras de comportamento estabelecidas pela seção de como uma mulher deveria se portar; como sua “feminilidade” deveria ser exercida; qual o comportamento que homens e mulheres deveriam ter, para estarem de acordo com as normas. E, também irá analisar a importância do amor para as mulheres, a maneira como o periódico aborda questões ligadas às emoções femininas, e como essas emoções deveriam ser exercidas sob a ótica da seção.

2.1 Como deve ser uma mulher para a seção *Da Mulher para a mulher*: A “feminilidade” em alta, aliada às regras de comportamento

A palavra “feminilidade” é usada neste subtítulo, pois é escrita com frequência na seção em questão, como se as mulheres possuíssem um caráter diferenciador do homem, um ser com peculiaridades que deveriam ser esmiuçadas e ressaltadas a todo o momento.

Essas “feminilidades” são representadas dentro de *Da Mulher para a mulher* como regras de comportamento, de como uma mulher deveria agir em diferentes situações do cotidiano, tanto em família, quanto no trabalho. Regras que limitavam o comportamento feminino. E isso construía um espaço de separação do que era pertencente ao universo feminino e ao masculino, limitando o espaço da mulher na vida social, restringindo e orientando as leitoras de *O Cruzeiro* sobre qual a maneira certa de uma mulher se posicionar frente à sociedade.

Para Joan Scott, “o lugar da mulher na vida social humana não é, de qualquer forma direta, um produto das coisas que ela faz, mas do significado que suas atividades adquirem através da interação social concreta”(SCOTT, 1990, p. 86). Desse modo, *O Cruzeiro*, em *Da Mulher para a mulher*, tentava redirecionar o comportamento feminino no âmbito social e no privado, como algo natural ao ser mulher, fazendo, assim com que as mulheres que não se encaixassem nesse molde imposto, não fossem tão femininas como deveriam ser.

Em um texto da seção, fica evidenciado, de forma sutil, que tipo de comportamento uma mulher deve assumir diante de um homem em uma situação que envolva uma espécie de sedução entre ambos.

Há uma teoria segundo a qual o Dom Juan inveterado nada mais é que uma pessoa medíocre, indecisa sobre sua masculinidade, que cria situações para pôr a prova a sua capacidade de atrair. Ao namorar esta e aquela mulher, sua intenção é apenas mostrar, a uns e a outros, que ele é o ‘tal’, que ninguém pode duvidar de sua força de sedução. No íntimo, é um fraco.

Da mesma forma, há mulheres muito vaidosas, que por toda a parte veem homens perigosos, querendo conquistá-las, querendo pôr à prova sua honestidade. (...) Tanto a vaidade excessiva como a desconfiança permanente, sobre as intenções dos homens, são provas de uma personalidade vacilante, indecisa, que precisa de afirmações dessa natureza para compensar a sua insatisfação ou frustração. Normalmente as mulheres não se apercebem das provocações, mesmo porque não dão margem para que elas surjam.²⁵

Nesse fragmento extraído da seção, percebe-se que a crítica ao comportamento sedutor masculino é diretamente direcionada ao comportamento feminino. Um homem pode agir mal em seduzir várias mulheres, para se sentir, como a própria seção diz, o “tal”. Mas a mulher não deve seduzir um homem, muito menos usar de uma vaidade excessiva para julgar que pode sair arrebatando corações. À mulher cabem o direito e o dever de se dar respeito, termo que não é usado nesse momento pela seção, porém fica implícito no tipo de representação de comportamento feminino. À mulher cabe o papel de não abrir precedentes para que o Dom Juan a seduza, ela deve se manter a distância e indiferente ao homem, nessas situações.

Outro tema que aparece com frequência em *Da Mulher para a mulher* é a autoridade tanto feminina quanto masculina.

²⁵ O CRUZEIRO, Ano XXXIV, número 6, 18 de novembro de 1961.

Abuso de Autoridade

Tanto é prejudicial a falta de autoridade quanto o excesso de autoridade. Queixa-se um leitor, que nos escreve, do gênio excessivamente autoritário da mulher. “Ela tem boas qualidades, é zelosa com a casa e com as crianças. Mas, não admite ser contrariada em coisa alguma e só resolve tudo a gritos. Estou as margens do desespero”. O que acontece com uma família assim? Adianta que os filhos andem bem cuidados e as finanças equilibradas se a família vive em um ambiente de nervosismo intenso? Por maior que seja o amor que una o marido a tal mulher, desaparecerá com o tempo. Ninguém pode admirar nem viver feliz ao lado de uma criatura assim. Os filhos temerão a mãe e lastimarão o pai; este sente pena dos filhos, e envergonha-se da mulher. Não sente prazer na sua companhia e termina, mesmo por fugir dela. Esta espécie de autoridade é tremendamente prejudicial.²⁶

Esse texto tem uma peculiaridade distinta da maioria dos demais, é uma crônica escrita com base em uma suposta correspondência masculina. Não é uma exceção, já que foram encontradas algumas correspondências masculinas para a seção, mas é um diferencial, pois essa correspondência se encontra na crônica, no texto pedagógico. Porém, como o fato de as correspondências poderem ser uma própria criação da revista para reforçar o caráter de correio sentimental da seção, a carta de um leitor masculino também pode ser uma criação de *Da Mulher para a mulher* para reforçar a ideia de que homens não gostam de mulheres autoritárias.

A linguagem usada no texto é para colocar o homem como uma vítima da mulher que não se ajusta às regras comportamentais da docilidade feminina tão defendida na seção, ao se referir à mulher autoritária como “criatura”, anulando todos os valores de boa mãe, os quais também eram defendidos pela revista, como veremos no terceiro capítulo. A seção usa bem o espaço dedicado às crônicas, ou como já mencionado nos espaços de instrução feminina, para dizer ao seu público leitor que uma mulher que grita, que manda e desmanda, não é uma boa mulher e, assim, também, não será boa esposa e mãe. Como diz Chartier:

Longe de afastar do real e de indicar apenas as figuras do imaginário masculino, as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, inscrevem-se nos pensamentos e nos corpos de ambos, delas e deles. Mas, uma tal incorporação da dominação não exclui, longe disso, possíveis variações e manipulações que, pela apropriação feminina de modelos e de normas masculinos, transformam em instrumento de resistência e em afirmação de identidade as representações forjadas para garantir a dependência e a submissão (CHARTIER, 2002, p. 95-96).

²⁶ O CRUZEIRO, Ano XXXII, numero 24, 26 de março de 1960.

As regras comportamentais defendidas por *Da Mulher para a mulher* surgem em vários textos ao longo da seção, aparecem muitas vezes reforçando estereótipos femininos e masculinos. Um dos fatores primordiais é que essas regras também não somente para instruírem as mulheres de como devem agir, mas servem para construir uma ideia de que, segundo os mandamentos de *O Cruzeiro*, todas as mulheres podem alcançar a felicidade, essa, estipulada pela revista, como um bom casamento e a tão sonhada maternidade.

As regras comportamentais agiam na forma de textos didáticos que instruíam as mulheres sobre como agir em diversas situações e sobre o que era cabível e aceitável para uma mulher. Os textos de *Da Mulher para a mulher* mergulhavam no íntimo de suas leitoras, e as instruíam para a vida a dois. A maior parte da seção é dedicada à vida privada de suas leitoras, direcionada para a vida pós-casamento e para a maternidade. Os textos da seção, assim como as respostas das correspondências, têm um foco primordial: preparar e instruir as mulheres mais jovens para a vida de casada. E, por outro lado, existe a preocupação em orientar as mulheres mais velhas para a manutenção do seu casamento.

Como De Luca (2012) comenta, a linguagem usada nas revistas e em *Da Mulher para a mulher*, assim como em *Elegância e Beleza*, é uma linguagem informal, como a de uma amiga mais experiente orientando a outra sobre como ser. Juntando todos os leitores em um aglomerado como se todos fossem iguais, padronizando-os. Como se todos os desejos e os anseios fossem os mesmos ou, na visão da revista, deveriam ser, prescrevendo que todas as mulheres deveriam desejar e conquistar os mesmos anseios, isso, de igual maneira se aplica aos homens no que tange à vida privada.

Essas regras inundam toda a vida das mulheres, até mesmo, que tipos de temas deveriam, ou não, ser abordados com as amigas, como é o caso abaixo mostrado na revista sob o título “Indiscrição”.

A indiscrição é conhecida como característica tipicamente feminina – e não há grande mérito nisso para as mulheres. O que uma mulher revela a outra em caráter confidencial é imediatamente comunicado a uma terceira, também sob reserva e assim por diante, o segredo corre de boca em boca e assim torna-se notícia.

Às vezes, trata-se de certos detalhes da vida íntima de cada uma, ou de certo modo escandaliza os homens, pouco afeitos a esse tipo de

confidência. Há mulheres que revelam segredos físicos que os homens guardam zelosamente para si mesmos, quando se trata de seres que eles amam.

Em matérias de carta de amor, qual a moça que não se compraz em mostrar a uma amiga a carta de um namorado ou noivo? Sabemos de uma jovem que chegava ao cúmulo de exibir às amigas as cartas que a irmã recebia do namorado – o que foi motivo suficiente para que ele terminasse o namoro.

Nos salões de beleza, o clima é propício às confidências. As mulheres estão ali num excelente estado de espírito; à procura de ficarem mais bonitas. O cabeleireiro é pago para embelezá-las... é ouvi-las. Então, a tagarelice é grande.

Enfim, esse tipo de tagarelice em salão de cabeleireiro não prejudica a ninguém. As mulheres se distraem e ninguém pode contrariar a natureza, esperando e exigindo que elas falem menos.

O que é prejudicial sim, é que revelem a uma terceira pessoa, seja quem for, um assunto que lhes foi comunicado em tom de segredo. Elas passam a notícia adiante assim: “Vou te contar uma coisa, mas pelo amor de Deus não fales a ninguém que eu te disse”. Quantas e quantas vezes já ouvimos essa frase de uma amiga!

Por que aquele segredo não pode ser guardado? Não foi ouvido sob recomendação expressa de não ser revelado? Além disso, quem conta um conto aumenta um ponto. Muitas vezes uma simples entonação de voz altera o curso de uma história. E quando aquele segredo se torna público vem evitado de deformações.

Para que se passa adiante um segredo? Qual é a vantagem que se encontra nisso? Falta de autodomínio, desejo de brilhar, chamar a atenção?

Entretanto, a mulher que se controla no momento em que deseja passar adiante uma confidência, essa mulher sentirá que tem forças, e controle sob si mesma; sentirá que não desmereceu a confiança da amiga, sentirá que procedeu com honestidade; que em silêncio foi uma prova de amadurecimento espiritual.²⁷

O fragmento extraído da seção *Da Mulher para a mulher* mostra, bem nitidamente, esse caráter de regulador. O texto apresenta estereótipos de que uma mulher não é um ser muito confiável, pois, a qualquer momento, ela pode expor a intimidade de alguém próximo dela. Diferente do homem, que aparece como um ser honrado, que não é adepto a se expor e, muito menos expor, a quem ama. Embora houvesse e haja um questionamento sobre a passividade das leitoras frente ao conteúdo de tais mensagens da seção, a imprensa possuía e possui um papel importante como meio difusor de informação. Segundo Fischer, a mídia é:

Um lugar de aprendizado a respeito de nós mesmos, da vida que levamos, um aprendizado de como vamos receber e ler, pessoas classificadas para nós como heróis ou vilões, cidadãos corretos ou como transgressores da ordem (FISCHER, 2005, p. 49).

²⁷ O CRUZEIRO, Ano XXXV, número 2, 20 de outubro de 1962.

Da Mulher para mulher usa recursos em alguns de seus textos, os quais podem ser considerados didáticos, são os exemplos dentro do texto. Um exemplo pode reforçar a ideia negativa de uma atitude, do que a seção considera ruim para os seus leitores. O próprio exemplo acima mostra como o fato da indiscrição feminina foi prejudicial à vida da mulher, fortalecendo as palavras da revista e revigorando a noção de certo e errado.

O que mais chama atenção, nesse texto, não é somente a reprodução de um estereótipo de mulher frívola, como uma criatura de pouca confiança, mas sim a presença do autocontrole. Assim como em *Elegância e Beleza*, na qual a mulher deveria ser capaz de controlar seu corpo e moldá-lo, em *Da Mulher para a mulher*, essa tarefa traspassa o físico e invade o íntimo feminino. Uma mulher só é digna de confiança, se consegue exercer pleno controle de si, como a própria revista diz: uma prova de honestidade.

A seção reproduz, com esse texto, a possível vida que suas leitoras levam, e de como elas deveriam levar a partir da ótica de *O Cruzeiro*, como diz Chartier:

No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si e do próprio mundo (CHARTIER, 1990, p.24).

A seção busca regulamentar o comportamento feminino, revelar às mulheres a maneira certa de olhar para o mundo e de interagir com ele. Busca redirecionar comportamentos do que é cabível a uma mulher, enaltecendo por várias vezes, a figura masculina, citando o homem e seu comportamento, descrito pela revista como o certo e, no caso do fragmento acima, mostrando que o suposto comportamento adotado pelos homens é o correto.

Da Mulher para a mulher aborda em seus textos, a dicotomia entre feminino e masculino, colocando, de um lado, os homens e, de outro as mulheres como seres diferentes física, mental e politicamente. No caso do texto mencionado acima, a diferença entre ambos está no caráter. Homens têm caráter e confiabilidade de não expor suas vidas íntimas e a dos outros; em contrapartida, as mulheres não possuem essas qualidades, devendo alcançá-las, para, assim se sentirem felizes consigo mesmas.

(...)Uma mulher bem feminina, uma mulher bem equilibrada, gosta de ser mulher e sabe dar o justo valor às qualidades femininas.

A inconstância não é traço do caráter feminino. Uma mulher pode amar sinceramente mais de uma vez. Mas nunca amar com sinceridade dois homens ao mesmo tempo.

A arte da sedução faz parte da natureza da mulher. Mas, se o equilíbrio é constante daquela natureza, ela pratica essa arte quase inconscientemente.

Uma mulher percebe quando exerce influência junto a um homem, mas não gosta de fazer alarde disso. Prefere que nem ele próprio perceba a que ponto é influenciado por ela.

Não é porque ela seja a parte fraca que a mulher se sinta prejudicada ou preterida na sociedade. Se ela tem consciência de seu valor sabe que para o equilíbrio social tanto é indispensável a cooperação masculina quanto a sua.²⁸

Nesse fragmento, as diferenças entre mulheres e homens tornam a aparecer, assim como as regras de comportamento para o feminino aparecem bem nítidas. Ao referir que a mulher não deve ter mais de um relacionamento ao mesmo tempo, que isso é incorreto, em nenhum momento, o homem é citado, não se diz se ele pode ter mais de um relacionamento ao mesmo tempo, como, em contraponto, não aparece a negação. Porém, à mulher é vetada tal coisa por ser imoral para a figura feminina.

Outro fator regulador é a questão de a mulher possuir uma natureza sedutora e saber fazer bom uso dela. Ou seja, ela deve saber seduzir um homem, mas esse não deve perceber que está sendo envolvido pela sedução. O bom mesmo, conforme sugerido pela revista, é que a mulher tenha certa ingenuidade, que faça parecer que nem ela sabe o poder de sedução que tem sobre o sexo oposto.

Sedução essa que a seção *Da Mulher para a mulher* sugere ser a origem da influência que a mulher possui sobre o homem para conduzi-lo nos bastidores da vida. Nem ele mesmo pode perceber essa influência. Desse modo, cada um fica ocupando o seu espaço pré-determinado, afirmando finalmente que a mulher, mesmo sendo inferior ao homem, deve saber que sua inferioridade não é prejudicial para ela. A mulher não deve se sentir prejudicada, porque ela faz parte de um todo, para o equilíbrio social.

²⁸ O CRUZEIRO, Ano XXXV, numero 16, 26 de janeiro de 1963.

Quando o tema da “feminilidade” é abordado de forma associada a uma característica da mulher, como sendo algo natural, como a citação da revista demonstra, a sedução remete ao que Gonçalves escreveu:

A evidência do peso da cultura na definição dessas diferenças é o fato de que o fenômeno que depreendia as mulheres como extensão ou resultado da conformação do corpo, de sua fisiologia, podia ser datado e resultava de práticas das chamadas Ciências Naturais e da Medicina, a partir do século XVIII, afirmavam a existência de uma feminilidade natural (GONÇALVES, 2006, p. 74).

Temas referentes à mulher, como sedução, por exemplo, eram abordados por *Da Mulher para a mulher* como naturais ao comportamento feminino. Uma mulher deveria saber seduzir um homem sem esforço algum, pois esse elemento já nasceria com ela, em sua condição de mulher. Os textos da seção, de alguma forma, fazem referência a essa natureza feminina, separando feminino e masculino por diferenciações chamadas naturais.

Neste ponto, os estudos de gênero são de fundamental importância, visto que desmitificam essa visão de que mulheres e homens são tratados de maneira diferente, por razão do fator biológico que os difere. Os estudos de gênero propõem que mulheres e homens são diferentes, mas também são iguais.

O *Cruzeiro* reforça, ainda na década de 1960, um período de transição no qual o movimento feminista e a teorização do gênero dentro do ciclo acadêmico começam a ganhar força, a lutar contra um pensamento ainda arcaico de que homens e mulheres são divididos de forma diferente e desigual, na sociedade, por fatores naturais. O movimento feminista vem romper com essas ideias tão difundidas pela revista.

As diferenças sexuais e os papéis sociais a partir das significações históricas e socialmente construídas e designadas, de modo relacional, por mulheres e homens. (O que aproximou) da perspectiva da história cultural, que procura identificar de que modo, em diferentes lugares e momentos, a realidade social é construída, pensada e lida. Assim, os papéis normativos, os comportamentos atribuídos a homens e mulheres e a relação entre os sexos não são discursos neutros, mas representações construídas repletas de significados e de relações de poder (POSSAS, 2004, p. 265-266).

Como afirma Scott (1990), o termo gênero foi usado a princípio por grupos de feministas contemporâneas para conseguir reivindicar para o movimento um terreno de definição. Mostravam, com isso, a fragilidade e a incapacidade das teorias existentes em explicar as desigualdades entre homens e mulheres. Gênero é um campo de estudo que rompe com a ideia de que as diferenciações sociais sofridas pelas mulheres estão intimamente ligadas com a sua condição natural, ao criar um mecanismo teórico que explique as relações de poder existentes e as desigualdades socialmente construídas entre o feminino e o masculino. Dessa maneira não se coloca a mulher em um lugar vitimado, mas, sim, fazendo vir à superfície os mecanismos de poder existentes nas relações entre mulheres e homens.

Na passagem em que a seção incentiva as mulheres a exercer influência sobre os homens, ainda que seja de uma forma sutil, trata-se um exercício de poder. Embora que esse exercício se pratique no âmbito privado, é uma maneira de as mulheres serem excluídas, pelo periódico, do mundo político e tratadas como a parte frágil da sociedade. Exercitarem a dominância em algum momento. Não que com isso a revista incentivasse a sair do âmbito do privado. Quando *Da Mulher para a mulher* diz que tanto homem quanto mulher são importantes para o equilíbrio social, ela põe a mulher no âmbito privado, exercendo influência sobre o homem no que tange às questões domésticas. Mas, ainda assim essa influência feminina sobre o masculino não deixa de ser um exercício de poder.

Esse equilíbrio social defendido na seção entre mulheres e homens é uma estratégia para fazer com que a mulher aceite o seu lugar como a parte frágil no âmbito social. E aceite seu papel de dona de casa, esposa e mãe. Como sustenta Scott, “o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (1990, p. 86). O fragmento abaixo é uma demonstração desse exercício de poder.

O papel da mulher no lar

Dizem os psicólogos, que em geral, as pessoas procuram no casamento companheiros que os completem. Assim, uma mulher dominadora busca de preferência um homem que goste de ser dominado. O pior é que, com o tempo, nem marido nem mulher parecem felizes- principalmente ela. Pelo menos não cessa de apontar quanto perdeu com o casamento pelo fato de ter-se unido a um homem sem iniciativa. Ela sente isso e não faz mistério da sua decepção. Pelo contrário, não perde oportunidade para manifestá-la. Entretanto, quem a compreendesse melhor veria que se trata de uma pessoa portadora de um complexo e que encontra por aquele processo destruidor do marido, o único meio de firmar sua personalidade. Destruindo, ela se impõe. É, embora impondo-se como vítima, é isso que ela quer.

Uma união feliz, porém, não é isso. É representada por uma compreensão e por uma admiração perfeitas entre os cônjuges. Eles se completam, sim, porque cada um tem o seu papel naturalmente definido. E de acordo com esse papel natural chegamos a acreditar que caiba à mulher maior parcela na felicidade do casal; porque a natureza dotou especialmente o espírito feminino de certas qualidades sem as quais nenhuma sociedade da espécie matrimonial poderia sobreviver bem. Qualidades como paciência, espírito de sacrifício e capacidade de sobrepor os interesses da família ou seus interesses pessoais. Haverá mulheres de espírito avançado que recusem essa teoria sob a alegação de que o casamento, neste caso, não é compensador. A estas, que argumentam com hipóteses, responderiam as esposas felizes – se a esse trabalho quisessem se dar – provando quão altamente compensadora é a técnica de aceitar o casamento como uma sociedade em que a mulher dá um pouquinho mais.

Há jovens esposas que compreendem isso a tempo, com a prática da vida conjugal. Outras, em face dos problemas e das exigências da vida conjugal, não fazem outra coisa senão protestar, lamuriar-se, culpar o marido a propósito de tudo – aparecer como vítima. O casamento, para estas, está fadado ao insucesso. Elas próprias o destruirão.²⁹

Esse texto refere-se outra vez, à natureza diferente entre mulheres e homens, como se as mulheres tivessem essas predefinições para certos aspectos da vida, as quais os homens não possuem. Já, no início, o próprio título da crônica anuncia o lugar que o feminino deveria ocupar, fazendo uma crítica sutil às mulheres que não veem, no casamento, uma fórmula para a felicidade.

Nesse contexto, enfatiza-se que mulheres e homens têm seus papéis sociais naturalmente construídos, o que não é uma questão de construção social dos papéis, a revista coloca que é algo natural. E aquelas mulheres que não aceitam esse enquadramento proposto por *O Cruzeiro*, não vão alcançar a felicidade. Contudo as reflexões sobre os estudos de gênero dizem que mulheres e homens são produtos de seu meio social. Assim sua condição é variável, de acordo com o contexto social no qual se encontra.

A mulher na seção, é colocada como uma mártir, capaz de sobrepor a felicidade da família ou do cônjuge. A mulher possui características que a distinguem dos homens e, por tal razão, ela possui uma parcela maior no comprometimento de que a união dê certo. A mulher, segundo a revista, deve ser mais paciente com o homem, e essa é uma de suas virtudes naturais. Ela deve se sacrificar para o bem da família, cabe a ela essa responsabilidade. Essa é uma das regras fundamentais

²⁹ O CRUZEIRO, Ano XXXII, número 25, 2 de abril de 1960.

de *Da Mulher para a mulher*, o casamento é feito a dois, mas é a mulher que contribui com maior parcela para o sucesso ou o infortúnio da união.

O texto ainda menciona por alto as mulheres de “espírito avançado”, que não veem, no casamento uma união vantajosa. Referência. As ditas esposas felizes podem mostrar para as de “espírito avançado” como é bom, gratificante e feliz a união em que a mulher cede mais que o homem. Assim ela, se doando-se mais, sendo tranquila e pacificadora, manterá o casamento em perfeita ordem. *Da Mulher para a mulher*, em suas regras de comportamento para as mulheres, enfatiza a distinção entre feminino e masculino, como sempre sendo da ordem da natureza.

Gênero, da ênfase ao caráter fundamentalmente social, cultural, das distinções baseadas no sexo, afastando o fantasma da naturalização; dá precisão à ideia de assimetria e hierarquia, nas relações entre homens e mulheres, incorporando as dimensões das relações de poder, dá relevo ao aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, de que nenhuma compressão de qualquer um dos dois poderia existir através de um estudo que os considerasse totalmente em separado, aspecto essencial para descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual é o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la (SOIHET, PEDRO, 2007, p. 288-289).

A revista coloca também que as mulheres devem casar já cientes de seus compromissos e de que possuem uma parcela maior para a felicidade da união conjugal. Aquelas despreparadas para tal têm a obrigação de aprender, com o tempo, que é sua responsabilidade o bem-estar e a felicidade da família. *Da Mulher para a mulher* é bem enfática ao dizer que aquelas que não possuem as características femininas para o sucesso do casamento, levaram suas uniões à ruína sendo elas as culpadas.

Nesse texto, não é feita nenhuma referência ao homem, mas, pelas qualidades que as mulheres devem ter no casamento, fica subentendido que o homem possui o oposto delas, e que tal fato não se configura em uma coisa ruim. Isso, porque a ele não é designada nem orientada nenhuma função específica para o sucesso da união. No início do texto, há a presença masculina, mas, para dizer como não deve ser um homem e como uma mulher não deve agir.

A mulher não deve ser dominadora, pois, assim, ela não será feliz porque na ótica da seção, a mulher é o lado mais fraco, ou seja, ela deve ser dominada. No

outro ponto, está o homem, que é o lado mais forte, ou seja, o dominador. O homem que se deixa dominar por uma mulher é um homem sem iniciativa; e logo, essa união não terá sucesso, visto que para a seção, as ordens naturais de mulher e homem estarão invertidas.

A seção enfatiza sempre muito bem, as diferenças entre homens e mulheres. Por essa razão, elas devem ser mantidas e preservadas, para não só o bem da família, como da sociedade. Devem-se excluir as mulheres dos ciclos políticos, dos quais é alegado que, de direito, é dever do homem participar da vida política. Dessa forma, o direito e o dever da mulher é cuidar da vida doméstica, sendo incentivado pela *Da Mulher para a mulher* que as mulheres não exerçam profissão fora do âmbito familiar, que elas só trabalhem fora de casa, se for algo extremamente necessário para a renda familiar. Em resposta à carta de uma leitora, a seção marca bem as diferenças a serem mantidas entre o feminino e o masculino.

Nem melhor nem pior diferente:

Uma jovem de Volta Redonda nos escreve protestando quanto a maneira injusta por que a mulher é tratada na sociedade. “Errar é humano. Por que se admite, se aceita e chega-se mesmo a considerar apanágio do homem certas falhas que ele comete, enquanto as mesmas falhas, se cometidas por uma mulher, levá-la-iam à rua da amargura”?

De fato errar é humano – e perdoar é divino. E não é pelo fato de uma mulher cometer um erro que deva ser segregada da sociedade, considerada um caso perdido – ou uma mulher perdida, para usar um termo que define melhor o problema. Entretanto, embora sob os protestos das feministas há diferenças profundas entre a natureza do homem e a da mulher sob os aspectos psíquico e biológico. Somente sob o aspecto intelectual o homem e a mulher são iguais – hoje isto está sobejamente provado. E a concepção que vigorava de que a mulher era intelectualmente inferior vem do fato de que a ela não eram dadas as mesmas possibilidades de cultura que o homem. Acreditamos que não haja nenhuma vantagem para a mulher em querer ser igual ao homem, se incluir nesse “privilégio” o direito de errar. O melhor é progredir sem competir. Ao querer ser igual ao homem ou pretender superá-lo, a mulher só conseguirá aumentar o seu complexo de inferioridade. Enquanto desejar ser homem, só poderá ser um homem frustrado.³⁰

No texto da seção fica evidenciado que *Da Mulher para a mulher* critica o comportamento “inadequado” das mulheres frente a sua sexualidade, quando usa a expressão “mulher perdida”. Isso ocorre, enquanto que aos homens é permitido o chamado privilégio do erro, pois, em muitos momentos, a seção enfatiza que o homem possui instintos sexuais mais aguçados que as mulheres. O que mais

³⁰ O CRUZEIRO, Ano XXXV, número 22, 9 de março de 1963.

chama atenção nessa resposta à carta da leitora é a consciência que *Da Mulher para a mulher* tem sobre as feministas e o movimento feminista que eclodirá no final da década de 1960. A revista incentiva que as mulheres não devem dar ouvidos ao que um grupo de mulheres feministas diz a respeito dos direitos de igualdade entre homens e mulheres.

No final da década de 1960, eclode, no mundo, a chamada segunda onda feminista. No início do movimento, a palavra gênero não aparece, naquele momento, usavam mulher.

O que as pessoas dos movimentos feministas estavam questionando era justamente que o universal, em nossa sociedade, é masculino, é que elas não se sentiam incluídas quando eram nomeadas pelo masculino. Assim o que o movimento reivindicava o fazia em nome da mulher, e não do homem, mostrando que o homem universal não incluía as questões que eram específicas da mulher. Como exemplos podemos citar: o direito de ter filhos quando quiser e se quiser – a luta contra a violência doméstica, as reivindicações de as tarefas do lar deveriam ser divididas, enfim, era em nome da diferença em relação ao homem (PEDRO, 2005, p. 80).

Entre as reivindicações que o movimento feminista defendia, estavam a igualdade de direitos entre mulheres e homens. E o que *O Cruzeiro* defende é que tal igualdade fizesse com que as mulheres, tendo mesmos direitos que os homens, tentariam se tornar masculinizadas, distorcendo o que as feministas propagavam e preconizavam. A revista queria manter as suas leitoras presas a conceitos de diferenças que excluía as mulheres de seus direitos de liberdade.

Ao afirmar que “o pessoal é político”, o feminismo traz para o espaço da discussão política as questões vistas e tratadas como específicas do privado, quebrando a dicotomia público-privado, base de todo o pensamento liberal sobre as especificidades da política e do poder político. Para o pensamento liberal, o conceito de público diz respeito ao Estado e suas instituições, à economia e a tudo mais identificado como o político. Já o privado se relaciona com a vida doméstica, familiar e sexual, identificado com o pessoal, alheio a política.(...) O movimento significou uma redefinição do poder político e da forma de entender a política ao colocar novos espaços no privado e no doméstico. Sua força está em recolocar a forma de entender a política e o poder, de questionar o conteúdo formal que se atribuiu ao poder e às formas que é exercido (COSTA, 2005, p. 10-11).

A revista, ao igualar a mulher ao homem no aspecto intelectual, expõe para as suas leitoras o lugar de oprimida que a mulher esteve em muitos momentos. Sem acesso à educação em algumas sociedades, era excluída dos meios culturais dos quais o homem participava. *Da Mulher para a mulher*, ao mesmo tempo em que

critica as feministas por colocarem ideias “diferentes” na cabeça de suas leitoras, defendem que as mulheres são intelectualmente iguais aos homens, uma conquista que essas mesmas feministas criticadas ajudaram a difundir.

Da Mulher para a mulher enfatiza, em seus textos pedagógicos e nas respostas às leitoras, a noção principal da diferença psíquica entre homens e mulheres. É, também, a diferença biológica, muitas vezes, apoiada na diferença psíquica. Mesmo a seção dizendo que intelectualmente homens e mulheres são iguais, *Da Mulher para a mulher* incentiva as mulheres a ficarem dentro do lar, no cuidado da casa e dos filhos. É para deixar aos homens o mundo do trabalho fora de casa, o sustento da família.

2.2 A preocupação de todas as mulheres: O Amor

O amor torna-se o tema central da felicidade moderna e, por isso é presença obrigatória nas produções da indústria da cultura. (...) Quer estejamos na pré-história, quer em Roma Antiga, em qualquer tempo, não há história ou trama que não se desenrole através da procura e do encontro da paixão amorosa (LAZARO, 1996, p. 215)

O banquete de Platão é considerado o primeiro tratado sobre o amor, no qual o amor sexual é bem sublimado, características físicas de beleza, intelecto e a sabedoria também são demarcados. Com o Cristianismo, o amor continua idealizado, busca-se negar o ser humano em sua totalidade, o corpo é negligenciado em favor do espírito. Esse tipo de idealização do amor supera a vida, em que há uma busca pelo paraíso e pela salvação do homem.

Esse amor, na concepção cristã, tudo deve suportar, sacrifícios, abdições. Esse é o campo onde o casamento é idealizado como o espaço mais apropriado para o amor, pois ele será responsável pelos filhos e a continuação da família. Com isso, esse amor se torna uma busca para satisfazer a preceitos religiosos, e não uma busca para a maior realização do indivíduo.

O casamento é uma espécie de clausura onde o amor se confunde com o dever, todos devem amar seus cônjuges e estabelecer um relacionamento de companheirismo, no qual não existe espaço para o sentimento da paixão. Já, no século XII, vai haver o amor cortês. Esse amor enfatiza o lado do amor paixão, aquele amor que sofre. No amor cortês existe, muitas vezes, a renúncia do amor carnal.

No final do século XVIII e início do XIX, entra em cena outra representação do amor, o amor romântico ou amor-paixão. Esse tipo de amor agrega alguns elementos dos citados acima, com uma diferença: é um amor vivido de forma passiva, considerado uma recompensa da vida, uma vez que é bom. O amor ganha o centro do palco, sendo responsável pela satisfação dos sujeitos se torna-se a justificação de sua existência. O amor romântico diz que, sem amor, não há realização e felicidade, fazendo com que as pessoas sejam diretamente responsabilizadas pelo seu sucesso (PRETTO, 2009).

O amor é um dos temas recorrentes em *Da Mulher para a mulher*, aparecendo na maioria dos textos da seção ou das respostas. O amor aparece como um elo importante entre mulheres e homens, é muito mencionado também o amor materno, mas tal ficará para adiante. Neste subcapítulo, será trabalhado o amor em *Da Mulher para a mulher*, o amor que a seção enfatiza ser fundamental para a união de homens e mulheres.

A sobrevivência do amor

O amor pode acontecer por um milagre – amor à primeira vista. Mas, só a custa de dedicação e esforço que sobrevive.

A pergunta é, vale a pena se sacrificar a alguma coisa para a sobrevivência do amor? Sim. Ou então a pessoa será uma eterna insatisfeita, passando de amor a amor, sem poder evitar que, com o decorrer do tempo, o entusiasmo das primeiras emoções arrefeça e se transforme num sentimento de derrota e frustração. Ao passo que conduzindo seus interesses ao benefício daquele amor, ao qual dedicou ou pretende dedicar a sua vida, o pior que pode acontecer é a transformação daquele amor romântico, e ao mesmo tempo exaltado, da juventude, num sentimento menos exacerbado, porém mais profundo, de raízes mais encravadas no coração. O príncipe encantado de ontem (ou a princesinha na inversão dos papéis) não tem mais aquela auréola de deus ou de santo; hoje é visto como uma criatura humana, normal, mas alguém com quem se pode contar, um companheiro devotado e amigo com quem se divide as alegrias e as tristezas da vida. Então terá valido a pena sacrificar os interesses particulares.

(...) Um casamento feliz exige dos esposos a capacidade de dar. Há mesmo que tenham opinião de que, para uma união conjugal ser bem sucedida não é apenas necessário fazer uma escolha acertada. É preciso ser a pessoa acertada.³¹

No texto da seção, aparecem palavras como sacrifício, as pessoas devem fazer sacrifícios, abrir mão de algo importante para elas em prol do amor. Mas, não para qualquer amor, é aquele que a levará para o casamento: a união de homem e mulher. É um amor com o propósito da constituição da família. Esse tipo de amor exige sacrifícios, porque é o amor certo, conforme a seção.

Esse amor que eleva a mulher ao *status* de esposa é o único defendido pela revista. O texto pede atenção das moças para não se deixarem levar pelas emoções da paixão. Muito menos, procurar, em diversos homens, os sentimentos eufóricos da paixão. Elas devem se concentrar em um único amor, e fazer com que ele se fortaleça nas qualidades do companheirismo porque, se isso não for feito, a sombra da frustração estará sempre pairando sobre elas, a insatisfação de buscar em vários relacionamentos as emoções do amor à primeira vista.

A herança de séculos impunha-se, um amor domesticado; feito de razões. Nada de paixões que violassem a lei e a ordem. Impossível romper com os moldes tradicionais da felicidade ligada ao casamento legal, à prole legítima. Alguns deslizes poderiam ser tolerados em nome da abnegação feminina, mas errar por paixão? Nunca. O amor verdadeiro e digno era feito de juízo. A paixão era loucura passageira, impossível, sentimento insensato que jamais poderá concretizar-se em uma união legal (DEL PRIORY, 2006, p.309).

Nesse trecho extraído do livro *História do Amor no Brasil*, a autora enuncia o tipo de amor que a imprensa feminina propagava para as mulheres da década de 1960, um padrão que nem sempre era aceito e repetido por todas. O que *O Cruzeiro* faz é difundir uma ideia de comportamento que, segundo o olhar de quem produz o periódico, julga como o ideal a ser seguido.

É cabível que muitas mulheres se inspirassem nas normas e conselhos da seção. *O Cruzeiro*, como já mencionado, era um veículo de informação muito lido pelo público brasileiro, sendo ele um direcionador e formador de opinião, divulgava, em suas páginas, um modelo de representação do que era correto para a

³¹ O CRUZEIRO, Ano XXXV, número 9, 8 de dezembro de 1962.

sociedade. Um desses modelos era o amor legítimo, aquele que levaria ao casamento.

O amor não pode deixar de ser entendido nos quadros de suas significações históricas e culturais, sabendo-nos que aquilo que é percebido como uma manifestação de intimidade ou de amor pode variar em função do espaço e do tempo que tal fenômeno está situado. Nesse sentido, para além de ser um conceito multidirecional, o amor é também produto social e discursivo (NEVES, 2007, p.612).

O amor em *Da Mulher para a mulher* é trabalhado como uma emoção tipicamente feminina da psique feminina, como a seção chama. Já que a mulher é o ser guiado pelas emoções, o amor aparece, na maioria das vezes, atrelado à figura feminina. Sendo o amor ligado ao casamento, esse é um mecanismo para sujeitar as mulheres ao casamento, pois elas amam mais, dedicam-se mais, estão sujeitas a sacrifícios maiores pela manutenção de seu matrimônio.

Esse tipo de amor representado por *O Cruzeiro* é um amor que enclausura a mulher em uma redoma de sujeição em prol de uma suposta felicidade conjugal. Ao homem não são dirigidos sacrifícios, nem lhe é dada a responsabilidade maior pelo sucesso do casamento. Como a mulher é o ser sentimental, cabe a ela a parcela maior nessa empreitada.

O amor pode acontecer a primeira vista, sim. Uma jovem pode dizer: “gostei desse rapaz desde o primeiro dia que o vi”. Sentiu-se atraída por ele às vezes de modo inexplicável, de maneira inesperada. A moça apaixona-se pelo rapaz. Conquista-o de maneira velada; dando a impressão de que está sendo conquistada. O rapaz vai caindo insensivelmente nas teias que a habilidade feminina prepara para ele. Animada, inspirada pelo amor que lhe emana do coração, a mulher persiste. E por fim “conquistada”, quando na verdade foi ela que conquistou o rapaz: procurando estar nos mesmos lugares que ele, ouvindo-o com atenção, enfeitando-se para ele, elogiando-lhes as boas qualidades, animando-o, incentivando-o, até que ele chegue à evidência de que já não pode passar sem aquela mulher.³²

A revista insiste em um padrão de que o amor pode acontecer no primeiro olhar. Então, as mulheres devem estar atentas, em busca de seu príncipe encantado, pois ele pode estar em qualquer lugar. Existe uma preocupação em alertar às mulheres que a conquista deve ser masculina, mesmo que não seja. O

³² O CRUZEIRO, Ano XXXIV, número 24, 24 de março de 1962.

homem não deve perceber que está sendo conquistado, e sim pensar que é ele que está conquistando uma mulher tão cheia de qualidades.

Em *Da Mulher para a mulher*, existem papéis de gêneros bem definidos e, no caso do amor e da conquista, o lugar reservado ao feminino é o de ser discreta, passiva, para o homem poder exercer seu papel de agente ativo. A mulher não deverá assumir uma posição ativa em relação ao amor e à conquista, pois ela, como já trabalhado anteriormente, é a parte frágil. Ela é a conquista, o prêmio final. Quando ele perceber, não pode mais ficar sem ela.

Ao homem não cabe esforço algum no amor, ele pode agir com passividade que, mesmo assim, será o agente ativo, embora sem intenção de sê-lo. A mulher deverá usar suas “armas femininas” para prendê-lo, fazendo com que ele pense o contrário. Essa representação de amor é muito difundida na seção, porque à mulher não cabe o direito de conquistar um homem explicitamente. O tipo de amor representado em *Da Mulher para a mulher* mescla o amor cristão do sacrifício com o amor romântico, ignorando, por completo, um novo tipo de amor que surge na contemporaneidade, o chamado amor confluyente.

O amor confluyente diz respeito então à tendência para um comprometimento afetivo e emocional igualitário entre os sexos. As mudanças que vêm acontecendo na vida privada, sobretudo na família e nas relações sociais de gênero, com a emergência de novos modelos de sexualidade, de parentalidade e de amor, contribuem decisivamente para as reconfigurações dos papéis (NEVES, 2007, p. 615).

O amor confluyente torna a intimidade um território de igualdade e de realização pessoal. Esse tipo de amor não é mencionado nos textos da seção, e é o sacrifício um dos princípios para as mulheres atingirem a felicidade conjugal. Há uma mescla entre o amor cristão para o surgimento da prole legítima e o amor romântico, no qual deve haver sentimento na união, para que ela seja frutífera e douradora.

Parece óbvio dizer que o amor nasce do coração. Mas carece de tempo e convivência para florescer. Nesse tempo e nessa convivência a razão deve operar no sentido direto. E se não opera é porque a pessoa falta juízo e já então ela não ama, mas está apaixonada ou se tornou vítima de uma obsessão. Ou, o que também acontece muito frequentemente, está confundindo amor sincero com simples atração física.

Imaginamos o caso de uma moça que conhece um rapaz e começa a gostar dele. Logo de início, porém, as atitudes dele a surpreendem. Ela o acha muito ousado em relação aos carinhos, e de uma feita, criando coragem, ela diz que é melhor terminar – o que ele aceita imediatamente.

Normalmente o que caberia a essa moça fazer? Procurar distrair-se para esquecer aquele namoro que não lhe convinha. Com a sua ousadia e seu afastamento o rapaz deixou bem claro que não gostava dela, mas apenas desejava usufruir de vantagens materiais ou – para usar um termo mais expressivo – as facilidades sensuais que a sua aproximação lhe proporcionava.

Infelizmente, porém, continuava a alimentar a ideia de que um dia ele poderia voltar. E não só criou oportunidades de encontrar-se com o rapaz, como provocou meios de mostrar-lhe que o queria de volta. E ele voltou, naturalmente com as mesmas intenções de antes, já agora mais ousado por que conhecia o terreno onde pisava. O namoro prosseguir cada vez mais inconveniente. (...) Um amor assim não é razoável.³³

Esse texto não traz referência a nenhuma correspondência, porém trabalha com exemplos plausíveis de serem reais, a noção de como deve ser o amor, para que fim deve ser direcionado. Diferente de alguns textos, esse não começa alegando que o amor pode surgir de um primeiro olhar, mas sim de convivência. Esse texto é para orientar as mulheres que estão em um relacionamento, e não aquelas que querem conquistar um parceiro.

Da Mulher para a mulher explica como deve ser um relacionamento amoroso antes do casamento, sustentando que, em um namoro deve haver juízo, no caso, para não fazer sexo – o que está de uma maneira implícita no texto. Mas ser uma preparação para o casamento. “As representações sobre o lugar do amor nos relacionamentos são unânimes: é imprescindível.(...) Como se o amor validasse o sexo. (HEILBORN, 1999, p. 51). No entanto, no caso de *O Cruzeiro* é o amor aliado ao casamento que valida o sexo.

O namorado que exija de sua namorada liberdades sexuais, não é bom para ela, uma vez que não a ama, ou seja, não deseja casar com ela. Afirma que a mulher que fizer sexo com um homem, mesmo esse sendo seu parceiro e amando-o, estará cometendo um erro, pois ela não passará de uma distração para ele.

Assim é pensar o amor e a sexualidade de forma unificada, na qual o primeiro é pré-requisito para o segundo, desde que esteja tudo em um arranjo matrimonial. *O Cruzeiro* não aceita como produtivo um relacionamento em que não exista amor e que esse amor não leve ao casamento. Isso, porque somente dentro do casamento,

³³ O CRUZEIRO, Ano XXXV, número 15, 19 de janeiro de 1963.

as mulheres poderão exercer sua sexualidade, já que existe uma finalidade para a sexualidade exposta na seção a de reprodução, com uma prole legítima.

As relações entre sexo e amor, desde sempre constitutiva da sexualidade, torna-se especialmente problemática – por um lado porque, ao ser marcada pela hierarquia que perpassa a relação entre gêneros, é também definidora de uma sexualidade masculina e feminina; e por outro porque a partir do romantismo, quando o erotismo se imiscui ao amor conjugal, essa nova forma de amor-paixão passa a orientar, ainda que em parte apenas idealmente, as escolhas amorosas e matrimoniais em nossa sociedade (DUARTE, 1999, p.35).

A revista defende o amor e defende, principalmente, o casamento. Sem amor, não deve haver casamento. Mas, em contrapartida, mesmo com amor, a mulher que ainda não estiver casada não pode fazer sexo. A sexualidade feminina só deve ser exercida, segundo os preceitos de *Da Mulher para mulher*, dentro do matrimônio com a finalidade dos filhos, enquanto que, para a sexualidade masculina, são permitidos os chamados deslizes antes do casamento.

As três fases do amor

A primeira fase transcorre numa atmosfera caracterizada pelo inédito. É a fase da descoberta. Marido e mulher começam a conhecer-se. Tudo tem um sabor de novidade. Estão ambos predispostos a ser felizes. As intensidades das experiências humanas, a descoberta da vida em comum, as alegrias primeiras da paternidade e da maternidade, tudo, enfim, facilita o curso das coisas. Então as falhas e as imperfeições são facilmente perdoadas.

Depois vem uma fase quase contrária, que as alegrias tornam-se responsabilidades. A rotina faz o trabalho se saparam. Enfraquecem as emoções, os cônjuges já se conhecem em seus defeitos e limitações. É a fase mais difícil da vida conjugal. É nessa ocasião que marido e mulher devem ter o propósito de salvar o casamento. Precisam ter bastante maturidade de espírito para não procurarem uma solução imediata e inconsequente para as suas dificuldades. Uma porta de escapa, que em outros países é representada pelo divórcio. Para que procurar acertar, para que ter boa vontade, quando uma nova união pode ser tentada, agora com mais experiência? É a tentação que o divórcio expõe aos casais. Tentação muito mais grave da que é oferecida pelo desquite. Que nunca se apresenta como um bem. O desquite é apenas um mal menor. O casal desquitado não pode contrair núpcias com outra pessoa. Eles serão como mutilados sociais. Então farão tudo para evitar o desquite. As desinteligências poderão fazer apenas uma parte da vida em comum. Vamos procurar superá-las. Vamos defender o casamento; quando não seja em proveito individual, será pensado nos interesses dos filhos, da família. Vidas que hoje se distanciam, amanhã poderão reencontrar-se, guiadas e dirigidas por espíritos amadurecidos que desejam acertar.

Finalmente, vencida a contento essa etapa, vem o período de sublimação do amor. Desaparecem as primeiras emoções que se foram com a mocidade. Mas, cada fase da vida tem seus encantos próprios quando vivida em sua plenitude, com amadurecimento de espírito sem distorções. A

vida renasce com a mocidade dos filhos. A família respira um clima de confiança, de estabilidade emocional. Em uma célula, viva, ativa, perfeita, no organismo social. Marido e mulher viveram, construíram e dignificaram o amor que os levou ao altar. Agora se conhecem bem. Sabem que não são perfeitos. O amor que os aproxima não é baseado em uma promessa. Tem raízes profundas. As experiências vividas constituem um acervo espiritual do par. Suas vidas se fundiram de tal modo que já não sabem onde principiam os interesses de um e onde começam os do outro.³⁴

Esse texto da seção *Da Mulher para a mulher* foi retirado na íntegra, pois a análise do todo se faz indispensável. Diferente dos demais textos, esse se refere ao amor matrimonial, um amor já “maduro”, no qual os indivíduos envolvidos estão em um estágio diferente do namoro, já estão na vida matrimonial. A seção se direciona para a vida de casada das mulheres, apontando possíveis problemas e as soluções.

O amor, no casamento, é dividido em três etapas, que correspondem à vida a dois. A primeira etapa do amor matrimonial é muito parecida com as descritas no amor durante o namoro. Existe um deslumbramento com as novas descobertas – que fica subentendido que são as descobertas sexuais – nos quais a mulher, agora, pode exercer, sobre as amarras do matrimônio, a sua sexualidade. Assim fica bem demarcado, mas de forma sutil, que essa sexualidade, dentro das balizas do casamento, tem um propósito, ou seja, os filhos.

A segunda fase é quando o momento do novo passou a ser rotina, quando as dificuldades começam a aflorar. Para a seção, essa é a fase mais preocupante, pois o espectro terrível do divórcio aparece como um bálsamo para os infortunados amantes. *Da Mulher para a mulher* afirma que aqueles que procurarem a separação se tornarão mutilados sociais. Não poderão mais fazer parte do organismo social, isso é uma ameaça forte de exclusão feita pela revista, ao revelar que o casamento deve ser preservado a todo o custo. Se já não existir mais amor conjugal, deve haver amor aos filhos para manter a união, o amor como um elo que unirá todos, mesmo que já não haja vontade para tal.

A terceira fase é consagrada como a mais sublime. Nela, revela-se que a paixão só existe na primeira fase, ou seja, quando ainda se é jovem, demarcando um lugar e uma faixa etária para esse sentimento, ao mostrar que todas as fases da vida são belas, e que devem ser vividas, regidas por uma ordem cronológica pré-

³⁴ O CRUZEIRO, Ano XXXIV, número 29, 28 de abril de 1962.

estabelecida. Somente seguindo todo esse manual à risca, não serão mutilados sociais, ou seja, desquitados.

Desse modo, coloca-se a família em um *status* de elevação, apresentando como é importante para a sociedade uma família unida e bem estruturada. O amor na fase de amadurecimento é elevado a outro patamar, não se tem mais a paixão que move os casais jovens, por outro lado, agora, se tem um amor digno, porque se soube superar todos os obstáculos. O amor junto com o casamento transforma dois seres em um único, visto que interesses da célula familiar são mais importantes, é quando o individual deve ser ignorado.

Essa é uma representação que o periódico traz de como o amor dentro do casamento deve ser encarado pelos cônjuges. Como diz Chartier (1990), as representações são entendidas como classificações e divisões, que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. As representações são variáveis, segundo a disposição dos grupos ou classes sociais, aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses de quem as forja. Assim, a revista constrói um modelo de amor que deve ser seguido por todos os membros sociais, pois se configura no protótipo a ser seguido.

O poder e a dominação estão sempre presentes, as representações não apresentam nunca um discurso neutro. Fabricam estruturas e práticas que buscam impor e legitimar uma escolha.

Necessidade de Amar

Uma das queixas mais frequentes que nos chegam é de mulheres solteiras que temem a solidão do celibato e não têm mais grandes esperanças de evitá-lo. Como encarar o problema? Vamos estudá-lo com imparcialidade.

Se até os quarenta anos e apesar do desejo de casar-se a mulher não encontrou marido, esta dificuldade será agravada para o futuro. Não cogitemos as causas do que ela chama de falta de sorte. Tratamos o caso do momento presente em diante.

É certo que amar é uma das necessidades básicas da pessoa, é certo também que o amor tem várias maneiras de expandir-se. E o casamento não é o passe mágico para a felicidade, como erradamente supõe muita mulher solteira. Haja vista uma que nos escreve essa semana e que nos diz textualmente: “Minha mãe desiludida do casamento, tem tido muitas aspirações. O que ela não pode realizar projeta nos filhos, eliminando, naturalmente, a ideia do casamento”. Essa moça foi criada aprendendo a detestar os homens. Convenceu-se de que era superior e que teria de encontrar um homem diferente ao qual, então uniria o seu destino. E até

agora, aos quarenta anos, o príncipe não apareceu. Ela revolta-se, teme a solidão.(...).

E preciso que tenhamos adaptação ao destino que nos coube, tirando dele melhor proveito. A pessoa que sabe amoldar-se à situação presente, sem inveja, sem recalque, usufruindo com otimismo o quinhão que lhe coube, terá descoberto o segredo da felicidade, independente de seu estado civil.³⁵

Essa crônica da seção é uma das poucas que falam sobre a aceitação de uma mulher não ascender ao matrimônio. Porém, o faz em um tom de desaprovação, culpando a má criação da menina por ela não ter uma vida conjugal, e muito menos, feliz. O amor entre mulher e homem é colocado na seção como sendo algo indispensável para a vida das pessoas. E o fato de uma mulher não obter esse amor se torna um problema a ser discutido.

Já, no início do texto a seção deixa bem claro: sem casamento, a mulher estará relegada à solidão e ao celibato, como poderia ela, não sendo casada, ter uma vida sexual ativa? Na compreensão da seção, isso é impossível, porque a sexualidade era bem vista às mulheres para um fim bem específico, para poderem realizar sua missão na vida, a manutenção do casamento e a maternidade. É dado o exemplo de uma mulher de quarenta anos que já passou pela fase da juventude, então já passou pela fase da paixão, já que esse é um estágio do amor que, de acordo com a seção, só deve existir na juventude. Essa mulher está condenada, pois já não tem mais idade para se apaixonar, e encontrar um amor “maduro” parece algo mais difícil.

Para contornar a situação, *Da Mulher para a mulher* diz que o casamento não é um passe para a felicidade, sendo esse um ponto no qual a seção se contradiz, visto que, em outros textos, como será trabalhado no próximo capítulo, o casamento é tratado como indispensável para a felicidade. Mas tudo isso serve para um propósito, que é criticar a criação dessa mulher usada como exemplo. Criticar a mãe por não ter incentivado a filha ao casamento, não ter ensinado para ela os truques sutis da conquista.

Esse texto serve para orientar não aquelas que estão solteiras, mas, sim, as mães. Orientar a não incentivar ideias libertadoras nas cabecinhas de suas filhas, pois, se elas ficarem solteiras serão solitárias e frustradas. Para fechar o texto

³⁵ O CRUZEIRO, Ano XXXIII, número 18, 11 de fevereiro de 1961.

instrutivo, para as mães, a seção elenca uma série de características que as mulheres chamadas de “solteironas” possuem, tais como: inveja e recalque daquelas que tiveram um destino mais afortunado que o seu, conseqüentemente, mães melhores.

Ao escrever que uma mulher solteira não pode ter uma vida sexual, a revista delimita e salienta as desigualdades entre o feminino e o masculino, já que aos homens é permitida uma vida sexual antes do casamento e sem ele. Scott sustenta que “a diferença sexual foi concebida em termos de dominação e de controle das mulheres” (SCOTT, 1990, p. 17). A revista naturaliza o celibato da mulher antes e fora do casamento, como um ser inferior ao homem um ser que deve ser controlado.

Abaixo, duas figuras (7 e 8) extraídas da seção exemplificam os modelos de casais em suas etapas do amor. A imagem *Casal de namorados* mostra um casal de noivos jovens, na primeira fase do amor, a paixão. Nas imagens que trazem jovens a seção não mostra carinhos e toques. Os olhares apaixonados surgem somente quando *Da Mulher para a mulher* aborda o casamento, casais se tocando e, algumas raras vezes beijando-se. As imagens sempre trazem pessoas bonitas, jovens e magras em roupas elegantes.

Figura 7: Casal de namorados.

Fonte: O CRUZEIRO, Ano XXXIII, número 4, 5 de novembro de 1960.

Acervo: Museu da Comunicação
Hipólito José da Costa.

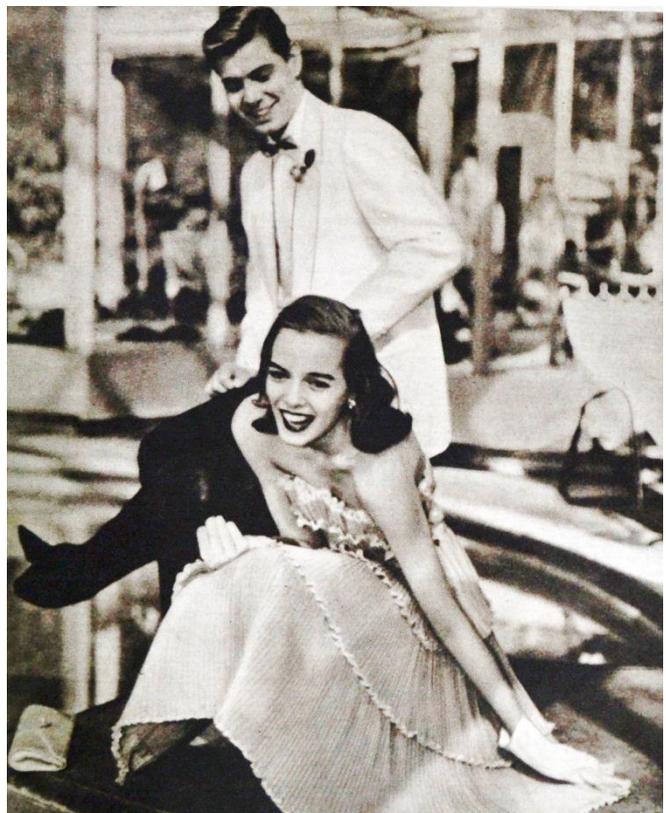


Figura 8: O casal e os dois filhos.

Fonte: O CRUZEIRO, Ano XXXIII, número 9, 10 de dezembro de 1960.

Acervo: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.



A imagem *O casal e os dois filhos* já retrata o amor na segunda fase, mas sem os dramas de uma separação, e sim um casal maduro e unido pelos laços do amor e da família. Essa imagem representa o tipo ideal de família feliz que a seção propagava, defendendo o casamento e a realização da maternidade e da paternidade legítimas. A seção não mostrou, em nenhuma ocasião no período pesquisado, imagens que representassem a velhice, a terceira fase do amor, quando mulher e homem se tornam um só. Pessoas idosas não aparecem em nenhuma das seções, nem em *Elegância e Beleza*, nem em *Da Mulher para a mulher*.

Assim como várias outras seções de *O Cruzeiro*, *Da Mulher para a mulher* conhece seu fim na década de 1960. Em seu lugar, como já mencionado, permanecerá *Cartas do Leitor*. Essa seção usava seus textos pedagógicos para indicar qual deveria ser o comportamento das mulheres e de homens, como deveriam se portar e ser, e qual o espaço de cada um na sociedade.

Da Mulher para a mulher enfatiza, em seus textos, comportamentos, o que é feminilidade e como essa deve ser exercida. Incentiva as suas leitoras a não questionarem seu papel que, por muitas vezes, foi de excluída e de desigual na sociedade. Constrói, com isso, um aparato no qual as regras comportamentais prendem as mulheres a um estereótipo e a uma submissão ao masculino,

considerando-as como inferiores e balizando seus comportamentos e o uso de seus corpos.

Normatizando o que é o amor, como se deve amar, quando e quem, *Da Mulher para mulher* ressalta, mais ainda, as desigualdades entre os gêneros, colocando a mulher sempre uma posição local de submissão ao homem. Ao abordar o amor, fica evidente que a conquista precisa ser uma prerrogativa masculina, entre outros temas, como a sexualidade, os quais vão ser abordados profundamente no próximo capítulo.

3. O fechamento de um ciclo: para atingir o auge da realização feminina

3.1 Sexualidade, para que fim? Uma discussão em *O Cruzeiro*

A sexualidade, enquadrada por um conjunto de leis, costumes e normas variáveis no tempo e no espaço, é um fenômeno socialmente construído, mas muitas vezes considerado uma evidência “natural”. Ora, as leis mudam, as normas se modificam e as pesquisas sobre comportamento sexual que vêm se desenvolvendo desde meados do século XX dão conta dessas transformações. Os valores e as normas de uma sociedade se refletem nessas pesquisas, que, em retorno, informam sobre a forma pela qual essa sociedade pensa, organiza e controla a sexualidade (LHOMOND, 1999, p. 77).

A sexualidade, tanto feminina quanto masculina, não aparece de forma explícita em nenhuma das seções analisadas em *Elegância e Beleza*. O tema nem chega a ser mencionado em seus textos. *Em Da Mulher para a mulher*, a sexualidade aparece camuflada em meio a algum texto ou resposta a uma leitora. Mas, não de uma forma tão explícita como se vê atualmente em revistas, com chamadas sobre sexo e indicações de como atingir o orgasmo estampadas em suas capas.

Da Mulher para a mulher trazia, em seus textos, referências à vida sexual ligada à vida conjugal, como uma preparação para a vida de casada. Não há textos que abordem a sexualidade por si só como uma satisfação ou como um prazer que pode ser alcançado. A sexualidade está intimamente relacionada à reprodução. Em uma década em que a pílula anticoncepcional chega ao Brasil, a revista *O Cruzeiro*,

em nenhum momento, faz uma referência explícita a esse novo método contraceptivo.

No Brasil, a chegada do anticoncepcional, assim como em outros países da América Latina, foi seguida por uma política de controle da natalidade imposta pelo governo.

O comércio da pílula anticoncepcional teve início do Brasil em 1962, dois anos após ser aprovada nos Estados Unidos pela FDA – Food and Drug Administration — a pílula chamada ENOVID, produzida pelo laboratório Searle. Os jornais e revistas voltados para o público feminino publicaram alguns artigos informando sobre suas potencialidades; porém, muito da divulgação foi realizado por representantes comerciais que atuaram junto aos médicos. Convém destacar que foi em instituições estrangeiras que os médicos buscaram, já na década de 50, conhecimentos sobre a contracepção, a qual até a década de 60 não era ensinada nas faculdades de medicina brasileiras. Foi, entretanto, a partir de 1966, que as revistas médicas brasileiras começaram a difundir, para os ginecologistas e obstetras, as pesquisas e estudos já realizados por médicos tanto brasileiros quanto estrangeiros (PEDRO, 2003, p. 242).

De maneira velada, a seção *Da Mulher para a mulher* trazia comentários às suas leitoras sobre o uso de métodos contraceptivos, elencando somente os que eram aceitos pela Igreja Católica, como o uso da “tabelinha”.³⁶

A desassociação entre sexualidade e reprodução biológica da espécie, a partir do desenvolvimento dos métodos contraceptivos hormonais, nos anos 60, e o advento da epidemia da HIV/Aids, na década de 80, deram novo impulso às investigações sobre os sistemas de práticas e representações sociais ligadas à sexualidade, constituindo-a como um campo de investigação em si, dotado de certa legitimidade (HEILBORN, BRANDÃO, 1999, p. 7-8).

A questão da sexualidade foi dividida metodologicamente em quatro pontos, sendo esses pontos delimitados pela revista: sexualidade na adolescência, as regras de sexualidade, a sexualidade da mulher solteira e, por fim, a sexualidade da mulher casada. Esses quatro pontos definem de que maneira a seção *Da Mulher para a mulher* abordava o tema sexual. Todos esses pontos têm um elo em comum: ou preparam para a vida conjugal, ou ensinam a aceitar a sexualidade no casamento.

³⁶ Tabelinha é uma espécie de calendário no qual a mulher calcula o seu ciclo menstrual e pode fazer uma base de cálculo nada muito preciso de quando serão os seus dias férteis. E nesses dias, para evitar a gravidez, não fazer sexo.

Os estudos sobre sexualidade cresceram a partir dos estudos de gênero. Isso se deve, principalmente, à profunda ligação dos estudos sobre a sexualidade com os movimentos sociais, como é o caso do feminismo e das lutas pelos direitos homossexuais. O estudo sobre sexualidade pode até sofrer alguma espécie de resistência, pois está em um lugar privilegiado, relacionado com a intimidade das pessoas modernas (HEILBORN, BRANDÃO, 1999). Assim, a questão da sexualidade era abordada por *Da Mulher para a mulher* para orientar suas leitoras como proceder, uma citação evidencia isso:

ADOLESCÊNCIA problemas sexuais

Entre os problemas que sobrecarregam os adolescentes, talvez o sexual seja o mais intenso e o mais perigoso. Mais intenso para os rapazes, mais perigoso para as mulheres.

Em primeiro lugar, é preciso que se trate desse assunto com respeito e naturalidade. O instinto sexual existe e não é vergonhoso. Deve apenas ser tratado com a consideração que merece. Antigamente havia a falsa concepção de que as mulheres eram isentas de instinto sexual. Isso era uma insinceridade porque a força biológica está presente tanto no homem como na mulher. Hoje os mais adiantados querem tratar das questões relativas ao sexo liberando-as dos sentimentos, reduzindo-as a simples funções glandulares, sem maiores consequências. Parece-nos que uns e outros estão errados. O homem é um ser superior, e reduzir o instinto sexual a uma mera função glandular é rebaixá-lo ao nível dos animais. Não é uma atitude verdadeira, porque não satisfará jamais ao um ser normal dotado de alma que desperta sentimentos nobres e clama por atitudes dignificantes.

Parece-nos também interessante que as mocinhas reconheçam e admitam que são dotadas, embora em menos escala que os rapazes, do instinto sexual, porque reconhecendo e admitindo essa realidade, saberão conduzir-se melhor.

Nos rapazes, o instinto sexual é mais difuso. É despertado por qualquer coisa que lhes pareça sensual. Nas moças é restrito ao homem a quem amam. Quando a mocinha gosta de um rapaz, sente-se atraída fisicamente por ele, e deseja também atraí-lo fisicamente. Isto é normal. O essencial é que o desejo que ela sinta de atraí-lo não se restrinja ao âmbito físico. O normal é que ela deseje empolgá-lo por tudo que é: pelo seu ser completo, físico e espiritual.

Quando um rapaz e uma moça começam a se namorar sem restrições, permitindo-se liberdades físicas excessivas, dando livre curso aos seus instintos sexuais, esses são tão existentes que, depois de ceder-lhes aos caprichos, será difícil impor-lhes uma barreira. Se essa espécie de amor transforma-se no interesse máximo dos seus encontros – que é um perigo para os dois – sobretudo para a mulher – é uma ameaça permanente ao amor que os aproximou a principio. O rapaz será cada vez mais exigente e, para satisfazê-lo, para manter vivo o interesse daqueles encontros, a moça terá que ceder sempre mais. Finalmente, chegará à triste conclusão que não tem mais respeito por si próprio e perderá a sua paz interior. O próprio rapaz

duvidará de sua honestidade e chegará um dia a duvidar que se os atrai é um amor verdadeiro ou simples instinto sexual.

Ao contrário disso, quando um jovem par de namorados sabe conduzir seus sentimentos e sua atração física sob controle, desde o início o amor não diminui. Sentem-se cada vez mais desejosos de realizarem o casamento para honestamente desfrutarem as vantagens e os privilégios de uma vida em comum. A moça se impõe ao respeito e admiração do rapaz. E ela o quer cada vez mais porque entre outras qualidades ele lhe inspira confiança, dá-lhe uma sensação de estabilidade e segurança. São dois jovens espiritualmente amadurecidos, aptos a realizarem a experiência do casamento, com as responsabilidades que lhes traz. Já se deram conta de seu valor pessoal. Fizeram jus a uma união feliz.³⁷

Da Mulher para a mulher começa o seu texto sobre sexualidade dizendo que isso é um perigo para as mulheres, já inicia com um alerta. A seção admite que as mulheres não são passivas em relação ao desejo sexual, abordando tal assunto como um instinto, assim como outros sentimentos, como foi o caso do amor, também tratado como um instinto. Nesse caso, porém, o papel se inverte: no amor, é a mulher que ama mais do que o homem; na sexualidade, é o homem que é mais intenso do que a mulher. Não se negam os desejos sexuais de ambos, mas o desejo sexual feminino é atrelado ao amor, enquanto o homem sente tão somente o desejo.

No entanto, critica as pessoas que se deixam levar somente por esse instinto sexual, afirmando que o homem, como ser universal, é capaz de sentimentos mais nobres além do simples fato de um impulso sexual, diferente dos demais animais, que não são capazes de amar. Enaltecendo a ideia de que, mesmo o homem, segundo a ótica da seção, é mais sexualizado que a mulher, ele também não deve se deixar levar somente pelo impulso sexual. Como aponta Loyola: “Na sociedade humana, o sexo, constitui, ainda, um instrumento poderoso de criação de vínculos sociais, ao mesmo tempo, uma constante ameaça às regras estabelecidas” (LOYOLA, 1999, p. 34).

A seção coloca a mulher como o astro principal do tema sexualidade, revelando às leitoras que a mulher possui desejo sexual e, quanto mais rápido se der conta disso, mais rápido poderá controlar seus desejos. A mulher deve manter o autocontrole. Ao homem esse autocontrole não é mencionado já que ele é mais sexualizado que a mulher, por isso pode ser mais difícil exigir esse controle dele. A

³⁷ O CRUZEIRO, Ano XXXIV, número 32, 19 de maio de 1962.

mulher pode desejar sexualmente, exclusivamente, o homem que ama ao contrário do homem, que pode desejar mais de uma mulher.

No entanto, é natural e normal que ela deseje o homem amado, porém ela não pode atraí-lo fisicamente, ou seja, ela pode querê-lo, mas não pode tê-lo. Ela deve sufocar os seus instintos sexuais e conquistá-lo por outros meios que não envolvam o corpo e o sexo. Isso, porque, se ela usar a sexualidade na conquista, vem o alerta da seção, ou seja, ela estará cometendo um grave erro. Depois de ceder uma vez, a mulher irá ceder sempre ao seu parceiro. O sexo é visto, nesse caso, para a mulher, como uma ameaça ao tão sublime amor. O sexo e a sexualidade são vistos então, em uma roupagem de algo natural como o texto elenca no início, mas, na verdade, é um grande vilão para a felicidade feminina. No livro *Sexualidade*, organizado por Heilborn, os autores discutem a diferença que o sexo tem para homens e mulheres.

A sexualidade não tem o mesmo grau de importância para todos os sujeitos. Mais do que um recurso explicativo baseado em diferenças psicológicas, essa variação é efeito de processos sociais que se originam no valor que a sexualidade ocupa em determinados nichos sociais e nos roteiros específicos de socialização com que as pessoas se deparam. A cultura em sentido lato é a responsável pela transformação dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, por intermédio de redes de significados que abarcam categorizações de gênero, de orientação sexual, de escolha de parceiros. Valores e práticas sociais modelam, orientam e esculpem desejos e modos de viver a sexualidade, dando origem a carreiras sexuais/amorosas (HEILBORN, 1999, p. 40).

O sexo no namoro é um ato terrível para a mulher, a qual não deve consentir de modo algum. Caso contrário o homem não terá mais limites, se ela der brecha para suas investidas sexuais. Assim, haverá uma desgraça, será uma tragédia em sua vida. O sexo fará com que ela perca o respeito para consigo mesma, que ela não se goste mais. O ato sexual é visto como algo sujo para a mulher. O mesmo homem que a levou a cometer tão grave erro vai acabar duvidando dela e de sua honestidade, questionando o amor que a levou a se entregar fisicamente a ele. Será uma tragédia em todos os casos, ela não se amará mais, nem ele a ela.

O contraponto que *Da Mulher para a mulher* traz para esse triste fim, é o do casal que consegue manter seus instintos sob controle. Para esse casal de jovens apaixonados, tudo vai ser bonito e feliz. O amor deles aliado ao desejo controlado no namoro vai levá-los até o casamento, o sublime ato de entrega e amor. Dentro do

casamento, o sexo e os desejos sexuais são vistos de outra maneira: não mais feia e, muito menos, suja. O sexo é abordado como um privilégio, é uma vantagem que vem no “pacote” do casamento. Com o sexo somente dentro do casamento, a mulher vai mostrar seu valor para o homem, como se tudo que ela é se reduzisse ao simples fato do sexo antes ou depois do casamento. Ambos, mas, principalmente, a mulher que se mantém casta até o casamento, prova, não só para o homem com que vai se casar, mas também para a sociedade, seu valor como pessoa.

Nas trincheiras do essencialíssimo viceja a convicção de que há algo inerente à natureza humana, inscrito nos corpos na forma de um instinto ou energia sexual, que conduz as ações. A sexualidade ora restringe-se a um mecanismo fisiológico, a serviço da reprodução da espécie, ora a manifestação de uma pulsão, de ordem psíquica, que busca extravasar (HEILBORN, BRANDÃO, 1999, p. 9).

A seção *Da Mulher para a mulher* usa desse instinto, dessa energia, como dizem Heilborn e Brandão, para justificar por que os homens são mais sexualizados que as mulheres. Coloca o homem sempre em um patamar de privilégio, pois ele pode se excitar com qualquer coisa que referencie o sexo. Por outro lado, a mulher deve saber que é um ser sexual, mas não deve exercer sua sexualidade com qualquer um. À mulher cabe o dever de “se dar o valor”, resguardando-se para o ser amado, o escolhido, ela só poderá sentir atração pelo homem que ama. Diferente do homem, na representação que a revista *O Cruzeiro* faz, a mulher é incapaz de sentir atração física por outro ser que não seja aquele que ela ama.

Os instintos sexuais anunciados no início do texto da seção, a qual sustenta que homens e mulheres são dotados do mesmo instinto, mas em escalas diferentes, prendem a mulher ao casamento, já que sua sexualidade só poderá ser exercida, no âmbito conjugal, com o homem que ela ama. Essa é mais uma forma de a seção *Da Mulher para a mulher* colocar o feminino em segundo lugar, como um ser de segunda ordem.

Repensar as relações entre os sexos, a sexualidade e a reprodução biológica e social é assim repensar as relações de dominação de um sexo sobre o outro e toda a estrutura de relações sociais montada a partir dessa relação. Fazer emergir a sexualidade dessas relações, e como fazê-lo, a partir de um pensamento que tem como base inconsciente as diferenças entre os sexos (LOYOLA, 1999, p. 34-35).

Nesse contexto, faz-se com que a sexualidade e o sexo fiquem entrelaçados com o fator reprodutivo. O sexo, para as mulheres, é permitido dentro do casamento, pois é no casamento que vão surgir os filhos. Ao homem não é mencionada a responsabilidade em relação a filhos fora do casamento, como se isso fosse algo que só afetasse as mulheres, sendo responsabilidade somente delas os cuidados para não engravidar.

“Na fase da adolescência, a mulher atravessa uma fase de reações muito complexas. Tudo para ela é novo e tudo ainda vem revestido de um romantismo exagerado. É preciso respeitar seus sentimentos por que ela é muito sensível.”³⁸ Esse fragmento, retirado de uma crônica da seção *Da Mulher para a mulher* sobre a adolescência, reforça a ideia da mulher como um ser essencialmente sentimental, salientando que a mulher não é apta para temas como política ou, até mesmo, trabalho – ou mais especificamente aquele realizado fora do lar. A seção enfatiza em seus textos, a imagem da mulher como uma criatura sensível, a qual necessita de uma força masculina ao seu lado, pois, como *Da Mulher para a mulher* disse várias vezes, o homem é o sexo forte.

A sexualidade volta novamente nessa primeira fase que é compreendida pela adolescência como uma exortação dos sentimentos. A sexualidade feminina é desassociada do corpo físico nessa primeira fase da vida feminina. A mulher, primeiro, ama e, somente depois, sente atração pelo ser amado, porque essa atração pelo objeto de afeição vai elevá-la a níveis mais altos, como o casamento. Tudo que precede a sexualidade em *Da Mulher para a mulher* vem regado com um interesse, já que o foco é o casamento. A família, como uma célula perfeita dentro da sociedade. Mulher e homem, cada um desempenhando seu papel, este socialmente construído e diferenciado entre homens e mulheres, colocando-os como seres totalmente distintos, merecendo tratamentos distintos. É nesse sentido de tolher as mulheres que as regras de sexualidade são aplicadas.

Certas Liberdades

Muitas moças nos perguntam se podem ou devem conceder “certas liberdades” aos namorados, de acordo com o que eles desejam... ou exigem, sob alegação de que, em não satisfazendo, dão a elas provas de falta de confiança. “Tenho medo de perdê-lo”, é a frase mais comum segundo a qual pretendem conquistar a nossa simpatia para o seu caso. Infelizmente, porém,

³⁸ O CRUZEIRO, Ano XXXV, número 8, 1 de dezembro de 1962.

nunca poderemos satisfazê-la nesse sentido. Não nos comove as ameaças desses namorados “exigentes”. Ao contrário, a experiência da vida e sobretudo desses casos, com os quais lidamos há tantos anos, leva-nos a prever muitos aborrecimentos para a moça, caso ceda.

Em primeiro lugar ela própria ficaria insatisfeita consigo mesma. E a prova disso está na resistência que seu espírito bem informado está encontrando para transgredir. Depois é uma ilusão pensar que o namorado ficaria preso pelo fato da moça ter cedido. O rapaz bem intencionado respeita a namorada, domina seus impulsos naturais. Mesmo no caso em que as liberdades segue-se ao casamento, a vida conjugal será sempre prejudicada por lembranças desagradáveis. Haverá uma dúvida permanente no espírito do marido: ela teria cedido a outro? E a mulher se sentira sempre mal por não ter sabido impor-se ao respeito do homem amado.³⁹

Essa crônica revela a preocupação da seção *Da Mulher para a mulher* em vigiar atentamente o comportamento feminino de suas leitoras, escrevendo que muitas moças pedem a opinião da seção sobre suas vidas, conferindo à revista *O Cruzeiro* certo poder de intervir e gerir comportamentos. Dessa forma, põe em evidência o lado imperativo da seção, impondo comportamentos, dizendo que não se comove com o apelo masculino a sexo e, muito menos, ao feminino. O lugar do sexo é dentro do casamento, somente lá poderá ser exercido.

O sexo antes do casamento ou, como *Da Mulher para a mulher* chama, certas liberdades, não são garantias para a estabilidade do namoro, e sim um sinal de que a moça não é de confiança – não se dá ao respeito – o que significa que logo aquele namorado que exigiu as liberdades vai abandoná-la com a mancha da desonra. E, mesmo que, por muita sorte, isso não impeça o laço matrimonial, a mulher nunca mais vai ser digna de confiança do marido. Já que se entregou para ele antes do casamento, poderia ter se entregado para qualquer um. Essa mulher não terá paz nem consigo mesma, porque não teve valor moral e social suficientes para resistir aos instintos sexuais. Dá-se um grande valor à virgindade feminina, como se todo o caráter da mulher fosse resumido a isso. A virgindade é uma prerrogativa à dignidade feminina.

(...) a virgindade e a primeira relação revelam a persistência de uma moral relacional, na qual a experiência individual está sempre submetida à avaliação do grupo e à preeminência das considerações sociais. A mulher existe como pessoa através da apreensão de sua conduta pelos outros. Para os homens, as relações entre atividade sexual e gênero masculino são particularmente proeminentes na construção da imagem de si, a despeito da classe social a que pertencem (HEILBORN, 1999, p. 56).

³⁹ O CRUZEIRO, Ano XXXIV, número 2, 21 de outubro de 1961.

A sexualidade deve ser exercida em *Da Mulher para a mulher*, quando existir amor entre homem e mulher e, principalmente, deve ser exercida no casamento. Não se percebe a ideia de o sexo estar somente ligado à reprodução, embora ele só seja permitido dentro da vida conjugal, os filhos aparecem mais como algo natural. Primeiro o amor, depois o casamento, o exercício de sua sexualidade e, por fim, os filhos, como um complemento para uma união feliz e satisfatória. O sexo não é mais mencionado como um fardo a ser carregado pelas mulheres, como uma obrigação que a vida matrimonial exige (PINSKY, 1993).

O sexo é encarado pela seção *Da Mulher para a mulher* como algo bom e prazeroso para ambos os sexos. Ele leva, sim, à maternidade e à paternidade, mas não é mais algo penoso para a mulher. O sexo passa a ser representado como algo natural, porém dentro dos limites do casamento.

Muitas esposas nos escrevem, manifestando seu horror pela vida sexual do casamento. Não admitem esse aspecto da vida conjugal. Como corrigir isso? Como melhorar a situação?

Há diversos motivos que podem levar a esposa a essa atitude de hostilidade à vida de relações do casal. Os mais comuns, porém, nos parecem dois: uma educação errada, antes do casamento, inabilidade por parte do marido em conduzir a vida sexual do casal, principalmente no período da lua de mel. Analisando o problema com mais profundidade, porém, chegaremos à conclusão de que, num caso e no outro, o fator único para o insucesso é a imaturidade – quer do esposo, quer da esposa.

No primeiro caso, a mulher não amadureceu o suficiente. Ainda está sob a impressão que lhe causou uma educação excessivamente severa, em que foi habituada, em encarar as solicitações sexuais como algo errado, que em hipótese nenhuma poderiam ser satisfeitas sem que isso fosse muito deprimente para a mulher. De fato, as solicitações sexuais – enquanto instintivas e naturais – devem ser reprimidas até que possam expandir-se de modo lícito e correto.

A nós parece mais razoável que as mães eduquem as filhas, falando dos problemas sexuais com naturalidade, esclarecendo-se as dúvidas e ensinando o perigo que correm a se concederem certas facilidades inoportunas. Essa atitude franca, natural e decidida parece nos preparar melhor o terreno para a filha amanhã, seja uma mulher normal, uma esposa sem falsas concepções, que possa desfrutar do lado do marido de uma vida sexual normal a que ele aspira e que ambos têm direito.

No segundo caso, a frieza da mulher é devida unicamente à inabilidade do marido. Este não amadureceu suficientemente a ponto de pensar também na satisfação da esposa. Pensa somente em si mesmo. Não procura compreender a mulher. Não encontra meios para conquistá-la. Quer

somente a própria satisfação, e porque não a encontra pela falta de correspondência por parte da esposa, queixa-se de sua frieza.

Para uma vida conjugal harmoniosa e bem equilibrada, e preciso que marido e mulher sejam suficientemente amadurecidos a ponto de terem sempre presentes o pensamento de que tudo a que se visa o casamento é comum. Se a esposa não se sente feliz em relação ao aspecto da vida do casal, está obrigada a procurar as causas de sua insatisfação, para corrigi-las. Se o marido acusa a mulher de não corresponder às suas solicitações, faria se, bem antes de acusá-la, procurasse dentro de si mesmo as origens desse desajustamento. Saindo cada um do seu egoísmo, encarando os problemas da vida conjugal com visão amadurecida, o casamento deixará de ter para eles o aspecto de experiência fracassada.⁴⁰

A revista incentiva as mulheres à vida sexual dentro do casamento. Nesse texto, não é feita nenhuma menção à sexualidade ligada à reprodução, é um texto sobre educação sexual e prazer sexual. Uma educação que vem de casa, onde a mãe é responsável direta por orientar a filha sobre o futuro. A mãe tem a tarefa de instruir a sua filha a não cometer erros em relação ao sexo antes do casamento, e também ensinar-lhe que o sexo depois do casamento é algo natural e deve ser exercido não somente para ter filhos, mas, sim, para satisfazer as necessidades físicas, como o prazer.

A seção *Da Mulher para a mulher* mostra a leitora que a vida conjugal deve ser harmoniosa e prazerosa para ambos, marido e mulher. O sexo aparece como um elo importante para o casal. O ajuste sexual que ambos desfrutem do prazer a dois se torna algo fundamental para o sucesso do casamento. A mulher não deve só cumprir com suas tarefas matrimoniais, deve gostar delas, também.

Algo importante acontece nessa crônica da seção, é um dos poucos textos de *Da Mulher para a mulher* em que a culpa de algo referente ao casamento recai sobre os ombros do homem. Ele é diretamente responsabilizado pela frieza da mulher diante do sexo, é ele que não sabe satisfazê-la e, assim, não consegue seu próprio prazer. Elementos negativos são associados à figura masculina, como egoísmo e incapacidade de sedução. A primeira crítica não é tão significativa quanto a segunda. Ele é o ser que deve ser o sedutor, mesmo sem o ser, aquele que embora sendo seduzido, deve pensar que é ele que seduz. Esse mesmo homem é considerado incapaz de satisfazer a si mesmo e a sua mulher. Essa é uma crítica significativa para a seção, que elenca o homem como um ser quase perfeito.

⁴⁰ O CRUZEIRO, Ano XXXIII, número 15, 21 de janeiro de 1961.

A questão importante que a crônica traz é em relação ao amadurecimento de ambos, mulheres e homens, para o casamento. Só o que a crônica não relata é a diferença de amadurecimento entre os gêneros. Para a mulher, é vetada a vida sexual antes da conjugal; por isso, seu amadurecimento é mais psíquico do que físico, ela irá ser orientada pela mãe, como *Da Mulher para a mulher* diz sobre sexualidade, mas sem pôr tais instruções em prática antes do tempo previsto. O amadurecimento feminino é representado por estar preparada tanto para o sexo, quanto para a maternidade, é um amadurecimento iniciante. Não se pode negar o fator biológico, ela já terá passado pela menarca, e estará caminhando para a vida adulta.

Já, para o homem, esse amadurecimento é diferente. Essa crônica, especificamente, não relata qual o tipo de amadurecimento. Mas, pela passagem na qual o homem é responsabilizado pela frieza da mulher, isso significa que ele é mais experiente que ela sexualmente, falando, se não é, deveria ser, para evitar esses desajustes sexuais. Em nenhum momento, *Da Mulher para a mulher* critica o comportamento masculino em relação ao sexo, nem mesmo orienta como deve ser tal comportamento. No entanto, a seção afirma que os homens são mais sexuais e, portanto sentem mais os impulsos sexuais que as mulheres. O que fica subentendido é que eles não precisam, nem devem esperar o casamento para iniciar a vida sexual, já devem estar maduros quando forem casar, a fim de evitar problemas sexuais com suas esposas.

Em *O Cruzeiro*, na seção *Da Mulher para a mulher*, a sexualidade é vista e representada de diferentes maneiras em relação aos gêneros. Ao homem não é escrito como ele deve se portar em relação a sua sexualidade, mas sim o que ele deve exigir no quesito sexualidade feminina. Sim, a seção se diz escrita para orientar as mulheres, porém, ao fazer isso, já que o público leitor de *O Cruzeiro* é composto não somente por mulheres, a coluna também serve para orientar os homens sobre o que devem exigir e esperar das mulheres.

Das mulheres é exigida uma conduta sexual previamente definida, sua moral está em jogo. A mulher transgressora desse manual de conduta nunca será feliz consigo mesma, nem capaz de fazer alguém feliz. A sexualidade está diretamente ligada à busca de uma ordem no qual o feminino não possui autonomia sobre o seu

corpo. À mulher cabe a responsabilidade de se autovigiar é de se punir pelos seus erros. A sexualidade feminina só poderá ser exercida como algo natural e sem punições, se for sob um código de conduta socialmente construída no qual a diferenciação sexual e a sujeição da mulher estão vigorando. Para Maria Milagros Garretas, em seu livro *Nombrar el mundo en femenino*, essa diferença consiste em:

Diferencia sexual se refiere directamente al cuerpo; al hecho de que, por azar, la gente nazcamos en un cuerpo sexuado: un cuerpo que llamamos femenino, un cuerpo que llamamos masculino. A este nacer en un cuerpo sexuado, el pensamiento de la diferencia sexual le há llamado – un hecho desnudo y crudo - (GARRETAS, 2003, p. 81).

3.2 Matrimônio, a consagração de um ciclo da vida feminina: uma profissão de Amor

Figura 9: A noiva em preparação para o casamento.

Fonte: O CRUZEIRO, Ano XXXIV, número, 52, 6 de outubro de 1962.

Acervo: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa



O casamento é um assunto recorrente na seção *Da Mulher para a mulher*, ele sempre está presente nos textos como um fantasma que paira sobre as atitudes das mulheres. Um passo em falso pode significar a não realização desse plano que se chama casamento. Todas as atitudes da mulher são vigiadas para que ela não fuja

do seu destino natural. A seção escreve que as mulheres são aptas ao casamento, pois ele é a profissão social das mulheres. O lugar da mulher, na visão de *O Cruzeiro*, é estar dentro da casa, e seu trabalho é no lar no cuidado do marido e dos filhos, frutos dessa união.

A imagem acima, *A noiva em preparação para o casamento*, representa as mulheres preparando-se para o grande momento, o dia do tão sonhado casamento. Imagens com mulheres jovens vestidas de noiva são frequentes na seção *Da Mulher para a mulher*, quando é abordada a questão do matrimônio e de como a mulher deve se preparar física e espiritualmente para esse dia.

É recorrente a insistência de que a mulher não deve competir com o homem no mercado de trabalho, visto que seu lugar é cuidar dele dentro de casa, da casa e dos filhos, enquanto ele assume o papel de provedor da família, gerindo as finanças e provendo a todos do núcleo familiar. A revista não nega a participação feminina no mercado de trabalho, mas não a incentiva a conquistar sua fatia nesse mundo. As mulheres jovens que trabalham ainda não casaram e, quando casarem, só serão aconselhadas a seguir trabalhando fora de casa, se sua renda se fizer indispensável para o orçamento familiar. Caso contrário, é incentivado que o trabalho doméstico já é o suficiente para a sua satisfação.

“Ele é contra o trabalho feminino”

Realmente não vemos por que a mulher trabalhe fora quando não há necessidade. O emprego impõe obrigações que muitas vezes terão que entrar em conflito com as obrigações domésticas. Muitos homens que se queixam de que o eterno feminino tende a desaparecer com essa “mania de que as mulheres têm de competir com a gente na luta da vida.”⁴¹

Essa é a breve resposta a uma carta de uma leitora, não há referências a quem enviou a carta, nem mesmo um trecho da carta está exposto, somente a breve frase acima da resposta. Pela frase, é um homem que se coloca contra o trabalho feminino, e talvez a leitora busque um conforto ou uma explicação da seção para esse posicionamento masculino. *Da Mulher para a mulher* é severamente contra o trabalho feminino fora do âmbito doméstico. Alega que será conflituosa para a mulher essa relação, delegando as tarefas domésticas à responsabilidade exclusivamente feminina. Insinua que a mulher, atuando no mercado de trabalho

⁴¹ O CRUZEIRO, Ano XXXII, número 30, 7 de maio de 1960.

perde as características femininas, ao competir com os homens pelo espaço público. Nessas desigualdades existentes entre mulheres e homens, é que se depositam as explicações de Joan Scott sobre gênero e como esse deve ser usado como uma categoria de análise importante.

Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade de dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo gênero torna-se uma forma de indicar construções culturais – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres (SCOTT, 1999, p. 75).

Para *O Cruzeiro*, isso não deve ocorrer, mesmo em uma sociedade que vivência grandes mudanças sociais com o movimento feminista ganhando força, e o desenvolvimento econômico pelo qual o Brasil está passando, bem como o processo de desenvolvimento urbano em ascensão e a presença das mulheres no mercado de trabalho, principalmente pela eclosão, décadas antes, da Primeira Guerra Mundial, o qual exigiu um contingente feminino para ocupar cargos antes exercidos por homens (BABO, JABLONSKI, 2000).

Ainda que nesse contexto de transformação, as desigualdades de gênero permanecem visíveis na sociedade, sendo representadas pela mídia de forma natural, como se os papéis sexuais fossem bem nítidos e definidos. Homens e mulheres devem se sujeitar aos seus papéis sociais previamente estabelecidos e neles permanecer. O trabalho feminino fora da casa, embora sendo a cada dia mais comum, ainda é mal visto e cercado de preconceitos por *Da Mulher para a mulher*. É encarado como um subsidiário ao trabalho masculino, do chefe da família, o provedor.



Figura 10: Dona de casa.

Fonte: O CRUZEIRO, Ano XXXIII, número 2, 22 de outubro de 1960.

Acervo: Museu da Comunicação
Hipólito José da Costa

A imagem *Dona de casa* retrata como deve ser a vida da mulher após o casamento, no âmbito doméstico, no cuidado da casa e, posteriormente, no cuidado dos filhos. Ao homem cabe o sustento da família, o trabalho fora do ambiente doméstico. Essas relações são representadas por *O Cruzeiro* como naturais, o casamento é o definidor das atribuições e dos direitos de mulheres e homens, assim acentuando e reforçando as desigualdades entre os gêneros e salientando a dominação do masculino sobre o feminino.

Desse modo, *Da Mulher para a mulher*, com seus incansáveis manuais de comportamento instrui suas leitoras a se submeter a essa ordem que é considerada natural do espírito humano. Mesmo em uma década de mudanças sociais, as duas seções, *Da Mulher para a mulher* e *Elegância e Beleza* seguem encampando valores distorcidos e ressaltando o estereótipo de que a mulher é muito diferente do homem e, por tal motivo, deve se sujeitar a ele.

Casar por amor e nada mais

“Quem se casa por amor e nada mais” corre o grande risco de, dentro de pouco tempo, nada ter. Há condições básicas, essenciais para o casamento feliz, além do amor.

É preciso que o rapaz tenha qualidades que credenciem um bom esposo: lealdade, capacidade de trabalho, iniciativa. Qualidades, enfim, que predisponham não somente a consideração da moça, mas da sociedade também.

É necessário, ainda, que a moça se encaminhe para a vida de casada consciente das responsabilidades que a esperam. Há mulheres que dizem, com uma certa euforia, que não nasceram para donas-de-casa e que acham que qualquer serviço doméstico reduz a mulher a um plano inferior. Entretanto, ainda que não haja necessidade, jamais, que ela desempenhe essas funções que consideram subalterna, é interessante que conheça para orientar bem suas empregadas.

O amor sexual entre os esposos é um meio pelo qual exteriorizam sua afeição espiritual. É preciso haver compreensão e afinidade entre marido e mulher neste sentido. É um aspecto importantíssimo do casamento que não deve ser descuidado.

Há mulheres que se recusam à maternidade. Ter filhos, entretanto, é uma das finalidades do casamento. Há pessoas também, que deixam para ter filhos depois. E muitas vezes nunca os têm, porque acham sempre que nunca estão em condições econômicas de recebê-los. Seria interessante, porém, deixá-los fazer parte da família, mesmo dentro do orçamento atual. E os pais chegariam à evidência de que, embora com algum sacrifício, tudo se ajeitaria normalmente, por fim.

Enfim, estas são algumas sugestões que nos parecem necessárias, além do amor, para um casamento feliz.⁴²

Essas são algumas “dicas” que a seção dá para o sucesso do casamento e, instruindo quem pretende se casar, ao mesmo tempo em que orienta e tenta direcionar o comportamento dos casais já casados. *Da Mulher para a mulher* elenca o amor como um fator importante para a união de uma mulher e um homem, mas aponta outros fatores que se fazem significativamente relevantes para o sucesso dessa união.

O homem, para ser um bom esposo, deve ter características específicas, dentre essas, ele deve gostar de trabalhar, pois serão de responsabilidade dele as finanças da família, como o chefe familiar, o provedor. Fatores ligados à personalidade que esse homem deve ter não são mencionados, um dos motivos pode ser que não tenha muita importância a personalidade do homem, porque é a mulher que deve se moldar a ele. Essa qualidade masculina não é somente um

⁴² O CRUZEIRO, Ano XXXII, número 44, 13 de agosto de 1960.

bem para a mulher que vai casar, mas para a sociedade em si, a qual terá mais um homem cumprindo seu papel. Mais uma vez, a relevância do sexo no casamento é mencionada como algo fundamental para uma união feliz e realizada.

Às mulheres existe uma crítica nítida àquelas que não querem ficar presas às tarefas que a seção define como femininas. Com relação às mulheres que questionam esse tipo de definição de donas-de-casa, *Da Mulher para a mulher* não abre nenhuma brecha para dizer que as tarefas domésticas podem ser divididas entre os dois. Nem menciona o trabalho feminino fora dessa esfera privada. A mulher que não se submete às tarefas domésticas é porque tem poder aquisitivo para delegar essas funções a outros. A crônica acima sobre a vida conjugal deixa evidentes os papéis de gênero, muito bem divididos pela seção.

Se trataría de lucha que es consecuencia de desigualdades de carácter social, no físico o biológico. Se trata, asimismo, de lucha, de tensión que estaría íntimamente vinculada con el mantenimiento de lo que se suele llamar divisipón sexual del trabajo y que debería llamarse, división del trabajo en función del sexo. Porque no hay, naturalmente, trabajos de mujeres y trabajo de hombres, no hay trabajos propios de su sexos, lo que hay son prohibiciones, en función de los contenidos culturales atribuidos a uno otro sexo(...) (GARRETAS, 2003, p. 101).

A divisão do trabalho em relação ao sexo é uma das maiores causas de desigualdades econômicas e sociais entre mulheres e homens. *Da Mulher para a mulher* tece uma linha para reforçar essas desigualdades, ignorando as tensões e lutas de poder entre os gêneros, ao colocar a divisão sexual do trabalho como algo eminentemente natural. Aos homens cabem funções socialmente construídas como masculinas e, para as mulheres, cabem as funções ditas femininas.

É a exaltação da maternidade como a finalidade primordial do casamento, para que casar, se o objetivo não é ter filhos e formar uma família? *Da Mulher para a mulher* não admite que um casamento prossiga sem os filhos, eles são essenciais, e a mulher só é completa depois da maternidade. Caso contrário, ela nunca será satisfeita plenamente e sempre lhe faltará algo. Manuais de como deveria ser a esposa ideal e o marido ideal eram uma constante dentro da seção.

A esposa ideal deve:

- colaborar com o marido em todas as ocasiões, sem fazer mistério do quanto ele representa para ela.
- não relaxar nunca sua aparência pessoal;
- ter personalidade, ao ponto de ter vontade própria sem, contudo, deixar de reconhecer a autoridade do marido;
- ser carinhosa;
- não se queixar do marido nem criticá-lo na presença de estranhos.⁴³

O marido ideal:

- ser sincero a ponto de inspirar confiança cega e ilimitada;
- estar apto a lhe dar estabilidade econômica no momento, e prometer um futuro sempre melhor;
- ter boa vontade para satisfazer a esposa;
- gostar de trabalhar;
- ser inteligente sem ser vaidoso;
- ser equilibrado em gastos, porém, generoso⁴⁴.

Esse é uma espécie de manual de como devem ser os cônjuges perfeitos ao estilo dos manuais da década 1950 (PINSKY, 2008). O que se percebe é uma continuação dos mesmos modelos anteriores, o que procurar em um parceiro e em uma parceira. Cada gênero recebe qualidades distintas em relação a sua diferença sexual. Homens devem possuir valores distintos das mulheres para serem valorizados e escolhidos por elas. Sendo assim, em contrapartida, as mulheres também sofrem diferenciações, porque devem possuir valores desejáveis ao sexo oposto.

A esposa ideal é aquela que aceita que o marido é quem manda, ela deve obedecer à autoridade dele, sem perder a ternura. Essa é outra característica que a esposa deve ter, ela deve ser carinhosa com o esposo e com a família. Não deve descuidar da aparência, seguindo os ensinamentos de *Elegância e Beleza*. A mulher precisa também, ter a preocupação de se manter bela e jovem para seu marido.

⁴³ O CRUZEIRO, Ano XXXIV, número 21, 3 de março de 1962.

⁴⁴ O CRUZEIRO, Ano XXXIV, número 8, 2 de dezembro de 1961.

Esses são alguns requisitos básicos para quem pretende casar ou para quem já está casado saber manter o seu casamento.



Figura 11: Família

Fonte: O CRUZEIRO, Ano XXXIV, número 8, 2 de dezembro de 1961.

Acervo: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

É a imagem da crônica *Família*, que diz como deve ser o marido ideal, representando um modelo de família defendido por *O Cruzeiro*: o pai, a mãe e os filhos, todos compondo um cenário de família perfeita, de felicidade conjugal e de harmonia familiar. Ao marido ideal são exigidos outros valores, beleza e jovialidade não estão entre eles, muito menos carinho. O homem deve gostar de trabalhar, essa é a qualidade primordial, ressaltada duas vezes na crônica. Ele tem de ser o provedor da família, é dele essa função. Inteligência, generosidade e equilíbrio

também são qualidades a serem buscadas por esse marido perfeito. Cada um, mulher e homem, são definidos e delimitados no que devem ser para serem os pares ideais. Cada qual, em seu campo de ação previamente estabelecido e delimitado, assim como diz Fischer: “a mídia não é apenas veículo, mas, também, constrói discursos e produz significados, identidades e sujeitos” (FISCHER, 2005, p.3).

Os homens também sofrem enquadramentos dentro da seção *Da Mulher para a mulher*, não sendo tão criticados como as mulheres por seus atos e comportamentos. Aos homens é exigido um comportamento viril, no qual ele é o detentor de maior poder no ambiente social. Exigências que colocam o masculino com maior sexualidade, levando-o a torna-se o grande responsável pelo sucesso nas relações sexuais, no caso da seção aqui analisada.

Esses manuais explícitos sobre o que procurar em uma mulher e em um homem, não são uma constante na revista, já que eles aparecem esporadicamente fazendo alusão a um compilado de cartas de leitoras que sugerem as qualidades para homens e mulheres. Em um dado momento, a seção considera oportuno publicar essas regrinhas básicas, as quais são expostas sob a alegação de ser um pedido do público leitor, ávido por tais informações.

Terminada a lua de mel

Passados os dias românticos da lua de mel, quando a vida do casal cai na rotina, a jovem esposa, muitas vezes, sofre um choque psicológico. O marido sai e ela fica só. Os afazeres domésticos, a princípio, são poucos. Ela pensa no marido o dia todo...mas nota que o mesmo não se passa com ele. Absorvido pelos negócios, desejo de prosperar e de fazer carreira, sobretudo agora que tem uma família para manter. O rapaz vai aos poucos diminuindo as suas demonstrações de apreço pela esposa. Já não lhe deu a maior prova de amor, escolhendo-a entre tantas, para companheira de sua vida?

A mulher é, por natureza, romântica. Não lhe cabe culpa por isso. Compreende a necessidade que o marido tem de trabalhar. Mas ao mesmo tempo sente uma espécie de ciúme da carreira dele. Encara-a como uma rival que lhe roubasse as atenções que lhe são devidas. Bem sabe que isso é um contra-senso, mas... não tem o coração razões que a própria razão desconhece?

Para desempenhar a contento seu duplo papel, fora e dentro da família, o homem precisa compreender a mentalidade feminina. A mulher é sentimental. Até o fim da vida ela apreciará uma demonstração de ternura do marido. Não era ontem a noiva adorada, centro de todas as suas atenções?

Para a vida conjugal decorrer feliz, é preciso que o marido se esforce por uma compreensão recíproca. Se a carreira, se os negócios, o emprego,

são muito importantes para ele, a vida sentimental é, para ela, tão importante quanto o ar que respira.⁴⁵

A seção aconselha principalmente casais jovens, para que eles mantenham um bom casamento e não pensem no divórcio, que é algo abominável para *Da Mulher para a mulher*. Ao falar sobre os problemas decorrentes do casamento, a seção enfatiza, várias vezes, as diferenças entre homens e mulheres, colocando a mulher dentro de casa e o homem no trabalho fora do lar. Ele é o responsável pela família, e a ela cabe ficar em casa nos afazeres domésticos, esperando a volta do marido. Como diz Chartier em seu livro *A beira da falésia*:

Inscrita nas práticas e nos fatos, organizando a realidade e o cotidiano, a diferença sexual é sempre construída pelos discursos que a fundam e a legitimam. Mas, estes se enraízam em posições e interesses sociais que, no caso, devem garantir o assujeitamento de umas e a dominação dos outros (CHARTIER, 2002, p. 97).

A mulher é vista como uma criatura extremamente romântica, uma construção social de que a mulher é mais sentimental que o homem, e isso é tido como inerente à natureza feminina dentro da seção. Esta coloca, também, a carreira masculina como uma rival, pois ela divide as atenções do homem. A mulher é caracterizada dentro do casamento como romântica, sentimental e, por vezes, ciumenta; o homem é colocado como o provedor da família e aquele que deve ser compreensivo.

O homem e o casamento

O homem e a mulher encaram o casamento de modos diferentes. Para ele, o casamento representa uma restrição a sua liberdade, e por isso, enquanto jovem, ou melhor, enquanto não for ferido por Cupido, rejeita a ideia de casar-se. Para a mulher, porém, desde cedo o casamento representa a sua aspiração máxima. E um estado de vida que lhe dará maiores credenciais na sociedade.

Além disso a responsabilidade econômica que o casamento impõe ao homem é um verdadeiro espantinho para o rapaz que começa a vida, ainda incerto de suas possibilidades.

É natural, portanto, que o homem e a mulher encarem o casamento de modo diferente, interpretando cada um a seu modo, de acordo com sua natureza.

Porque o homem é, naturalmente, refratário ao matrimônio e a mulher o deseja desde mocinha, é que alguns psicólogos afirmam que o homem, quando se casa ama mais que a mulher. Pois, está resolvido a sacrificar sua

⁴⁵ O CRUZEIRO, Ano XXXIII, número 2, 22 de outubro de 1960.

liberdade, e a arcar com o peso da responsabilidade econômica, tudo para unir seu destino ao da mulher amada.⁴⁶

Essa crônica da seção *Da Mulher para a mulher* enfatiza bem as diferenciações que são feitas a mulheres e homens. O homem não quer casar, ele não precisa do casamento para ter reconhecido seu papel social, enquanto a mulher tem, no casamento, uma possibilidade de ascender socialmente. Como se ela fosse um ser incompleto que precisa do complemento masculino socialmente aceito, para fazer parte efetiva do meio social.

Já, de início, fica claro por que o homem “foge” do casamento, ele será o provedor de uma família; por isso, deve casar ciente disso e bem preparado. Volta-se ao ponto em que as diferenciações entre os gêneros aparecem relacionadas à natureza. Homem e mulher encaram o casamento de maneira diferente, porque é da natureza deles segundo *O Cruzeiro*. O homem não quer casar, porque vai perder sua liberdade e, também, terá de assumir responsabilidades financeiras, e a mulher deseja o casamento porque é seu passaporte para a ascensão social. Dessa maneira, *Da Mulher para a mulher* reforça a ideia de que a diferença entre mulheres e homens reside no campo da natureza, sendo assim não deve ser criticada. Trata-se da dominação do masculino sobre o feminino revelando uma forma de violência.

As lutas de representações são assim entendidas como uma construção do mundo social por meio de processo de adesão e rechaço que produzem. Ligam-se estreitamente à incorporação da estrutura social dentro dos indivíduos em formas de representações mentais, e o exercício da dominação, qualquer que seja, graças à violência simbólica (CHARTIER, 2011, p.22).

É essa maneira pela qual a revista representa a divisão dos mundos masculino e feminino como sendo os dois de suma importância para a ordem social pré-estabelecida: a ideia de uma dominação de um gênero sobre o outro. Por outro lado, essa dominação não significa colocar a mulher no papel de vítima, há uma constante relação de poder entre feminino e masculino. Joan Scott escreveu sobre essa divisão de mundo:

(...) está implícito que arranjos sociais que exigem que os pais trabalhem e as mães executem a maioria das tarefas de criação das crianças estruturam a organização da família. Mas, não estão claras a origem nem as

⁴⁶ O CRUZEIRO, Ano XXXII, número 21, 5 de março de 1960.

razões pelas quais eles estão articulados em termos de uma divisão sexual do trabalho. Tampouco se discute a questão da desigualdade, por oposição da assimetria. Como podemos explicar, no interior dessa teoria, a persistente associação entre masculinidade e poder, o fato que se valoriza mais a virilidade do que a feminilidade? Como podemos explicar a forma pela qual as crianças parecem aprender essas associações e avaliações mesmo quando elas vivem fora de lares nucleares, ou no interior de lares onde o marido e a mulher dividem as tarefas familiares? Penso que não podemos fazer isso sem conceder uma certa atenção aos sistemas de significados, quer dizer, os modos pelos quais as sociedades representam o gênero, servem-se dele para articular as regras de relações sociais ou para construir o significado da experiência. Sem significado não há experiência; sem processo de significação, não há significado (SCOTT, 1990, p. 81-82).

Um tema recorrente quando a seção abordava as relações matrimoniais, era a infidelidade. Encarada de maneira distinta para homens e mulheres. Como já é de suspeitar, os homens possuem certa flexibilidade quando o assunto é traição, enquanto as mulheres são severamente advertidas a não cometer tal erro.

Renunciar ainda é melhor

“Alguém tem culpa de se apaixonar? No meu caso, por exemplo, não fiz por isso. Depois de dez anos de casada, percebi que eu e meu marido estávamos muito distanciados um do outro. As crianças, no colégio. Minha Vida, vazia. Comecei a sentir-me só e nervosa. Era uma sensação de frustração angustiante e incômoda que me acompanhava o dia todo. Resolvi procurar um psicanalista. Ele foi bom e compreensivo. Dava-me atenção. Ouvia com paciência os meus casos. Era um homem bonito e insinuante. Apaixonei-me por ele.”

Temos um exemplo o caso dessa jovem esposa que se apaixonou pelo psicanalista – o que é muito comum de acontecer.

Como se trata de uma mulher de bons princípios, seu primeiro impulso é de ser honesta e confessar tudo ao marido. Suas relações com o médico eram platônicas. Na verdade, ele não estava apaixonado por ela e respeitava, atitude que provocava na moça um maior sentimento de admiração por ele. Mas, o simples fato de estar apaixonada por um homem que não era seu marido levava a jovem esposa a sentir-se mal, sob a impressão de que a traiçoeira o companheiro. Sentia ímpetos de dizer-lhe tudo. Felizmente, porém, após algumas noites de insônia, conseguiu controlar o seu caso e achou que o silêncio e a renúncia eram melhor. Com essa decisão tal criatura deu provas de amadurecimento espiritual. Não quis dizer nada ao marido para não magoá-lo. Não quis dar asas aquele amor proibido para não desfazer seu lar, nem o lar do médico a quem amava. Em suma pensou nos outros, antes de si mesma. Mesmo assim, porém ainda é a melhor solução em casos tais. Se a criatura fosse uma pessoa egoísta, imatura, não controlaria seus sentimentos, não pensaria no bem estar de ninguém, não controlaria seus sentimentos e nem mediria as consequências de sua insensatez. Seu amor de mãe, porém, falou mais alto. Com quem ficariam seus filhos? Outras perguntas lhe ocorreram e ficaram sem resposta. Como a sociedade aceitaria uma união clandestina? Como sua família

reagiria? (...) A felicidade da família depende dela da maneira como conduziu em face a uma ameaça que pairou sobre o lar.⁴⁷

Abaixo segue um exemplo de traição masculina, no qual o tema é abordado por Da Mulher para a mulher de forma bem diferente.

Ano Novo

Um, casal bem avançado em anos e que até então teve uma vida conjugal extremamente feliz, de repente passa a desentender-se motivo: o marido cometeu uma falha em relação à fidelidade conjugal. Indagado confessa a culpa. Como é natural, aquilo constituiu um tremendo abalo, uma grande desilusão para a esposa. Qual foi a reação do marido? Magoadíssimo, ele também, por ter proporcionado esse desgosto à mulher, não sabe mais o que fazer para mostrar-lhe arrependimento. Dá-lhe provas sobejas de que já terminou tudo. Nota-se a “outra” era jovem e bela, embora uma aventureira. A esposa, por bela que tenha sido, já é avó. E ela, porém que ele ama. E é por isso que se considera indigno e que não mediria sacrifícios para fazê-la novamente feliz, para fazê-la esquecer a mágoa que a causou. Fica sempre ao seu lado. Cumula de atenções de toda a natureza. Dá-lhe as maiores demonstrações de apreço. Ela, porém, está inflexível. Não o perdoa. Ela a enganou uma vez. Errou. E não esquece aquilo. Ele falhou – foi imperfeito. Estas as considerações que ela faz. Agora perguntamos: quem incorre num erro maior – o marido, que foi vítima de uma fraqueza, ou a mulher, que se conserva irredutível no seu julgamento de perfeição? Se ela não pensasse tanto em si mesma e um pouco nele, nos bons propósitos que está possuído para agradá-la, no sofrimento moral que experimenta por ter falhado, de certo o perdoaria mesmo com sacrifício. Não devemos exigir perfeição, quando todos somos imperfeitos. O que vale cultivar é o desejo de acertar. Este desejo implica na rejeição dos sentimentos de rancor e no cultivo dos bons sentimentos inspirado no divino amor.⁴⁸

(...) Muitas vezes ele inicia um romance ilícito sem amar verdadeiramente esta nova mulher. Ela representa uma fuga, um derivativo para a falta do carinho ele deixou de encontrar na noiva apaixonada de outrora, na esposa sempre cansada de hoje. Mas, na verdade, é ela que ele ama.⁴⁹

Na primeira citação, a mulher nem chega a cometer a infidelidade e já é alvo de várias preocupações morais, enquanto o homem é infiel, e a seção busca amenizar os acontecimentos. A mulher deve sofrer pelo fato de se interessar por outro homem que não seja o seu marido. Ela deve pensar em todos para, depois pensar em si mesma, e levar adiante um casamento sem amor, pelo bem social. Se ela se deixasse levar pelos impulsos da paixão por outro homem, ela seria: egoísta e imatura. Existe, no caso da traição feminina, uma preocupação com o que os “outros” irão pensar, como a família iria reagir, a sociedade aceitaria aquele novo

⁴⁷ O CRUZEIRO, Ano XXXV, número 19, 16 de fevereiro de 1963.

⁴⁸ O CRUZEIRO, Ano XXXII, número 13, 9 de janeiro de 1960.

⁴⁹ O CRUZEIRO, Ano XXXIII, número 43, 5 de agosto de 1961.

casal, ou eles sofreriam preconceito? Todos esses questionamentos são feitos a uma possível adúltera, sendo que a traição, segundo a crônica da seção *Da Mulher para a mulher*, nem chega a se concretizar, e essa mulher, possível transgressora de uma ordem pré-estabelecida, já está sendo severamente julgada por atos que nem cometeu. Não foi encontrada nenhuma crônica, dentro dessa seção, que fizesse referência a uma traição feminina concreta.

Já na segunda citação em relação ao homem, o comportamento da seção *Da Mulher para a mulher* é completamente diferente. Ao contrário da mulher para a qual não aparece nenhuma crônica que evidencie uma traição verdadeira, mas só indícios de uma traição, como o homem, acontece o inverso, não é encontrada nenhuma crônica que faça alusão a um desejo de trair, mas, sim, a traição já consumada. A ele não são agregados sentimentos, como o egoísmo ou a imaturidade, respaldando a infidelidade. Porém, a traição masculina é vista como um deslize, um erro que deve ser perdoado. Porque ele não se apaixona pela amante, pois, com ela, só vive uma aventura e ele ama a sua esposa. Então, frente a isso, os deslizes devem ser perdoados.

Ele se sente mal por ter feito mal á mulher que ele ama, mas a sociedade não vai julgá-lo por isso, diferente do que aconteceria se uma esposa tivesse traído o marido. Esse homem que cometeu um erro vai fazer de tudo para conseguir a redenção e o perdão do ser amado. O papel da mulher traída, mas ainda amada, é o de perdoar. Se ela não conseguir perdoar ao marido, é ela que vai estar errando dessa vez. Cabe à esposa aceitar as imperfeições do marido, cabe a ela aceitá-lo e esquecer o ocorrido.

Retorna-se, nesse ponto, á questão da mulher que deve pensar mais nos outros do que em si mesma. Ela não deve ser egoísta e rancorosa deve perdoar o deslize do homem que ama. Isso, porque perdoar é divino, todos e, principalmente, os homens devem ser perdoados, vindo de uma construção da revista em que os homens são mais sexuais que as mulheres eles também são mais propensos a trair. Enquanto elas só sentem atração física pelo homem que amam, então uma traição seria imperdoável, pois abalaria toda a estrutura familiar, seria seguida de um rompimento, o que seria uma tragédia social. Enquanto, no caso do homem, sua

infidelidade não seria um decreto para o fim do casamento, porque ele pode sentir desejo sexual sem amar o objeto de seu desejo.

Esses elementos configuram-se nos preceitos e regras ditados por *Da Mulher para a mulher*, para que todas as mulheres e homens saibam como se portar diante do casamento. Para os homens, mais uma tarefa a ser desempenhada, a de chefe de família e provedor do lar. Para a mulher, seu desejo mais sublime de consagração social, que vai muito além de um desejo de união entre duas pessoas, mas como uma profissão feminina, já que essa mulher abdicará de sua vida para se dedicar exclusivamente à felicidade da família. Pois, só o casamento a fará uma mulher feliz e realizada, porque somente ele a elevará à sublime maternidade.

3.3 - O último pilar de consagração feminina: a sagrada maternidade.

Este subcapítulo tem como objetivo analisar a representação feminina ligada à maternidade nas seções de *Elegância e Beleza* e *Da Mulher para a mulher*. A maternidade é uma constante nas duas seções, como a consagração para a mulher. Para a revista *O Cruzeiro*, uma mulher só é feliz depois que casa e se constitui como parte importante da sociedade. No entanto, ainda segundo a revista, ela só será plena como mulher depois da maternidade. Uma das ideias mais reforçadas, na seção *Da Mulher para a mulher*, é essa vocação feminina para a criação de filhos. Em diferentes propagandas, a mulher é vista como uma mãe em potencial. Seja em propagandas, seja em matérias da revista, a maternidade é realçada como algo natural do ser mulher. Assim, enaltece-se um suposto instinto materno.

Por esse motivo, isto é, a maternidade sendo vista como natural e inevitável, são exaltados aí vários valores do que seria uma boa ou uma má genitora. Anunciando a certeza de um amor materno que está na natureza feminina, a figura materna deve ser um exemplo de amor e de ternura, em muitas ocasiões, ser aquela pessoa apaziguadora em relações conflituosas no seio da família.

O ato de dar à luz e ser mãe se constitui ao longo da história nas sociedades ocidentais, como uma função natural da condição feminina. Além do mais, os corpos femininos são preparados biologicamente para essa função. Contudo, esse ato de dar à luz e se tornar mãe nunca foi imutável. Com isso não se pode dizer que exista um modelo único e perfeito do que é ser mãe. Desde o século XIX, o discurso médico e de higienização está aliado à ideia de definir a mulher pela maternidade. Isso ocorreu pela valorização da infância, as crianças passaram a ser vistas com as sementes do futuro; por tal motivo, deveriam ser bem cuidadas para crescerem fortes (BADINTER, 1985).

A maternidade se constitui em um pilar fundamental para a construção do feminino dentro das duas seções analisadas. A mulher deve ansiar pelo seu papel de genitora, deve almejar um casamento, porque é ele que lhe garantirá o ápice de sua realização. A maternidade é altamente defendida dentro do matrimônio, fora dele a mulher que é mãe solteira é criminalizada por seus atos, nesse caso, a maternidade é encarada de outra maneira. Há uma dualidade na seção *Da Mulher para a mulher*, na qual a maternidade é bem vista e quista no casamento, fora dele, é um erro imperdoável.

Para Elisabeth Badinter, “o amor materno não é inerente às mulheres. É adicional” (BADINTER, 1985, p. 367). Para a autora, ao analisar a história das atitudes maternas, percebe-se que o tão aclamado instinto materno invocado nas seções analisadas se constitui em um mito. Esse amor materno funciona como os demais sentimentos humanos, pode existir ou não, pode também desaparecer, pode ser frágil ou forte. Badinter revela que tudo é uma questão que depende da figura materna, de sua história e da História (BADINTER, 1985).

Existem textos dentro das seções que aconselham as mulheres a se prepararem para a maternidade, já que essa é inevitável depois do casamento. Textos sobre como educar seus filhos, o que deve ser uma boa mãe e como ela deve agir, as preocupações daquelas que interferem na ordem já estabelecida e têm filhos antes de casar. *Da Mulher para a mulher* incentiva as mulheres que não podem gerar filhos à adoção como uma forma também legítima de as mulheres exercerem a maternidade. Por último, há uma crítica severa àquelas mulheres que não veem, na maternidade, uma alternativa para a vida.

Fase de transição

Evidentemente, a vida da mulher muda de maneira muito sensível com a maternidade. Mesmo depois de casada, antes que venha o primeiro filho, seus encargos não serão tão pesados. (...) Uma vez que deixarão o emprego e passarão a viver para o lar, onde o marido lhes dará conforto, sem a necessidade de horários rígidos impostos pelos empregos em que trabalhavam anteriormente. (...) Depois com a primeira gravidez, o quadro muda subitamente. Começam as indisposições físicas, caracterizada sobretudo pelas náuseas. E quando o neném nasce a vida da mulher sofre transformação radical. As noções de responsabilidade impedem que ela passe as obrigações maternas a mãos mercenárias. (...) Muitas se revoltam, a isso só tem uma resposta: falta de amadurecimento. Mas se a mulher se recusar a cumprir as obrigações naturais do estado, essa não deve esperar um futuro feliz, não amadureceu.⁵⁰

Esse fragmento de uma crônica da seção *Da Mulher para a mulher* deixa em evidência a grande preocupação que a seção tinha com a questão da maternidade, buscando preparar as mulheres que iriam casar para as responsabilidades vindas com o casamento. Coloca a vida como um mar de rosas no início, depois iria se transformar em um lugar mais turbulento, conforme as responsabilidades sociais femininas fossem sendo exigidas. Mas, acima de tudo, a maternidade deveria ser exercida da melhor forma possível e com prazer, já que seria algo totalmente natural para a condição feminina.

Existe um apelo para que as mães não saiam de casa para trabalhar fora, que fiquem com seus filhos, que não os entreguem aos cuidados de outras pessoas. É da mãe essa tarefa de cuidar da sua prole, e de mais ninguém. Esse valor social atribuído a mulher como a cuidadora dos filhos é um fator de extrema importância para o comportamento materno. E isso faz com que haja cada vez mais uma dominação de um gênero sobre o outro, já que o pai fica fora de casa no trabalho remunerado, o qual dará o sustento à família, e a mãe fica em casa educando e preparando o novo ser para a vida. Nessa relação entre homem e mulher, pai e mãe, a criança vai desempenhar um papel muito importante (BADINTER, 1985).

O pequeno hóspede.

Passou o “elan” dos primeiros anos de casada e o futuro não se anuncia muito fácil. O marido está em começo de vida e ainda ganha muito

⁵⁰ O CRUZEIRO, Ano XXXII, número 23, 19 de março de 1960.

pouco. Talvez por isso está sempre irritado. E agora, com a chegada do neném?

Na nossa opinião, o pequeno e permanente hóspede que vai chegar, não vai contribuir para agravar os grandes problemas conjugais. Aumentará, sim, os problemas financeiros – mas estes não são evidentemente os de natureza capital. Ele virá criar para os jovens pais um novo e comum centro de interesses, uma sensação nova e profunda de que têm agora uma tarefa intransferível a cumprir, uma missão dignificante. Virá aproximá-los nos momentos de alegria e de tristeza em relação aquele pequeno ser por que são responsáveis. A criança despertará nos pais recursos espirituais ignorados. Será um poderoso estímulo para vencer as dificuldades financeiras, embora venha agravá-las a princípio.

(...) Quando o marido e a mulher têm noção de suas responsabilidades e casaram-se por amor, procurarão adaptar-se à nova vida fazendo pequenos sacrifícios. E quando o primeiro filho chega não é um espantinho, conforme supõe nossa leitora. É a contribuição da natureza – ou de Deus – para firmar os alicerces de um casamento feliz.⁵¹

Esse fragmento extraído da seção *Da mulher para a mulher* mostra a criança como um elo de fortalecimento em um relacionamento quase desfeito. Mesmo trazendo problemas financeiros, sua chegada inesperada, seu nascimento também trará benefícios para o casal. O filho, nesse caso, é visto como uma tarefa dignificante tanto para a mulher quanto para o homem. Os filhos no casamento são importantíssimos, pois eles formam a base para a estabilidade e continuação do relacionamento. Quando o casamento está prestes a ser desfeito, vem um filho para mudar tudo, como se a criança fosse a responsável pela felicidade dos pais. Para Badinter, essa elevação do *status* da criança é devida à ação de longo prazo que cria um indivíduo-adulto,

A procriação não teria sentido se a mãe não completasse sua obra assegurando, até o fim, a sobrevivência do feto e a transformação do embrião num indivíduo acabado. Essa convicção é corroborada pelo uso ambíguo do conceito de maternidade que remete ao mesmo tempo a um estado filosófico momentâneo, a gravidez, e a uma ação a longo prazo: a maternagem, só termina quando a mãe tivesse, finalmente, dado à luz um adulto (BADINTER, 1985, p. 20).

O casamento, como trabalhado anteriormente, era um meio importante para a mulher conseguir chegar à maternidade. Vista por *O Cruzeiro* como a vocação feminina, seu direito e dever social. O casamento, mesmo que fracassado, poderia levar à maternidade, que deveria ser o objetivo primordial de todas as mulheres casadas. O que Badinter escreve é que essa responsabilidade social de ter filhos

⁵¹ O CRUZEIRO, Ano XXXII, número 26, 9 de abril de 1960.

não termina ao dar à luz, ela se estende por toda a vida da criança até a fase adulta. A maternidade, assim como o casamento, para a seção *Da Mulher para a mulher*, é o trabalho feminino, ela não deve competir com o homem no mercado de trabalho por que ela já possui funções “naturais”, que devem ser exercidas.

Contudo, para a seção *Da mulher para a mulher*, a incapacidade de gerar os filhos, devido à infertilidade feminina ou masculina dos cônjuges, não se tornava um empecilho para que a mulher pudesse exercer a maternidade. A revista incentiva suas leitoras casadas que ainda não tiveram filhos a tê-los: para aquelas que não podem gerar uma criança, *Da Mulher para a mulher* recomenda a adoção como uma forma legítima de a mulher poder exercer seu papel social com a maternidade.

Filha adotiva

Recebemos essa semana uma consulta em relação à adoção de uma criança. Trata-se de uma senhora casada já à dez anos, que não teve filhos. Agora a empregada quer lhe dar-lhe a filhinha de um ano. Então ela nos pergunta – A criança deve saber que é filho adotivo? Quando?

É fora de dúvida que os pais devem fazer tudo para merecer a confiança ilimitada dos filhos. Partindo desse princípio, chega-se à conclusão de que nunca deve mentir-lhes ou criar-lhes uma situação falsa.

(...) Parece-nos essencial que, em qualquer circunstância, os pais adotivos procurem testemunhar à criança que estão satisfeitos com a escolha que fizeram. O amor dos pais é incondicional. Está sempre solidário com o filho. Em hipótese alguma deve ser feita qualquer acusação aos pais verdadeiros para que a criança não experimente um conflito afetivo.

Para alguém que deseje adotar uma criança o problema da adoção tem que ser encarado da seguinte forma: não se trata de receber uma criança; mas de dar-se a uma criança.⁵²

Para a seção *Da Mulher para a mulher*, a adoção é um meio viável para as mulheres casadas que não podem ter filhos biológicos exercerem a função materna. Porém, às mulheres que podem tê-los biologicamente, a opção da adoção não é mencionada em nenhum momento. A representação da adoção também vem carregada de preconceitos, primeiro é a mulher com mais condições financeiras que deseja adotar de outra mulher que exerce uma função de trabalhadora doméstica. Isso torna evidente que as duas não pertencem ao mesmo nível social, a mulher mais pobre abre mão de sua filha, mas não faz isso por falta de amor, mas talvez para dar possibilidades de a criança crescer em um ambiente melhor.

⁵² O CRUZEIRO, Ano XXXII, número 50, 24 de setembro de 1960.

Da Mulher para a mulher estimula os pais adotivos a ter uma relação de honestidade com a criança adotada, uma relação de confiança. Mesmo não sendo uma filha biológica, a revista deixa bem claro que a função dos pais permanece intacta, toda devoção e energia deve ser dada à criança. Nesse caso, a mãe, ainda que adotiva, deve renunciar a sua vida, pois essa não lhe pertence mais. Todas as suas atenções devem se voltar para a sublime maternidade. A revista tem o objetivo de instruir as mulheres para a vida doméstica, o casamento e a maternidade.

(...) O leitor é sempre, pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correta, a uma leitura autorizada (CHARTIER, 1990, p. 123).

A maternidade é tema central dentro da seção *Da Mulher para a mulher*, esse assunto é sempre recorrente, até mesmo, em textos que não abordam diretamente a questão da maternidade. Esta parece presente em alguma referência por algo ou algum acontecimento. Já, na seção *Elegância e Beleza*, a maternidade aparece, em algumas ocasiões, de maneira a instruir as mães sobre como devem educar adequadamente seus filhos e filhas.

A beleza futura de sua filhinha:

A menina cresce e à mãe cabe melhorar seu aspecto exterior. Uma criança vítima de negligência e de incompreensão dos pais será um adulto triste, cheio de complexos, que poderá encontrar no físico uma causa de insucesso e desequilíbrio psíquico. Por isso, todas as mães devem saber que as más formações são hoje tratadas e curadas. Vigie sua filhinha, proporcionando não só os meios de aumentar os atrativos que possui, mas também de eliminar os defeitos que a mãe natureza lhe deu. E não esqueça de que, na luta contra a natureza, a vitória depende da perseverança.⁵³

(...) Fazemos a todas as mães um lembrete: a beleza se constrói pouco a pouco, e se aprende um pouco cada dia, como as lições que compõem uma importante matéria. Oriente sua filhinha e ela, inconscientemente mas de um modo definitivo e interrupto, criará e conservará por toda a sua vida sua beleza.⁵⁴

⁵³ O CRUZEIRO, Ano XXXIII, número 52, 7 de outubro de 1961.

⁵⁴ O CRUZEIRO, Ano XXXIV, número 2, 21 de outubro de 1961.

Esses fragmentos extraídos da seção *Elegância e Beleza* revelam que a mulher mãe não deve só se vigiar, como foi trabalhado no capítulo desta dissertação, mas deve também vigiar suas filhas para que elas se tornem mais belas. Uma vigilância seguida de uma educação adequada para que a beleza seja algo desejável pela menina. A mãe é a responsável pela beleza física da filha, ou ela poderá se tornar uma adulta com problemas originados da negligência materna na infância e na adolescência.

Elegância e Beleza prega, em seus textos, sobre como as mães devem educar os seus filhos e filhas e sobre a constante vigilância. Essa é uma preocupação da seção, que as mães sejam vigilantes o tempo todo. “Muitas doenças de estômago, vêm da infância quando a criança não vigiada come depressa demais e tem o hábito de comer bebendo muito líquido.”⁵⁵ A mãe é a responsável por possíveis doenças nos filhos já adultos, doenças que podem ou não ter sido originadas na infância. A mulher deve ser aquela como *Da Mulher para a mulher* prega. A dona-de-casa, cabe a ela os encargos todos com os filhos, pois eles são responsabilidade dela, é o seu trabalho social entregar adultos sadios para a vida adulta, aos pais nada disso é exigido em nenhuma das duas seções.

(...) Não hesite, pois, em levar sua filhinha, ao dentista, se possível especializado, lembre-se que os resultados mais satisfatórios são obtidos durante o período em que a dentadura se forma (dos 4 ao 9 anos), logo somente dentro dessa idade, é possível obter modificações perfeitas. Os dentes mal plantados ou “saltados” são causa de toda a sorte de complexos de inferioridade para as jovens. Será melhor que sua filhinha suporte durante alguns meses um aparelho para corrigir essa anomalia, enquanto é ainda uma criança, do que venha sofrer humilhações mais tarde.⁵⁶

Esse texto extraído de *Elegância e Beleza* não é a resposta a uma mãe aflita cuja filha tem problemas dentários, é uma crônica da seção instruindo as mulheres mães a corrigir qualquer imperfeição das filhas. Como diz Goldenberg, *Elegância e Beleza* preconiza a “exigência de singularização dos sujeitos” (GOLDENBERG, 2002, p. 9). Há uma busca incessante para que todas as mães enquadrem suas filhas em moldes pré-estabelecidos de beleza, rostos perfeitos, com a pele cuidada, dando atenção às temidas acnes, dentes alinhados e o corpo em forma, físico magro

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ O CRUZEIRO, Ano XXXIV, número 1, 14 de outubro de 1961.

e saudável, para que a menina cresça sabendo como deve se portar e agir referentemente ao seu aspecto físico.

Elegância e Beleza se encarrega de instruir as mães na educação do corpo das suas filhas, enquanto *Da Mulher para a mulher* instrui as mães para cuidar da educação moral de suas filhas.

É normal e natural que toda a criança sinta curiosidade em relação aos fenômenos do sexo. E ninguém poderá instruí-la melhor a este respeito que sua própria mãe.(...) Parece-nos interessante que a criança tenha confiança e liberdade com sua mãe a ponto de buscá-la, de preferência a procurar uma colega ou amiga, para a explicação do que lhe parece um enigma. A mãe lhe ensinará tudo de modo claro, preciso e natural. Informações de outra fonte possivelmente virão revestidas de certa malícia, dando à criança uma impressão errada dos problemas de ordem sexual, impressão que talvez lhe deixe marcas indeléveis para o resto da vida.⁵⁷

Da Mulher para a mulher escreve que as mães devem falar sobre sexo com suas filhas, conforme as curiosidades sobre o tema aumentem. Cabe à mulher orientar outra mulher sobre sua sexualidade. Essa é uma tarefa feminina, a mãe deve inspirar confiança em sua filha para que ela não seja orientada sobre os assuntos sexuais por outras pessoas. Nesse texto, não está explicitada como devem ser abordados temas como a sexualidade, mas enaltece-se a responsabilidade que as mães devem ter em relação a esses assuntos sexuais. A revista preza pelo esclarecimento das meninas em relação ao seu corpo, mas, ao mesmo tempo, limita à mãe a responsabilidade dessa educação, sendo a mãe uma mulher que transmitirá valores do que é correto para a filha. “A maternidade torna-se um papel gratificante, pois está agora impregnada de ideal. O modo como se fala dessa “nobre função” (BADINTER, 1985, p. 223).

Educar uma filha não nos parece tarefa das mais fáceis. É, porém, muito expressiva; e tão interessante que, por si mesma, é capaz de justificar uma vida.

Em primeiro lugar, é preciso conquistar a confiança da mocinha, procurar ser sua amiga, fazer com que ela lhe traga todos os seus desabafos – e não se mostrar chocada com eles, ainda que deem motivo para chorar. Neste caso, ajudá-la a remover o que for inconveniente, dando-lhe a impressão de que ela fez aquilo sozinha e por si mesma. Esclarecer-lhe todas as dúvidas. Ah, esse capítulo é dos mais difíceis. Mas nem por isso deve ser evitado. Faz parte da vida e é preciso ser encarado com realidade. “Agora é muito cedo, vamos deixar isso para depois” – não concordamos com essa

⁵⁷ O CRUZEIRO. Ano XXXIV, numero 13. 6 de janeiro de 1962.

política. Esse depois não chegará nunca porque a menina irá buscar informações noutra fonte. E ninguém a daria com mais zelo que a própria mãe.

É preciso dar o devido valor e importância à mocinha.

(...) Estão na juventude, os melhores anos da nossa vida.

O que é essencial, isto sim, é que a mãe se ocupe da filha. Que procure compreendê-la, que fiscalize suas amizades, que a acompanhe. Mas, que lhe dê uma juventude tanto quanto possível alegre.⁵⁸

Mais uma vez, o papel da mãe na educação da filha é ressaltado pela seção *Da Mulher para a mulher*. A mulher deve exercer a maternidade e, a partir daí, ter sua identidade como pessoa assegurada no caráter de mãe, devendo dedicar a sua vida a essa função dignificante para o feminino. Isso, porque é sua responsabilidade única o sucesso ou fracasso do ser humano que está sob sua tutela. As crônicas dedicadas às mães não falavam dos filhos meninos, e sim da vigilância sobre as meninas. Elas é que mereciam maior atenção de suas mães. A mãe não está limitada aos cuidados físicos dos filhos, porém ela deve assegurar a educação dessas crianças, sendo uma parte de grande relevância para a formação intelectual do futuro adulto.

A mulher mãe deve estar sempre atenta a sua filha e às companhias dela, para que ela não seja mal influenciada pelo comportamento de estranhos. Em primeiro lugar, a mãe deve ser uma amiga da filha para poder orientar sem parecer controladora, exercendo uma conversa de igual para igual. Mas o que ganha destaques, nessas crônicas de *Elegância e Beleza* e *Da Mulher para mulher*, é a importância gigantesca que a mãe tem em relação ao filho, diferente do pai, que, poucas e raras vezes, é citado em alguma crônica. A figura materna é elevada ao alto postulado, a mulher casada é mãe, é a mulher correta, socialmente perfeita, desempenha seu papel julgado como feminino de maneira exemplar. A vida dessa mulher é justificada com a maternidade.

A educação tem um sentido mais amplo que a educação. É antes de tudo transmissão de valores morais, enquanto a instrução visa à formação intelectual. (...) Decididamente, nenhuma outra pessoa que a mãe pode pretender ao título de educadora, conceito feminino por excelência. É o “instinto materno”, por outros chamado de “gênio materno”, que guia infalivelmente as mulheres em sua tarefa de educadora (BADINTER, 1985, p. 256-257).

⁵⁸ O CRUZEIRO, Ano XXXV, número 21, 2 de março de 1963.

Nesse sentido é construída em *O Cruzeiro* uma representação feminina perante a maternidade: o que é aceitável em ser uma boa mãe e o que é julgado errado. A revista explora esse “instinto materno”, para justificar a bondade inerente ao feminino em relação aos filhos. Toda mãe deve ser boa, porque é da natureza feminina amar os seus filhos, protegê-los e colocar o bem-estar deles acima do seu. Essa é uma tarefa que cabe à mulher desempenhar na ótica de *O Cruzeiro*, também sendo representados, na seção *Da Mulher para a mulher*, perfis errados de maternidade. Entre eles, está o caso da mãe solteira, o que é fortemente rebatido pelo periódico.

Mãe Solteira

“Sei que a senhora tem possibilidade de conseguir a preferência desse apartamento para mim. Peço-lhe por tudo que é mais sagrado que se interesse em meu favor.” Foi assim, com essas palavras mais ou menos dramáticas e num tom de voz não menos persuasivo, que aquela jovem nos falou, um dia. Havia um tom de súplica em seus olhos, que nos parecem marejados de lágrimas. Por que haveria aquela moça solteira de sentir tamanho interesse por um apartamento ínfimo, sem o menor conforto, que há meses estava para alugar, sem ninguém que particularmente se interessasse por ele?

Meses depois ela passava por nós e fazia que não nos conhecia. Era solteira e estava para ter nenê. E algum tempo mais tarde nós a vimos numa manhã chuvosa, numa fila de leite, com uma criancinha nos braços.

Depois soubemos sua história. Havia se deixado enganar por um homem casado. Quando descobriu que esperava criança e não pôde mais esconder o fato dos pais, passou pelo dissabor de ser expulsa de casa. O pai não queria mais ver a filha. Em desespero ela correu ao sedutor. Foi ele que lhe garantiu um apartamento. Mas, pagou apenas os primeiros alugueis. Com o desenvolvimento da gravidez ela perdeu o emprego. Agora, com a criança nascida em uma maternidade-escola, abandonada pela família e por ele, estava sendo despejada pelo proprietário do apartamento.

Que fim aguardava aquela jovem de vinte anos, tão bonita e descrente da vida?

A moça que erra vive a vergonha de seu erro. Mas, sofre ainda mais porque todo o seu futuro fica ameaçado com o abandono da família.⁵⁹

A maternidade é o grau mais edificante para uma mulher casada, mas, para uma mulher solteira, representa a desgraça total de seu ser. É assim que *Da Mulher para a mulher* reproduz os problemas da maternidade fora dos parâmetros pré-estabelecidos. Segundo a revista, mulher que comete tal ato é uma transgressora das normas impostas e deve sofrer por sua atitude leviana e impensada. A

⁵⁹ O CRUZEIRO, Ano XXXIV, número 22, 10 de março de 1962.

maternidade deve ser exercida no seio da união conjugal, fora disso deve ser combatida ferozmente.

A crônica da seção não faz referência a nenhuma possível correspondência, é mais um texto didático contando uma “historinha” triste e lamentável para alertar as moças desse perigo que é ser mãe solteira. Começa pelo abandono da família, que não aceitará uma filha solteira com um filho, passando depois pelo abandono do parceiro e pai da criança. E, por fim, a desolação total dessa jovem mulher abandonada com um filho para criar sozinha, vendo seu futuro promissor ser destruído por um passo mal dado.

Ao homem, o pai da criança não é feita nenhuma crítica, mesmo a seção dizendo que se tratava de um homem casado, ou seja, um adúltero. A ele não é atribuída nenhuma responsabilidade com a criança que está por vir. Não é criticado seu comportamento de abandono e a traição que cometeu, tendo um caso fora do casamento. A esse homem nenhum encargo moral e social é cobrado, e ele seguirá com sua vida como se nada tivesse acontecido.

Dessa forma, a maternidade deve ser o desejo de toda mulher, mas ela só deve ser exercida dentro do casamento. Essa crônica serve de aviso às mulheres que passam dos limites no namoro, ou seja, que fazem sexo antes do casamento, e para aquelas que se envolvem com homens comprometidos. É um alerta dos perigos e desgraças de uma gravidez fora do casamento, a mulher é jogada à própria sorte.

A gravidez fora do casamento é colocada sempre como algo indesejável, mas que, a partir da fecundação, deve ser assumida com todas as suas consequências e responsabilidades. A mulher é quem deve ser responsabilizada por tudo, porque ela se entregou a um homem comprometido, o qual ela já sabia que não iria assumir nenhum compromisso com ela. Então, a jovem se deixou seduzir e se levar por seus instintos sexuais. Não é mencionado o uso de métodos contraceptivos para evitar a gravidez indesejada, nem o abandono da criança por parte da mulher, para que essa reconstrua sua vida sem o peso da maternidade. A mulher deve sofrer pelo seu erro, deve arcar socialmente com as responsabilidades de ter um filho, enquanto ao homem nada disso é cobrado.

Outro problema que afligia *Da Mulher para a mulher* no quesito maternidade, além das mães solteiras, eram as mulheres casadas que não desejavam estar casadas e, muito menos, ter filhos. A seção é extremamente crítica com essas mulheres que discutiam seu papel – papel que a revista *O Cruzeiro* colocava como feminino. As mulheres que contestavam seu lugar de dona-de-casa, esposa e mãe. A essas mulheres, além de reforçar, em todos os textos, o lugar de submissão do feminino ao masculino, eram algumas vezes severamente criticadas. Em uma resposta a uma carta de uma possível leitora, a seção faz a crítica às mulheres que não desejavam desempenhar as funções referentes ao lar e aos cuidados com os filhos.

PARA MARIANA.⁶⁰ ... “você Mariana, afirma categoricamente que, muito embora possuindo um marido “atencioso”, uma casa com todo o conforto, e dois filhos lindos, mesmo assim ainda se sente infeliz? Não, não, Mariana. Felicidade não é bem isso, não é o que você está pensando; a felicidade consiste unicamente em uma coisa muito superior e mais fácil para se conseguir do que viagens pelo mundo a conhecer montanhas de neve. Muita gente viaja para onde quer e nem por isso se considera realmente feliz. Sabe por que Mariana? Não tem toda essa gente o que eu, você e outras temos: um lar, esposo e dois filhos lindos... Você não está muito certa quando se revolta com as panelas, e principalmente, com as fraldas. Na verdade, você se revolta é com o seu sexo. Uma mulher que chega ao auge de se considerar infeliz possuindo filhos, um lar que ela mesmo diz não haver motivos para reclamações, uma mulher que chega ao cúmulo de mal dizer as panelas e as fraldinhas dos inocentes de sua própria carne, NÃO DEVERIA TER NASCIDO MULHER. Renegar a obra de Deus, além de afronta, é um crime contra todos os princípios fundamentais da religião cristã. Infeliz seria você, Mariana, se lhe fosse negada a virtude de ser mãe, e por isso seu marido se revoltasse contra você. Se o seu lar fosse cheio de lágrimas, mentiras, ódios, aí eu admitiria sua revolta – ainda assim sob certos ângulos. Mas sendo você possuidora de tudo o que se deseja e ainda assim considerar-se infeliz ... é pena, mas NEM O PRÓPRIO PARAÍSO DOS CÉUS CONSEGUIRIA FAZÊ-LA FELIZ – pois não existe lugar para a felicidade num coração egoísta.⁶¹

Essa suposta resposta a uma pergunta de alguma leitora, mesmo sendo dirigida como se fosse exclusiva para a leitora que escreveu não o é. Essa resposta é dirigida a todas as mulheres que contestam seu papel exclusivo de mãe e dona-de-casa. Essa resposta é para todas as mulheres que não aceitam as regras pré-estabelecidas do casamento nos moldes de *Da Mulher para a mulher*. Esse trecho da seção expressa perfeitamente o pensamento que a seção tem ao longo de sua

⁶⁰ Todos os grifos foram feitos pela seção *Da Mulher para a mulher*.

⁶¹ O CRUZEIRO, Ano XXXV, número 41, 20 de julho de 1963.

existência, a mulher cabe aceitar a parte que lhe sobra para o bom desenvolvimento social e se dar por feliz e satisfeita com isso.

Definir a dominação imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação, que é uma relação histórica e culturalmente construída é afirmada como uma diferença de natureza, irreduzível, universal. O essencial não é, portanto, pôr termo a termo uma definição biológica e uma definição histórica da oposição masculino/feminino, mas, antes, identificar os discursos que enunciam e representam como “natural” (portanto biológica) a divisão social (portanto, histórica) dos papéis e das funções (CHARTIER, 2002, p. 96).

Assim como a própria seção diz, aquela mulher que tiver tudo que uma mulher deve desejar, ou seja, casamento, filhos e uma família “feliz” e, mesmo assim, contestar seu papel social desempenhado, não deveria ter nascido mulher. Essa mulher discute seu papel e suas responsabilidades de anular a sua vida em prol de um marido e de filhos, essa mulher é uma transgressora e, por tal motivo, deve ser punida.

Se a mulher se revolta com as panelas e com as fraldas, ela se revolta com sua condição de mulher, é isso que *Da Mulher para a mulher* está afirmando. Como uma mulher vai se revoltar contra isso, pois, se o casamento e os filhos são o auge da realização feminina? E a essa mulher compete aceitar a sua vida e não ser egoísta, parar de pensar em seus sonhos e desejos não realizados e pensar mais em sua família, abdicar de sua felicidade em prol da dos outros, e tentar ser feliz dessa maneira. Isso porque, caso contrário, se ela desfizer o casamento e abandonar os filhos para viver os seus sonhos, ela não encontrará a felicidade, porque, como a própria seção afirma não existe felicidade para um coração egoísta. Então, essa mulher que não aceita sua condição está fadada ao insucesso.

Segundo a revista, essa mulher egoísta não ama o suficiente a sua família e seus filhos, quando fala mal das “fraldinhas dos inocentes”. Badinter escreve sobre esse perfil de mulher mãe existente:

Ela ama um pouco o filho, mas não a ponto de se sacrificar por ele. Ocupa-se dele quando apraz e não segundo as necessidades reais da criança. Em relação às novas normas, sua dignidade repousa menos em sua severidade do que em sua incapacidade educativa. Essa mulher, que não merece o apodo de madrasta, será indiferente, designada como a “egoísta”, a “descuidada” ou a “negligente” (BADINTER, 1985, p. 277).

A seção *Da Mulher para a mulher* encampa valores do que é uma mulher correta socialmente, aquela que assume o seu lugar, dentro de casa, no cuidado da família. A mulher ideal é aquela que deseja o casamento, que deseja a maternidade, que acata a autoridade masculina. *Da Mulher para a mulher* tenta em uma sociedade em transformação social, cristalizar o papel da mulher, sustentado, em seus textos, que a mulher é diferente do homem, que ela é sentimental, e ele é racional; por essa razão, é plausível que ele tenha mais autoridade que ela.

E as mulheres não devem discutir socialmente seu papel de segunda classe, pois elas fazem parte do todo para que a sociedade siga no rumo certo. A elas competem a casa, o casamento e os filhos. Para aquelas que contestam essa posição, a revista reserva grande desaprovação. A essas mulheres não cabe a felicidade. *Da Mulher para a mulher* define papéis, segrega lugares e define padrões do que é aceitável e correto. A visão da mãe, à luz em cena, é muito importante, uma vez que é ela quem deve cuidar dos filhos, ela é mais importante do que o pai. Ao mesmo tempo em que são cobrados dela as responsabilidades com a vida da criança e com a necessidade de ter filhos, ela é colocada em um lugar de maior destaque que o homem, como diz Badinter:

É em função das necessidades e dos valores dominantes de uma dada sociedade que se determina os papéis respectivos do pai, da mãe e do filho. Quando o farol ideológico ilumina apenas o homem-pai e lhe dá todos os poderes, a mãe passa à sombra e sua condição se assemelha à da criança. Inversamente, quando a sociedade se interessa pela criança, por sua sobrevivência e educação, o foco é apontado para a mãe, que se torna a personagem essencial, em detrimento do pai. Em um outro caso, seu comportamento se modifica em relação ao filho e o esposo. Segundo a sociedade valorize ou deprecie a maternidade, a mulher será, em maior ou menor medida, uma boa mãe (BADINTER, 1985, p. 26).

As seções *Da Mulher para a mulher* e *Elegância e Beleza* cristalizam padrões de feminilidade que devem ser copiados por todas as mulheres, montando, dessa maneira uma mulher ideal, magra, jovem, bonita. Tudo isso, para um fim: o amor, o casamento e a maternidade. Esses são os requisitos básicos de uma boa mulher vista pela ótica dessas duas seções. Para Badinter, as mulheres “boas” aceitaram sua condição de mãe alegremente, mesmo que isso fosse um fardo. Porém, as outras que não queriam o fardo da gravidez e da maternidade eram tidas como um mau exemplo.

A razão é simples: tomara-se o cuidado de definir a “natureza feminina” de tal modo que ela implicasse todas as características da boa mãe. Assim fazem Rousseau e Freud, que elaboram ambos uma imagem da mulher singularmente semelhante, com 150 anos a separá-los: sublinham o senso da dedicação e do sacrifício que caracterizava, segundo eles, a mulher “normal”. Fechadas nesse esquema por vozes tão autorizadas, como podiam as mulheres escapar ao que se convencionara chamar de sua “natureza”? Ou tentavam imitar o melhor possível o modelo imposto, reforçando com isso sua autoridade, ou tentavam distanciar-se dele, e tinham de pagar caro por isso. Acusada de egoísmo, de maldade, e até desequilíbrio, aquela que desafiava a ideologia dominante só restava assumir, mais ou menos bem, sua “anormalidade”. Ora, a anormalidade, como toda a diferença, é difícil de se viver. As mulheres submeteram-se, portanto silenciosamente, algumas tranquilas, outras frustradas e infelizes (BADINTER, 1985, p. 238-239).

Conclusão

Ao longo desta dissertação de mestrado, foi trabalhada a representação feminina dentro da revista *O Cruzeiro*, um periódico que, em sua época, revolucionou o modelo de imprensa e de revistas. Nesta dissertação, foram analisadas as seções *Elegância e Beleza* e *Da Mulher para a mulher*, duas seções que se caracterizavam por serem escritas para o público feminino. Duas seções que representavam as mulheres para as mulheres leitoras, instruindo-as sobre como deveria ser o corpo, a aparência física, a personalidade e o comportamento feminino socialmente aceito.

As duas seções cristalizavam um comportamento feminino. Os textos aliados às imagens procuravam introduzir e orientar o comportamento desejável para as mulheres, suas leitoras. A seção *Elegância e Beleza* buscava, por meio de crônicas que eram manuais de boa conduta, o que as mulheres solteiras, casadas, jovens e velhas deveriam ser ou tentar ser. A beleza e jovialidade feminina eram uma constante representação de como a mulher deveria ser. Mesmo não sendo mais jovem, deveria buscar a jovialidade a todo o custo, deveria travar um combate agressivo contra o tempo.

Essa seção abriu espaço para os produtos de beleza, não foi divulgadora de nenhuma marca específica, mas também não precisava o ser. Muitas vezes, as crônicas falavam dos cuidados com a pele que toda a mulher deveria ter, ainda jovem, para prevenir as temidas rugas e os terríveis “pés de galinha”, ditando manuais de como manusear os cremes cosméticos. E, logo abaixo da seção, havia a publicidade de um determinado produto de embelezamento que, em alguns casos,

seguia o manual descrito por *Elegância e Beleza* de como aplicar devidamente os produtos na pele, para se obter o resultado prometido e desejado.

Já a preocupação com a beleza transpassa o cuidado em se manter jovem, a mulher se torna agora – com a indústria cosmética – a principal responsável por seu envelhecimento. Porque, com tantos recursos sendo anunciados no mercado na década de 1960, com a dermatologia aderindo ao cenário cosmético, somente à mulher cabe a responsabilidade por envelhecer. Assim, coloca-se um fardo cada vez maior sobre os ombros femininos, com mais recursos de beleza *O Cruzeiro* pressiona as mulheres a se responsabilizarem por ter uma aparência jovial o maior tempo que conseguirem. A velhice não aparece nas páginas da seção, há uma negação em representar a mulher velha, fala-se em mulheres maduras, mas nunca em velhas, e para essas mulheres maduras, sempre há a possibilidade de parecerem mais jovens do que realmente são.

Outra preocupação que *Elegância e Beleza* apresenta são os cuidados com o corpo, com a magreza. A mulher deve ser magra, pois, só assim, será bela e desejável. A gordura feminina era combatida pela seção, indicações de regimes eram amplamente difundidas com um dos pontos altos da seção: os exercícios físicos, para todas as mulheres conseguirem obter o corpo perfeito e desejável. A seção *Elegância e Beleza* era escrita para as mulheres e tinha a imagem de mulheres sempre jovens, belas e magras, o que era uma representação de como as mulheres leitoras deveriam ser. E, também, eram imagens para o público masculino, pois a mulher é representada de maneira sensual e desejável.

Essa seção reforçava a ideia de que todas as mulheres deveriam ser magras, porque a magreza representava beleza. E o objetivo das mulheres, as leitoras da seção *Elegância e Beleza*, deveria ser a busca da beleza a todo o custo, já que as mulheres deveriam ser belas, a fim de conseguir conquistar um marido, ou ser cada vez mais belas para manter o marido que têm.

A segunda seção analisada nesta dissertação de mestrado foi *Da Mulher para a mulher*. Essa seção abordava temas diferentes de *Elegância e Beleza*, *Da Mulher para a mulher* funcionava como um suposto correio sentimental, no qual mulheres e homens escreviam para a seção relatando seus problemas emocionais e afetivos, buscando conselhos de uma suposta amiga conhecida por Maria Tereza. Contudo, a

seção funcionava como uma reguladora da vida feminina. Era ditado, assim como na primeira seção analisada, como as mulheres precisariam ser e agir em sociedade. Ressaltava um papel estereotipado e machista de que a mulher é inferior ao homem.

Para representar a mulher em um lugar de submissão perante o homem, a seção abordava temas referentes à vida sexual, afetiva e privada das mulheres. Um dos temas que apareciam com frequência era a questão da feminilidade, como essa “ser” deveria ser exercida. A mulher, segundo a seção *Da Mulher para a mulher*, possui feminilidade e deve saber exercer essa corretamente.

Essa dita feminilidade, como exposto no segundo capítulo, permeia os textos dessa seção, sendo essa palavra muito usada para aplicar às mulheres regras de comportamento de como deveriam porta-se em sociedade, para que sua feminilidade pudesse ser exercida de forma adequada. A feminilidade deveria ser usada na arte da conquista, uma mulher deveria ser feminina, a fim de conseguir atrair o olhar do homem desejado.

Porém, essa mesma feminilidade que atrai não pode ser usada na conquista, pois a mulher, conforme *Da Mulher para a mulher*, deve ser passiva em relação ao masculino, compete a ele a conquista. As regras comportamentais vão instruir a mulher sobre como agir, como seduzir sem que o homem note que está sendo seduzido. Nessa trama que envolve a figura feminina, a docilidade é uma característica que *Da Mulher para a mulher* destaca, visto que homens não gostam de mulheres autoritárias e, para aqueles que gostam, será um relacionamento que não terá sucesso, se a mulher for o agente ativo na relação. A docilidade feminina é importante para a manutenção das relações de dominância do homem sobre a mulher.

A mulher deve ser dócil, equilibrada, gostar de exercer os papéis de dona-de-casa, esposa e mãe. Aceitar que o homem é mais e melhor do que ela, não se sentindo injustiçada ou inferior por isso. Esse é o tipo de mulher perfeita que era propagado nas páginas de *Da Mulher para a mulher*. Esse tipo de mulher era o correto representado pela revista *O Cruzeiro*, as demais, que não se enquadravam nisso, eram altamente criticadas.

Outro tema que está indo e vindo às páginas dessa seção é o amor, esse enaltecido como algo divino e importante principalmente, para as mulheres, já que essas são seres muito sentimentais. Existem dois tipos de amor representados por *Da Mulher para a mulher*, o amor materno, que deve ser incondicional, e o amor entre mulher e homem, esse é permeado por regras de como ser exercido. A mulher deve amar quando solteira um homem descomprometido, porque o amor deve levar ao casamento, outra forma é rebatida com fervor. Depois do casamento, a mulher deve amar somente o homem que é seu marido, pois a paixão fora do casamento, para a mulher, significa a ruína da família.

A sexualidade é um tema que aparece na seção *Da Mulher para a mulher*, mas uma sexualidade aliada a um fim, o casamento e a maternidade. A sexualidade feminina ainda é cercada de pudores dentro da revista *O Cruzeiro*. A seção não nega à mulher o desejo sexual, mas o limita e o restringe. Enquanto os homens são seres extremamente sexuais, as mulheres são limitadas a desejar sexualmente o homem amado. Desse modo, a sexualidade feminina é trabalhada como peça importante para a manutenção do casamento e dos filhos.

A seção representa a mulher como um ser sentimental. Com isso, ela só sentirá atração física e desejo pelo homem para o qual ela nutre o seu amor. O desejo sexual da mulher está sempre vinculado ao sentimento do amor, não sendo considerada nenhuma sexualidade feminina fora desses parâmetros. O amor, assim, torna-se algo muito importante para as mulheres, pois é esse sentimento que permitirá que elas casem e, conseqüentemente, consigam ter uma vida sexual ativa, uma vez que a sexualidade fora do casamento, para as mulheres, é inexistente. Aquelas que, por algum motivo, não casaram deveriam aceitar a sua vida de celibato, pois o sexo, para as mulheres, só é aceitável e permitido dentro dos moldes do matrimônio.

O último tema analisado nesta dissertação foi a questão da maternidade, como um fechamento de um ciclo da vida da mulher, como o pilar mais alto da realização feminina. Depois de sofrer e viver vários calvários, como a busca da perfeição e da beleza física, a obediência ao homem, submissão frente ao sexo que a revista dizia ser dominante. A mulher teve de aprender a seduzir sem parecer que estava seduzindo, aprender a amar e a despertar o amor no outro, a ser

resguardada a impelir seus desejos sexuais, para que fosse digna do casamento e do amor masculino, para que, com isso, concretizasse um sonho de realização: o sagrado casamento. Só depois de passar por todas essas etapas, a mulher conseguiria realizar seu maior triunfo sob a ótica de *O Cruzeiro*, ou seja, ela conseguiria ser mãe, com todos os encargos e prazeres que essa dádiva poderia lhe dar. Portanto, no decorrer desta dissertação, tentei evidenciar de que maneira essas duas seções *Elegância e Beleza* e *Da Mulher para a mulher* construíam e moldavam um tipo certo de mulher a ser copiada pelas leitoras de *O Cruzeiro*, transpassando e abraçando grande parte dos aspectos da vida, os quais a revista julgava importante serem trabalhados. Guiava, desse modo, a mulher brasileira desde a infância – com os conselhos para as mães, a adolescência e vida adulta, moldando seu comportamento frente à sociedade, subjugando-a e colocando-a uma posição de submissão frente ao homem.

As duas seções ensinavam, aconselhavam e indicavam condutas de comportamento, cumprindo, dessa forma, uma função pedagógica que poderia influenciar no processo de constituição do indivíduo, na maneira como as mulheres que liam e seguiam os conselhos de *Elegância e Beleza* e *Da Mulher para a mulher* se percebiam e se relacionavam com o mundo a sua volta, por muitas vezes, bem diferente do pintado por *O Cruzeiro*. Nesse contexto, *O Cruzeiro*, nas seções de *Elegância e Beleza* e *Da Mulher para a mulher*, incorporava ao cotidiano de suas leitoras modos de ser, de agir e de viver, nos quais alguns grupos têm o poder de representar e dizer, pelo outro o que é certo e o que é errado. Essas duas seções expressavam regras e criavam verdades do que era belo, e do que era feio, do que era certo de uma mulher fazer e do que era errado, e do que cabia ao comportamento masculino e não ao feminino. Com isso, criavam-se processos de significação que posicionavam, de modos diferenciados, mulheres e homens na ordem social, enaltecendo a diferença entre eles e segregando as mulheres, por muitas vezes, de qualquer vida ou forma de vida fora dos parâmetros ditados pelas seções.

Referências:

- ALBUQUERQUE, Durval Muniz Junior. **História, A arte de inventar o passado**. Bauru, São Paulo. Edusc, 2007.
- ANDRADA, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino – algumas representações no Brasil do século XX. **Movimento**, Porto Alegre. Vol.9, n.1, p. 119-143, 2003.
- BABO, Thays. JABLONSKI, Bernardo. Folheando o amor contemporâneo nas revistas femininas e masculinas. **Alceu**, v. 2, número 4, p. 36-53, 2002.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BATISTA, Nadezhda Bezerra. Rugas e pneuzinhos, que mal tem? O discurso da beleza fora dos padrões na publicidade. **Ciberlegenda**, v. 10, número 20, p.01-13, 2008.
- BENHABIB, Seyla. CORNELL, Drucilla. **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1987.
- BITTONI, Dulcília Schroeder. Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.
- BURDIER, Pierre. CHARTIER, Roger. **O Sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte. Autêntica, 2011.
- BRANDÃO, Elaine Reis. HEILBORN, Maria Luiza. Introdução: Ciências sociais e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade: O olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p.7-17.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**. Dourados, v. 13; número 24, 2011.

COELHO, Carolina Marra S. Gênero: Teoria e Política. **Dimensões**, v.23, p. 13-27, 2009.

COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: Dinâmicas de uma intervenção política. **Gênero**, Niterói; v. 5, número 2, p 09-35, 2005.

COSTA, Helouise. **Aprenda a ver as coisas – Fotojornalismo e Modernidade na revista O Cruzeiro**. 1992. (Dissertação em Mestrado em Artes) da ECA, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, p.90.

CRESCÊNCIO, Cintia Lima. **Revista Veja: As páginas amarelas divulgando e questionando os feminismos durante a ditadura militar brasileira (1968- 1984)**. X Encontro Estadual de História. Santa Maria, p.01-18, 2010.

CUNHA, Jorge Luiz. Et al. **Cartas de Homens: O Discurso sobre a Masculinidade na seção “Da Mulher para a Mulher” na década de 50**. In: VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisa, 2009, Campinas. Anais. Campinas: FE/UNICAMP, p.01-12, 2009.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In:____. **Fontes Históricas**. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). São Paulo: Contexto, 2010. p. 111-153.

DE LUCA. Tania Regina. Imprensa feminina, Mulheres em revista. In:____. **Nova História das Mulheres no Brasil**. (Orgs) PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. São Paulo, Contexto, 2012. p. 447-468.

DEL PRIORY, Mari. **História do amor no Brasil**. São Paulo. Contexto, 2006.

DUBY, Georges. PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

FARIAS, Patrícia. Corpo e classificação de cor numa praia carioca. In: GOLDENBERG, Miriam (org.). **Nu e Vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.263-302.

FERREIRA, Juliana Tais. “Espelho das mães”. A representação feminina na publicidade destinada à infância nas páginas da revista O Cruzeiro: 1930-1960. **Fazendo Gênero**, p. 01-06, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura. **Cadernos Cedex**. Campinas, v 25, número 65, p 43-58, 2005.

FRANCISCHETT, Leandra. **Representações das mulheres na revista O Cruzeiro através das fotografias do período de 1956 a 1960**. 2007., Mestrado em História Social. Universidade Federal Fluminense/Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná. Niterói, p.180, 2007.

GARRETAS, Maria Milagros Rivera. **Nombrar el mundo em feminino**: Pensamiento de las mujeres y teoria feminista. Barcelona: Icaria, 2003.

GARRINI, Selma Peleias, Do corpo Desmedido ao corpo Ultramedido. Reflexões sobre o corpo feminino e suas significações na mídia impressa. **V Congresso Nacional de História da Mídia**. São Paulo, p.01-12, 2007.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUAZZELI, Cesar Augusto Barcellos et al. **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

GOLDENBERG, Miriam. Apresentação. In: GOLDENBERG, Miriam (org.). **Nu e Vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.7-17.

GOLDENBERG, Mirian. RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: O corpo como valor. In: GOLDENBERG, Miriam (org.). **Nu e Vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.19-40.

HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade: O olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p.40-58.

HOFF, Tânia Maria Cesar. “O corpo imaginado na publicidade”. In; **Cadernos de pesquisa** , ESPM. São Paulo: v.1,número 1, p 09-64, 2005.

LÁZARO, André. **Amor: do mito ao mercado**. Petrópolis : Vozes, 1996.

LHOMOND, Brigitte. Sexualidade e juventude na França. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade: O olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p.77-95.

LOYOLA, Maria Andréa. A sexualidade como objeto de estudos das ciências humanas. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade: O olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p.31-31.

MALERBA, Jurandir. Teoria da história e historiografia. In:____. **A História Escrita: teoria e história da historiografia**. (orgs), MALERBA, Jurandir. São Paulo: Contexto, 2006. p. 11-26.

MAUAD, Ana Maria. **Sob o signo da imagem**: A produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. 1990. (Tese de doutorado) – UFF, Niterói.

MAUAD, Ana Maria. Uma disputa, uma perda e uma vitória: fotografia e a produção do acontecimento histórico na imprensa ilustrada dos anos 1950. In:____. **Comunicação e História**: interfaces e novas abordagens. HERSCHMANN Goulart, Ana Paula (Org). Rio de Janeiro, p.159-189, 2008.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, de Brum Marcos Felipe. História e Fotografia. In:____. **Novos Domínios da História**. (Orgs), CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Rio de Janeiro: Elsevier, p.263-281, 2012.

MARTINS, Ana Luiza. DE LUCA, Tania Regina (orgs). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo. Contexto, 2011.

MENDES, Lilian Marta. Questões de gênero no mundo capitalista: a mulher desejada nas páginas da revista O Cruzeiro. **EDUCamazônia**, , v. 8, número 5, p.136-149, 2012.

NECKEL, Roselaine. A “sexualidade” e a “vida a dois” nas revistas femininas e masculinas nos anos de 1970. Caderno Espaço Feminino. Volume 17, número 1, p.317-333, 2007.

NETO, Accioly. **O império do papel** – os bastidores de O Cruzeiro. Porto Alegre: Sulina, 1998.

NEVES, Ana Sofia Antunes. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”. **Estudos Feministas**, Florianópolis; v. 15, número 3, p. 609-627, 2007.

NEVES, Lúcia Maria Bastos P. MOREL, Marco. FERREIRA, Tania Maria Bessone da C (orgs). **História E Imprensa: Representações Culturais e Práticas de Poder**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NOGUEIRA, Joaquim Luiz. **A construção do corpo feminino na revista O Cruzeiro**. 2008. (Mestrado em Comunicação e Semiótica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p.141.

NOLASCO, Socrates. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica á análise de gênero. IN: **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.

PALACIOS, Annamaria da Rocha Jabotá. As múltiplas idades e os múltiplos usos: cultura, consumo e segmentação de público em anúncios publicitários impressos de cosméticos femininos. Trabalho apresentado no **II ENECULT**. Salvador, p.01-10, 2006.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v.24, N.1, P.77-98, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi. Revistas Femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). **Cadernos PAGU: IFCH/UNICAMP**, n 1, p.11-147, 1993.

PINSKY, Carla Bassanezi. URSINI, Leslye Bombonato. O Cruzeiro e as Garotas. In.: **Cadernos PAGU: IFCH/UNICAMP**, n 4, p.243-260, 1995.

POSSAS, Lídia Vianna. Vozes femininas nas correspondências de Plínio Salgado. In: GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si e escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

PRETTO, Zuleica; MAHEIRIE, Kátia; TONELI, Maria Juracy. Um olhar sobre o amor no ocidente. **Psicologia em Estudos**, Maringá; v. 14; número 2, p. 395-403, 2009.

REICH, Wilhelm. **A revolução sexual**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIBEIRO, Diva Conceição. **Retorica e propaganda: o feminino na revista O Cruzeiro 1928- 1960**. 2009. (Doutorado em língua portuguesa). Pontifícia universidade católica de são Paulo. São Paulo 2009.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Corpo e beleza, "Sempre bela". In: ____. **Nova História das Mulheres no Brasil**. (Orgs) PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. São Paulo, Contexto, 2012. p. 105-125.

SENNA, Adriana Kivanski. **As tentativas de implantação do divórcio absoluto no Brasil e na imprensa Rio-Grandina (1889-1916)**. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p.290, 2006.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 2. Número 12, p.35-50, 2004.

SCAVONE, Lucila. A Maternidade e o Feminismo: Diálogo com as Ciências Sociais. In.: **Cadernos PAGU**: IFCH/UNICAMP, n16, p. 137-150, 2001.

SCHEMES, Claudia Araújo. Anúncios publicitários: reflexos de épocas e estéticas femininas. **Revista de Ciências Sócios**. Fortaleza, v. 42, número 2, p. 141-153, 2011.

SCOOT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**. Porto Alegre, jul/dez, p.71-99, 1990.

SOIHET, Raquel. PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa histórica das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, número 54, p. 281-300, 2007.

VASCONCELOS, José Antônio. Identidades sociais e crise do conhecimento histórico nos Estados Unidos, década de 1960-1970. **Dimensões**, número 16, p. 81-97, 2004.

VASCONCELOS, José Antônio. **Quem tem medo de teoria?** A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.

Fontes

Fontes pesquisadas:

O CRUZEIRO, 1960-1967.

Todo material pesquisado se encontra disponível para pesquisa no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.